

CONTOS ESTRANHOS



BRAM STOKER




EDITORA
NOVA
FRONTEIRA



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**





BRAM STOKER

CONTOS ESTRANHOS

Tradução Alexandre Barbosa de Souza



Título original: Dracula's guest and other weird stories

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S883c

Stoker, Bram, 1847-1912

Contos estranhos: volume 3 / Bram Stoker; tradução Alexandre Barbosa de Souza. - 1. ed. -
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

Tradução de: Dracula's guest and other weird stories
ISBN 9788520945834

1. Conto irlandês. I. Souza, Alexandre Barbosa de. II. Título.
18-47567

CDD: 828.99153
CDU: 821.111(415)-3

Para meu filho.

Sumário

[PREFÁCIO](#)

[O hóspede de Drácula](#)

[A casa do juiz](#)

[A índia](#)

[O segredo do ouro crescente](#)

[A profecia da cigana](#)

[A vinda de Abel Behenna](#)

[O enterro dos ratos](#)

[Sonho com mãos vermelhas](#)

[Crooken Sands](#)

Prefácio

Alguns meses antes da penosa morte de meu marido — posso até dizer que enquanto a sombra da morte ainda pairava sobre ele —, ele planejava a publicação de três conjuntos de contos, e este volume é um deles. À lista original de contos neste livro, acrescentei um episódio até então inédito de *Drácula*. O conto foi originalmente excluído devido à extensão do romance e pode interessar aos muitos leitores da obra mais notável de meu marido. Os outros contos já foram publicados em periódicos ingleses e norte-americanos. Se tivesse vivido mais tempo, meu marido poderia ter julgado apropriado revisar este livro, escrito principalmente nos primeiros anos de sua vida extenuante. Mas, como o destino me incumbiu de lançá-lo, considere mais justo e apropriado deixá-lo vir à luz praticamente como ele o deixou.

Florence Bram Stoker

O hóspede de Drácula

Quando saímos para tomar a carruagem, o sol brilhava em Munique, e o ar estava repleto da alegria do início do verão. Estávamos quase de partida quando *Herr Delbrück* (*maître d'hôtel* do Quatre Saisons, onde eu estava hospedado) veio, sem chapéu, até a carruagem e, depois de me desejar boa viagem, disse ao cocheiro, ainda segurando a maçaneta:

— Lembre-se de voltar antes de anoitecer. O céu está claro, mas o vento norte está soprando de um jeito que diz que talvez venha uma tempestade a qualquer momento. Mas tenho certeza de que você não vai demorar. — Sorrindo, acrescentou: — Porque você sabe o que teremos hoje à noite.

Johann respondeu com um enfático “*Ja, mein Herr*” e, levando a mão ao chapéu, partiu apressado. Quando já havíamos deixado a cidade para trás, eu disse, fazendo sinal para que parasse:

— Diga-me uma coisa, Johann: o que há de especial hoje à noite?

Ele fez o sinal da cruz e respondeu sucintamente:

— É noite de Walpurgis.

Então ele sacou seu relógio, um grande e antigo objeto de prata alemão do tamanho de um nabo, e viu as horas, juntando as sobancelhas, dando de ombros, impaciente. Entendi que era seu modo de protestar respeitosamente contra o atraso desnecessário e voltei a me acomodar na carruagem, fazendo apenas um sinal para que prosseguisse. Ele partiu rapidamente, como para compensar o tempo perdido. De vez em quando, os cavalos pareciam erguer a cabeça e fungar desconfiadamente. Nessas ocasiões, eu sempre olhava assustado para os lados. A estrada parecia muito desolada, pois atravessávamos uma espécie de platô alto, fustigado pelo vento. Conforme seguíamos,

vi uma estrada aparentemente muito pouco trilhada e que parecia descer por um pequeno vale serpeante. Era tão convidativo que, mesmo sob risco de contrariá-lo, pedi que Johann parasse. Quando parou, eu disse que queria descer por aquela estrada. Ele ofereceu todo tipo de desculpas e fez muitas vezes o sinal da cruz enquanto falava. Aquilo de alguma forma provocou minha curiosidade, de modo que lhe fiz várias perguntas. Ele respondeu com evasivas e, em protesto, olhava para o relógio a todo instante. Por fim, eu disse:

— Bem, Johann, quero seguir por esta estrada. Não vou lhe pedir que venha comigo se não quiser, mas me diga por que não quer. É só o que quero saber.

Em resposta, ele praticamente saltou da carruagem, tamanha a pressa com que chegou ao chão. Estendeu as mãos suplicantes e me implorou que não fosse por ali. Falava um inglês mesclado com o alemão para que eu entendesse o rumo da conversa. A todo instante, parecia prestes a me dizer alguma coisa, mas a própria ideia de fazê-lo evidentemente o apavorava. Ainda assim, a todo momento ele se empertigava, dizendo, enquanto se benzia: “*Walpurgisnacht!*”

Tentei argumentar com ele, mas era difícil argumentar com alguém quando não se sabe a língua. Ele certamente levava vantagem sobre mim, pois, embora começasse falando inglês, um inglês muito cru e estropiado, sempre se excitava e desatava a falar em sua própria língua — e, a cada vez que o fazia, olhava para o relógio. De repente, os cavalos ficaram inquietos e resfolegantes. Ele empalideceu muito, olhou apavorado para os lados, pulou subitamente na frente dos animais e, pegando-os pelos arreios, conduziu-os por pouco mais de cinco metros. Fui atrás dele e perguntei por que havia feito isso. Em resposta, ele fez o sinal da cruz, apontou para o lugar onde estávamos, puxou a carruagem na direção da outra estrada, indicando uma cruz, e disse, primeiro em alemão, depois em inglês:

— Ele enterrado ali, ele mesmo se matou.

Lembrei-me do antigo costume de enterrar suicidas em encruzilhadas:

— Ah! Entendi. Um suicida. Que interessante!

Mas juro que não consegui compreender o que assustara tanto os cavalos.

Enquanto conversávamos, ouvimos um som misto de uivo e latido. Era muito distante, mas os cavalos ficaram agitados, e Johann precisou de muito tempo para acalmá-los. Pálido, ele disse:

— Parece lobo, mas aqui não tem lobo essa época.

— Não? — disse eu, inquisitivamente. — Não é verdade que os lobos chegam a essa distância da cidade?

— Sim — respondeu ele —, na primavera e no verão. Mas, com a neve, os lobos não ficam mais tanto.

Enquanto ele acalmava os cavalos, acarinhando-os, nuvens escuras passaram rapidamente pelo céu. O sol se escondeu, e um sopro de vento frio passou por nós. Mas era apenas uma rajada, mais um alerta do que um fato, pois o sol voltou a brilhar em seguida. Johann olhou para o horizonte com a mão protegendo os olhos e disse:

— A tempestade de neve cai logo.

Ele tornou a olhar para o relógio e, puxando logo as rédeas firmes — pois os cavalos ainda batiam os cascos assustadiços, balançando a cabeça —, voltou a seu banco como se houvesse chegado a hora de seguir viagem.

Fui um tanto obstinado e, a princípio, não quis voltar para a carruagem.

— Conte-me — disse eu — sobre o lugar aonde essa estrada leva.

Apontei para baixo.

Mais uma vez, ele se benzeu e murmurou uma prece, antes de responder:

— É profana.

— O quê? — perguntei.

— A aldeia.

— Então existe uma aldeia?

— Não, não. Ninguém mora lá há centenas de anos.

Minha curiosidade foi provocada.

— Mas você disse que existia uma aldeia.

— Existia.

— Onde fica hoje em dia?

Com isso, ele desatou a contar uma longa história em alemão e inglês tão confusa que não pude entender exatamente do que se tratava. Por alto, porém, captei que há muito tempo, centenas de anos atrás, homens haviam morrido ali e foram enterrados em suas sepulturas. Tempos depois, ao ouvirem sons vindos de debaixo da terra, abriram as sepulturas e foram encontrados homens e mulheres corados e cheios de vida, com a boca vermelha de sangue. Então, na pressa de salvarem suas vidas — e suas almas! (e aqui novamente ele se benzeu) —, aqueles que sobreviveram fugiram para outros lugares, onde os vivos viviam e os mortos estavam mortos e não havia... Não havia alguma coisa.

Ele evidentemente estava com medo de dizer as últimas palavras. Conforme prosseguiu com a narrativa, foi ficando cada vez mais agitado. Parecia que sua imaginação tomara conta de si, e ele terminou a história num perfeito paroxismo de medo — semblante pálido, transpirando, tremendo e olhando para os lados, como se esperasse que uma presença pavorosa fosse se manifestar ali em plena luz do dia em campo aberto. Por fim, com agonia desesperada, gritou:

— Walpurgisnacht!

Ele apontou para mim e para a carruagem onde eu deveria entrar. Todo o meu sangue inglês subiu nessa hora e, recuando, eu disse:

— Você está com medo, Johann. Você está com medo. Volte para casa. Voltarei sozinho, a caminhada me fará bem.

A porta da carruagem estava aberta. Peguei no assento minha bengala de carvalho, que sempre levo em minhas excursões nas férias, e fechei a porta, apontando o caminho de volta para Munique.

— Vá embora, Johann. Walpurgisnacht não assusta inglês.

Os cavalos agora estavam mais rebeldes do que nunca, e Johann tentava controlá-los enquanto enfaticamente implorava para que eu não cometesse tamanha tolice. Tive pena do pobre coitado, que estava sendo profundamente sincero, mas, ao mesmo tempo, não consegui conter o riso. A essa altura, seus

rudimentos de inglês haviam desaparecido. Angustiado, esquecera que a única maneira de se fazer entender era falar minha língua, de modo que agora disparava em seu alemão natal. Aquilo começou a me entediar um pouco. Depois de lhe mostrar a direção e lhe mandar voltar para casa, virei-me para a encruzilhada e segui em direção ao vale.

Com um gesto desesperado, Johann virou seus cavalos em direção a Munique. Apoiei-me em minha bengala e olhei para ele. Ele seguiu lentamente pela estrada, até que um homem alto e magro surgiu no alto da encosta. Foi o que pude perceber àquela distância. Quando ele se aproximou dos cavalos, os animais começaram a saltar, a escoicear e, depois, a relinchar aterrorizados. Johann não conseguiu mais contê-los, e eles dispararam pela estrada, em um galope enlouquecido. Fiquei a observá-los até onde pude e, afinal, olhei para o desconhecido, mas descobri que ele também desaparecera.

Com o coração leve, desci pela estradinha que atravessava o fundo do vale a que Johann fizera objeção. Eu não conseguia vislumbrar motivo algum para o receio dele em seguir aquela direção. Caminhei por algum tempo sem pensar na hora ou na distância, e seguramente não vi ninguém, nem casa alguma. Quanto ao lugar, era a própria imagem da desolação, mas só reparei nisso quando, ao fazer uma curva na estrada, me deparei com a borda esparsa de um arvoredos. Só então percebi que, inconscientemente, eu ficara impressionado com a desolação da paisagem por onde havia passado.

Sentei-me para descansar e comecei a observar a região. Percebi que ali já estava consideravelmente mais frio do que no início da caminhada; parecia haver ao meu redor uma espécie de som suspirado e, vez por outra, bem lá no alto, uma espécie de rugido abafado. Olhando para cima, notei que grandes nuvens espessas se deslocavam rapidamente do norte para o sul a uma grande altitude. Havia sinais de uma tempestade chegando em algum estrato remoto do ar. Senti um pouco de frio, mas, pensando ser por ter ficado parado tempo demais após o esforço da caminhada, retomei minha jornada.

O terreno por onde eu passava era agora muito mais pitoresco. Não havia nenhum objeto impressionante que o olho pudesse destacar, mas em tudo havia beleza. Descuidei da hora, e só quando o crepúsculo se impôs intensamente sobre mim comecei a pensar em como encontraria o caminho de volta. A luz do dia estava esvanecendo. O ar estava frio e o movimento das nuvens no céu ficou mais evidente. Elas eram acompanhadas por uma espécie de som distante, através do qual parecia surgir às vezes aquele uivo misterioso que o cocheiro dissera ser de lobo. Por um momento, hesitei. Mas, como eu prometera visitar a aldeia abandonada, segui viagem até chegar a uma larga clareira no campo aberto, cercada de encostas por todos os lados.

As encostas eram cobertas de árvores que se espalhavam até a planície do vale, juncando de arvoredos os aclives delicados e as ravinas que apareciam aqui e ali. Acompanhei com os olhos o serpentear da estrada e notei que ela fazia uma curva perto de um desses arvoredos mais densos e se perdia atrás dele. Enquanto eu observava o local, senti uma lufada fria e começou a nevar. Pensei nos quilômetros e quilômetros de terras desoladas por onde passara e corri para me abrigar sob o arvoredado. O céu foi ficando cada vez mais escuro, assim como a nevasca se intensificou, até que a terra diante de mim e à minha volta se tornou um tapete branco reluzente cuja extremidade mais distante se perdia em nebulosa vagueza. Havia uma estrada rústica, em cujas margens os limites não eram muito bem marcados, como nos cortes da encosta. Em pouco tempo percebi que havia me perdido da trilha, pois pisei em falso, afundando meu pé na relva e no musgo.

Nesse momento, o vento ficou mais intenso e soprou com força cada vez maior, até que não tive escolha senão correr. O ar ficou gélido e, apesar dos meus esforços, não conseguia suportá-lo sem sofrimento. A neve agora caía espessa e rodopiava à minha volta em espirais tão rápidas que eu mal conseguia manter os olhos abertos.

De quando em quando, o céu se rasgava com vívidos relâmpagos, e pude ver nos clarões à minha frente uma grande massa de árvores, sobretudo teixos e ciprestes, todos

pesadamente cobertos de neve. Logo me vi sob o abrigo das árvores e, em relativo silêncio, pude ouvir o rumor do vento lá no alto. O negror da tempestade se mesclara à escuridão da noite. Aos poucos, a tempestade parecia diminuir, pois agora se manifestava apenas em ferozes rajadas de vento. Nesses momentos, o estranho som do lobo parecia ecoar em muitos sons similares ao meu redor.

Às tantas, através da massa negra de nuvens semoventes, veio um solitário feixe de luar que iluminou o espaço e me mostrou que eu estava na borda de uma densa mata de ciprestes e teixos. Como havia parado de nevar, saí de meu abrigo e comecei a investigar a região. Pareceu-me que, entre as muitas fundações antigas pelas quais eu passara, talvez pudesse haver alguma casa, ainda que em ruínas, onde eu pudesse encontrar algum tipo de abrigo por um tempo. Contornando a borda da mata, encontrei um muro baixo, e, ao seguir seu desenho, cheguei a uma entrada. Ali os ciprestes formavam uma alameda que levava a uma espécie de edifício quadrado. Assim que tive esse vislumbre, contudo, as nuvens se moveram e esconderam a lua, obrigando-me a seguir pela alameda às escuras. O vento devia ter esfriado, pois me senti trêmulo enquanto caminhava. Mas, como havia esperança de abrigo, segui tateando meu caminho às cegas.

Subitamente, tudo ficou quieto e me vi obrigado a parar. A tempestade havia passado e, talvez por afinidade com o silêncio da natureza, meu coração pareceu parar de bater. Tudo, porém, durou apenas um momento, pois de repente o luar atravessou as nuvens, mostrando-me que eu estava num cemitério e que o objeto diante de mim era um imenso mausoléu de mármore, branco como a neve que havia em cima e aos lados da tumba. Com o luar, veio também um violento suspiro da tempestade, que pareceu retomar seu curso com um longo e grave uivo, semelhante ao dos lobos. Chocado, senti um temor reverente e um frio que crescia em mim até parecer agarrar meu coração. Então, enquanto os influxos do luar ainda caíam sobre o mármore da tumba, a tempestade deu mais provas de se renovar, como se retomasse seu caminho. Impelido por uma

espécie de fascínio, aproximei-me do sepulcro para tentar apurar o que era e por que se encontrava em local tão isolado. Dei a volta no mausoléu e li, sobre a porta dórica, escrito em alemão: “*Condessa Dolingen de Gratz / Da Estíria / Buscou e encontrou a morte / 1801.*”

No alto da tumba, aparentemente enfiada no mármore sólido, pois a estrutura era composta por alguns poucos blocos imensos de pedra, havia uma grande lança ou estaca de ferro. Ao chegar aos fundos do mausoléu, vi, gravado em grandes caracteres russos: “*Os mortos viajam depressa.*”

Havia algo tão estranho e sobrenatural em tudo aquilo que fiquei tonto e me senti a ponto de desmaiar. Comecei a pensar, pela primeira vez, que deveria ter seguido o conselho de Johann. Ali me ocorreu um pensamento, que veio sob circunstâncias quase misteriosas e me abalou terrivelmente: era noite de Walpurgis.

Noite de Walpurgis, quando, segundo a crença de milhões de pessoas, o Diabo estava solto; quando as sepulturas se abriam e os mortos saíam e caminhavam entre os vivos; quando todas as criaturas malignas da terra, do ar e da água faziam suas orgias. E aquele lugar que o cocheiro evitara a todo custo era a aldeia abandonada havia séculos. Era ali que jaziam os suicidas, e era exatamente ali que eu estava sozinho, sem auxílio, tremendo de frio naquela mortalha de neve, com uma nevasca se formando outra vez sobre mim. Precisei recorrer a toda a minha filosofia, toda a religião que me ensinaram, toda a minha coragem, para não cair num paroxismo de medo.

De repente, um tornado estourou sobre mim. O chão tremeu como o estrondo de milhares de cavalos em disparada, e dessa vez a tempestade veio com asas de granizo. As grandes pedras de gelo vinham com tanta violência que tornaram o abrigo dos ciprestes tão inútil quanto um milhoal. A princípio, corri para a árvore mais próxima, mas logo fugi e busquei o único lugar que parecia oferecer refúgio: o profundo umbral dórico do mausoléu de mármore. Agachado junto à imensa porta de bronze, protegi-me um pouco do impacto do granizo, pois ali as pedras de gelo só me atingiam após ricochetear no piso de mármore da lateral.

Ao me encostar na porta, ela se moveu ligeiramente e abriu para dentro. O abrigo, ainda que fosse uma tumba, foi bem-vindo naquela tempestade impiedosa, e eu estava prestes a entrar nele quando o clarão de um relâmpago bifurcado iluminou toda a extensão do céu.

Nesse instante, juro pela minha vida, vi, quando meus olhos se voltaram para a escuridão da tumba, uma linda mulher, de maçãs do rosto pronunciadas e lábios vermelhos, aparentemente dormindo em um esquife. Quando o trovão estrondeou no céu, fui agarrado como pela mão de um gigante e levado para fora no meio da tempestade. Tudo aconteceu tão de repente que, antes que eu me recuperasse do choque, tanto moral quanto físico, senti as pedras de granizo me atingirem. Ao mesmo tempo, tive uma sensação estranha e inescapável de que não estava sozinho. Olhei para a tumba. Nesse momento veio outro clarão ofuscante, que pareceu atingir a estaca de ferro no alto do mausoléu e penetrar na terra, explodindo o mármore em pedaços, com um fulgor flamejante.

A mulher morta se ergueu por um momento de agonia, enquanto era lambida pelas labaredas, e seu grito amargo de dor foi abafado pelo estrondo do trovão. A última coisa que ouvi foi esse misto de sons pavorosos, pois novamente fui pego pela mão de um gigante e arrastado dali, ao mesmo tempo que o granizo me açoitava e o ar à minha volta parecia reverberar com o uivo dos lobos. A última coisa que me lembro de ter visto foi uma massa vaga e branca se movendo, como se todas as sepulturas ao meu redor tivessem expulsado os fantasmas de seus defuntos amortalhados e eles me cercassem em meio à nebulosidade branca da tempestade de granizo.

Aos poucos, uma espécie de vago sinal de consciência começou a voltar; depois, uma sensação de estranheza pavorosa. Durante algum tempo, não consegui me lembrar de nada, mas lentamente recuperei os sentidos. Meus pés pareciam completamente tomados pela dor, mas eu não conseguia movê-los. Estavam como que anestesiados. Sentia um frio gélido na nuca e em toda a espinha, e meus ouvidos, assim como meus pés, estavam inertes, embora atormentados. Curiosamente,

havia em meu peito uma sensação de calor deliciosa. Era um pesadelo — um pesadelo físico, se for possível usar tal expressão —, pois eu sentia um peso no peito que me dificultava a respiração.

O período de quase letargia pareceu ter durado algum tempo, durante o qual devo ter dormido ou desmaiado. Em seguida, me veio uma náusea, como a que se sente no mar, e um desejo desenfreado de me libertar de alguma coisa que eu não sabia o que era. Uma vasta quietude me envolveu, como se o mundo inteiro estivesse adormecido ou morto, somente interrompida pela respiração baixa e ofegante de algum animal perto de mim. Senti um raspão quente no pescoço e me veio à consciência a horrível verdade, que me esfriou o coração e impulsionou o sangue às pressas ao meu cérebro: havia um grande animal deitado sobre mim e lambendo meu pescoço. Tive medo de me mover, de modo que um instinto prudente me mandou ficar imóvel. Ainda assim, a criatura pareceu perceber que havia alguma mudança em mim, pois ergueu a cabeça. Pelas pálpebras entrecerradas, vi os grandes olhos faiscantes de um lobo gigantesco. Seus dentes brancos e agudos reluziam na boca vermelha escancarada, e pude sentir o calor de seu hálito feroz e pungente.

Durante um tempo, não me dei conta de nada, até que fui despertado de minha letargia por um rugido grave, seguido de um ganido, que se repetia de tempos em tempos. A uma grande distância, ouvi muitas vozes chamando em uníssono. Cuidadosamente, ergui a cabeça e olhei na direção de onde vinha o som, mas o cemitério bloqueava minha visão. O lobo continuava a ganir de modo estranho e um clarão avermelhado começou a se mover em torno do bosque de ciprestes, como se seguisse o som. Conforme as vozes se aproximaram, o lobo passou a ganir mais depressa e mais alto. Tive medo de fazer qualquer som ou movimento. O clarão avermelhado se aproximou, pairando sobre o manto branco que se estendia na escuridão à minha volta.

Subitamente, por trás das árvores, surgiu uma tropa de cavaleiros trazendo tochas. O lobo se ergueu do meu peito e foi

para o cemitério. Vi um dos cavaleiros — soldados, a julgar pelos chapéus e pelas longas capas militares — erguer a carabina e mirar. Um companheiro desviou-lhe o braço na hora e ouvi a bala zunir sobre minha cabeça. Evidentemente, ele tomara meu corpo pelo do lobo. Um terceiro avistou o animal fugindo e outro tiro se seguiu. Então, a galope, a tropa avançou — alguns na minha direção, outros atrás do lobo, que desapareceu entre os ciprestes nevados. Quando eles se aproximaram, tentei me mover, mas estava sem forças, embora conseguisse enxergar e ouvir tudo o que se passava à minha volta. Dois ou três soldados saltaram de seus cavalos e se ajoelharam ao meu lado. Um deles ergueu minha cabeça e pôs a mão sobre meu coração.

— A notícia é boa, camaradas — gritou ele. — O coração dele ainda está batendo.

Então despejaram um pouco de conhaque em minha garganta, o que me revigorou e me permitiu abrir totalmente os olhos. Havia luzes e sombras se movendo entre as árvores, e ouvi os soldados chamando os companheiros. Eles se reuniram, trocando exclamações aflitas; as luzes bruxuleavam quando os outros voltaram das ruínas do cemitério, parecendo possessos. Quando eles se aproximaram de nós, os que já estavam comigo lhes perguntaram avidamente:

— Bem, vocês o encontraram?

A resposta veio apressadamente:

— Não. Nada. Vamos logo. Depressa! Aqui não é lugar para ficar, especialmente esta noite.

“O que era aquilo?” era a pergunta feita por todos. As respostas foram distintas e indefinidas, como se os homens se sentissem movidos por um impulso comum para falar, mas constrangidos por um medo comum de partilhar seus pensamentos.

— Aquilo... Aquilo... De fato — balbuciou um soldado, cuja razão evidentemente o abandonara por um momento.

— É um lobo, mas também não é um lobo — outro deixou escapar, ainda trêmulo.

— Nem adianta atirar nele sem bala consagrada — comentou um terceiro, como se fosse algo banal.

— Bem feito por termos saído esta noite! Realmente merecemos nossos mil marcos — foram as conclusões de um quarto.

— Havia sangue no mármore partido — disse outro após uma pausa. — O raio jamais teria deixado manchas de sangue ali. E quanto a ele, está a salvo? Verifiquem o pescoço dele. Vejam, camaradas, o lobo estava deitado em cima dele e manteve o sangue dele aquecido.

O oficial verificou meu pescoço e respondeu:

— Ele está bem, a pele não foi perfurada. O que será que isso quer dizer? Jamais o teríamos encontrado não fossem os ganidos do lobo.

— E o que aconteceu com o lobo? — perguntou o homem que segurava minha cabeça erguida e que parecia o menos afetado pelo pânico do grupo, pois suas mãos eram firmes e não tremiam. Em seu ombro, havia a divisa de pequeno oficial.

— Foi para casa — respondeu o homem cujo rosto acobalhado estava pálido e que estremecia de terror ao olhar assustado para os lados. — Há muitas sepulturas ali para ele. Vamos, camaradas. Vamos logo. Vamos embora deste lugar maldito.

O oficial me ajudou a sentar enquanto dava suas ordens e logo depois vários homens me puseram sobre um cavalo. Ele montou na sela atrás de mim, abraçou-me e deu o comando para partir. Dando as costas para os ciprestes, cavalgamos rapidamente dali. Até aquele momento minha língua se recusava a funcionar e fiquei calado. Devo ter adormecido, porque, quando dei por mim, estava sendo posto de pé, apoiado por um soldado de cada lado.

Já era quase dia. Ao norte, uma faixa vermelha de luz do sol se refletia como uma trilha de sangue sobre a vastidão nevada. O oficial pediu que os homens não comentassem nada sobre o que haviam visto, exceto o fato de terem me encontrado protegido por um enorme cão.

— Um cão? Aquilo não era um cão — interrompeu o homem que se mostrara mais apavorado. — Acho que sei reconhecer um lobo quando vejo um.

O jovem oficial respondeu calmamente:

— Eu disse um cão.

— Cão — reiterou o outro, ironicamente. Era evidente que sua coragem ia aumentando com o nascer do sol. E, apontando para mim, ele disse: — Veja o pescoço dele. Isso é mordida de cachorro, senhor?

Instintivamente, levei a mão ao pescoço e, ao tocá-lo, gritei de dor. Os homens acudiram para ver o que era, alguns apeando das selas, e novamente a voz calma do jovem oficial interveio:

— Um cão, foi o que eu disse. Se alguém disser outra coisa, seremos alvo de chacota.

Fui, então, montado atrás de um soldado e seguimos a cavalo até os subúrbios de Munique. Ali nos deparamos com um cabriolé de aluguel, no qual me embarcaram, e seguimos assim até o Quatre Saisons — o jovem oficial me acompanhando, enquanto um soldado ia atrás a cavalo, e os outros voltaram aos alojamentos.

Quando chegamos, *Herr* Delbrück desceu tão depressa a escada para me receber que ficou evidente que estivera espiando atrás da porta. Dando-me as duas mãos, solícitamente, conduziu-me para dentro. O oficial me saudou e estava se virando para partir quando me dei conta de sua intenção e insisti para que fosse até meus aposentos. Com uma taça de vinho, agradei afetuosamente a ele e aos seus bravos camaradas por me salvarem. Ele respondeu simplesmente que estava feliz em ajudar e que *Herr* Delbrück havia a princípio tomado providências para que todo o grupo de busca fosse recompensado, ao que o *maître d'hôtel*, diante da ambiguidade da frase, sorriu, enquanto o oficial se lembrou de suas obrigações e se retirou.

— Mas, *Herr* Delbrück, como e por que os soldados foram me procurar? — perguntei.

Ele deu de ombros, como se desmerecesse o próprio feito, ao responder:

— Tive a sorte de obter permissão do comandante do regimento no qual servi para arregimentar voluntários.

— Mas como o senhor sabia que eu estava perdido? — perguntei.

— O cocheiro chegou com o que lhe restou da carruagem, porque os cavalos fugiram.

— Mas o senhor arregimentou um grupo de busca com soldados só por isso?

— Oh, não! — respondeu ele. — Mas antes mesmo de o cocheiro chegar eu já havia recebido este telegrama do boiardo de quem o senhor é convidado. — Ele tirou do bolso um telegrama, no qual se lia:

“Bistritz,

Cuide bem de meu hóspede, pois a segurança dele é muito valiosa para mim. Caso algo lhe aconteça, ou se ele desaparecer, não meça esforços para encontrá-lo e garantir que esteja em segurança. Ele é inglês e, portanto, aventureiro. Há sempre o perigo da neve e dos lobos à noite. Não hesite nem por um momento se desconfiar que ele corre algum perigo. Recompensarei sua atenção com minha fortuna. — Drácula.”

Com o telegrama em mãos, o quarto pareceu rodopiar à minha volta, e, se o atencioso *maître d’hôtel* não tivesse me segurado, creio que teria caído. Havia algo tão estranho naquilo tudo, algo tão bizarro e impossível de imaginar, que cresceu em mim a sensação de estar sendo um brinquedo nas mãos de forças opostas — e a mera ideia parecia de alguma forma me paralisar. Eu estava certamente sob alguma forma de proteção misteriosa. De um país distante, viera, bem na hora, uma mensagem que me havia livrado do perigo de morrer na neve e nas presas do lobo.

A casa do juiz

Quando a data do exame foi se aproximando, Malcolm Malcolmson resolveu procurar algum lugar no qual pudesse estudar sozinho. Receava as atrações do litoral e temia o completo isolamento rural, pois já conhecia bem seu fascínio, portanto decidiu encontrar alguma cidadezinha despretensiosa em que não houvesse nada que o distraísse. Evitou pedir sugestão aos amigos, por alegar que só recomendariam lugares que já conhecessem e onde ele encontraria conhecidos. Como queria evitar amigos, Malcolmson não tinha nenhum interesse em se comprometer com a atenção de amigos de amigos e decidiu procurar um lugar sozinho.

Encheu uma valise com algumas roupas e todos os livros de que precisaria e comprou uma passagem para o primeiro nome desconhecido da lista dos trens na estação. Ao fim de três horas de viagem, quando desceu em Benchurch, ficou satisfeito por ter conseguido até ali apagar os vestígios de seus passos de modo a garantir uma oportunidade de estudar em paz. Foi direto a uma hospedaria que havia no lugarejo e pediu para pernoitar. Benchurch tinha um velho mercado e uma semana por mês lotava de visitantes. Mas nos 21 dias restantes do mês era um deserto só.

No dia seguinte, Malcolmson procurou um lugar ainda mais isolado que o já tranquilo Bom Peregrino em que estava hospedado. Apenas um lugar despertou sua imaginação e satisfez suas ideias mais extremadas sobre quietude. A bem da verdade, *quietude* não era a palavra exata. *Desolação* seria o único termo capaz de transmitir uma ideia adequada de seu isolamento.

Era uma casa velha, desconjuntada, em pesado estilo jacobino, com torres e janelas muito grossas, estranhamente

pequenas e mais altas do que de costume, cercada por um muro largo e altíssimo de tijolos. Na verdade, examinando melhor, parecia mais uma fortificação do que uma moradia comum. Mas todas essas coisas agradaram a Malcolmson. “Eis o lugar que eu estava procurando. Se eu puder ficar aqui, serei feliz”, pensou ele. Sua alegria aumentou ao se certificar de que não havia ninguém morando ali.

No correio, conseguiu o nome do agente imobiliário, que ficou muito surpreso com a proposta de aluguel de uma parte da velha casa. O sr. Carnford, advogado e agente imobiliário da vila, era um simpático cavalheiro de idade, que confessou sua alegria por alguém querer morar na casa.

— Para falar a verdade — disse ele —, eu ficaria feliz, em nome dos proprietários, em deixar qualquer pessoa ficar com a casa sem pagar aluguel por alguns anos, ainda que seja só para os moradores locais a verem habitada. Ela está vazia há tanto tempo que um preconceito absurdo foi crescendo a respeito da casa, e a melhor forma de combater isso é ocupá-la, ainda que — acrescentou ele, olhando de esguelha para Malcolmson — seja um estudioso como o senhor, que deseja aproveitar um pouco do silêncio.

Malcolmson achou desnecessário perguntar ao corretor sobre aquele “preconceito absurdo”; ele sabia que conseguiria mais informações sobre o assunto em outra ocasião, caso desejasse. Pagou três meses de aluguel, guardou o recibo e o nome de uma senhora que provavelmente “faria tudo” por ele, e saiu com a chave no bolso. Depois, foi até a dona da hospedaria, uma pessoa alegre e muito gentil, e perguntou onde poderia obter mantimentos e provisões de que precisasse. Ela ergueu os braços, espantada, quando ele disse que ficaria na região.

— Não na casa do juiz — disse ela, que empalideceu ao falar.

Ele explicou a localização da casa, dizendo que não sabia o nome. Ao terminar, ela disse:

— É, sem dúvida é essa mesma. É a casa do juiz, com certeza.

Ele pediu que ela lhe contasse mais sobre o lugar, por que tinha esse nome e o que ela tinha contra a casa.

A senhora contou que a habitação era assim chamada na região porque muitos anos antes — ela não saberia precisar quantos, pois era de outra parte do país, mas acreditava que a história tivesse mais de cem anos — fora casa de um juiz que inspirava grande terror por conta de suas duras sentenças e sua hostilidade aos prisioneiros nos Assizes. Quanto ao que havia contra a casa em si, ela não saberia dizer. Muitas vezes perguntara na vizinhança, mas nunca ninguém soubera informar. Havia, no entanto, a sensação comum de que havia *alguma coisa*. Ela fez questão de frisar que, nem por todo o dinheiro do Drinkwater's Bank, não ficaria naquela casa uma hora sequer sozinha. Logo depois, pediu desculpas a Malcolmson pelas palavras destemperadas.

— Na minha opinião, é ruim que o senhor, além de tudo um jovem cavalheiro, se me perdoa dizer, vá viver lá sozinho. Se fosse meu filho, e o senhor me desculpe dizer, você não dormiria lá uma noite, nem que eu tivesse que entrar lá sozinha e arrancar o sino lá de cima.

A boa criatura era tão sincera e suas intenções eram tão boas que Malcolmson, embora divertido, ficou comovido. Ele disse o quanto agradecia pela atenção dela, e acrescentou:

— Mas, minha cara sra. Witham, a senhora não precisa se preocupar comigo. Um sujeito que está estudando para os exames de matemática da universidade tem muito o que pensar para se atormentar com essas “coisas” misteriosas, e meu trabalho é de natureza muito precisa e prosaica para permitir que um recanto do meu espírito oculte qualquer tipo de mistério. Progressões harmônicas, permutações, combinações e funções elípticas são mistérios suficientes para mim.

A sra. Witham gentilmente atendeu aos seus pedidos e, depois, ele foi procurar a mulher que haviam lhe recomendado. Ao voltar para a casa do juiz com ela, após algumas horas, encontrou a própria sr. Witham o esperando na porta, juntamente com vários homens e meninos carregados de pacotes e de um carregador com uma cama sobre a carroça. Sem esperar muito,

a senhora lhe disse que, ainda que mesas e cadeiras velhas pudessem ser úteis, uma cama que não foi arejada durante décadas não era própria para aqueles ossos tão jovens. Ela estava evidentemente curiosa para ver a casa por dentro; e, conquanto sentisse medo das “coisas”, se agarrou a Malcolmson — a quem não largou nem por um momento — para realizar seu desejo.

Após examinar a casa, Malcolmson resolveu se instalar na grande sala de jantar, que era espaçosa o bastante para tudo o que ele precisava. A sra. Witham, com a ajuda da diarista, a sra. Dempster, foi cuidar de seus afazeres. Quando os cestos chegaram e foram abertos, Malcolmson notou que, com previdência generosa, ela trouxera da própria cozinha provisões suficientes para alguns dias. Antes de ir embora, ela lhe desejou tudo de bom e, já na porta, se virou e disse:

— Talvez, senhor, como a sala é grande e ventilada, seja bom o senhor ter um desses biombos grandes em volta da cama à noite. Ainda que, verdade seja dita, eu mesma morreria se tivesse que ficar trancada aqui sozinha com todo tipo de... de “coisas”, enfiando as cabeças pelos lados, por cima do biombo, e olhando para mim.

A imagem evocada foi demais para seus próprios nervos e ela se foi logo em seguida.

A sra. Dempster fungou com superioridade assim que ela saiu e comentou que, de sua parte, não tinha medo de nenhum dos fantasmas do reino.

— Vou dizer para o senhor o que são esses espíritos. Um fantasma pode ser qualquer coisa, menos fantasma: um rato, um camundongo, um inseto; uma porta que range, uma telha solta, uma janela quebrada, um puxador de gaveta frouxo que soltou quando você puxou e depois cai no meio da noite... Olha esses painéis. São velhos, devem ter centenas de anos! O senhor acha que não tem nenhum rato ou inseto aí atrás? E o senhor pensa que não vai encontrar nenhum? O fantasma é um rato, e o rato é que é o fantasma, estou lhe dizendo. Não vá o senhor pensar diferente disso.

— Sra. Dempster — disse Malcolmson, sério, fazendo-lhe uma mesura polida —, a senhora sabe mais do que o melhor matemático de Cambridge. Permita-me dizer que, como sinal de estima por sua indiscutível sanidade da mente e do coração, quando eu for embora, darei à senhora o direito de ficar com a casa. Antes, inclusive. A senhora pode ficar aqui pelos últimos dois meses da minha estada, pois quatro semanas serão o bastante para meu intento.

— É muita gentileza do senhor. Obrigada — respondeu ela. — Mas não posso dormir fora de casa. Moro no Lar de Caridade Greenhow e, se eu dormir fora do meu quarto uma noite, posso perder a única coisa que tenho. A regra é muito rígida e tem muita gente de olho na minha vaga para eu correr esse risco. Só por isso não aceito, senhor, mas virei com prazer trabalhar aqui e atendê-lo durante sua estada.

— Minha boa senhora — disse Malcolmson prontamente —, vim para cá com a intenção de ficar sozinho e, acredite, sou grato ao falecido Greenhow por ter organizado dessa maneira sua admirável obra de caridade, seja o que isso for, de modo que me é negada a oportunidade de sofrer dessa forma de tentação. O próprio santo Antônio não poderia ser mais rígido nesse aspecto.

A velha senhora riu bruscamente.

— Ah, vocês, jovens cavalheiros — disse ela. — Não têm medo de nada mesmo. Aposto que você terá toda a solidão que quiser por aqui.

Ela se pôs a limpar a casa. Ao anoitecer, quando Malcolmson voltou de sua caminhada — sempre levava um livro para estudar enquanto caminhava —, encontrou a sala varrida e arrumada, o fogo aceso na velha lareira, bem como o lampião, e a mesa posta para o jantar com as excelentes iguarias da sra. Witham.

— Isso, sim, é conforto — disse ele, esfregando as mãos.

Depois de terminar o jantar, levou a bandeja para a outra ponta da grande mesa de carvalho, pegou novamente seus livros, pôs mais lenha no fogo, ajustou o pavio de seu lampião e se pôs a trabalhar duro por um bom tempo. Seguiu sem pausas até quase 11 da noite, quando parou um pouco para avivar o

fogo, ajustar o lampião e preparar para si mesmo uma xícara de chá. Sempre gostara de chá. Durante os anos de faculdade, ficava até tarde estudando e saboreando a bebida. Mais do que isso seria um grande luxo para ele, que desfrutava do chá com uma sensação de naturalidade deliciosa e voluptuosa. O fogo reavivado soltou labaredas e fagulhas, lançando estranhas sombras por toda a sala antiga e espaçosa. Enquanto bebericava seu chá quente, Malcolmson se deleitou com a sensação de isolamento de seus semelhantes. Só então começou a reparar, pela primeira vez, no barulho que os ratos faziam.

“Certamente”, pensou, “eles não podiam estar fazendo isso quando eu estava estudando. Se estivessem, eu teria reparado.” Quando o barulho aumentou, ele se deu por satisfeito, considerando ser algo que havia começado só naquele momento. Era evidente que, a princípio, os ratos haviam se assustado com a presença de um desconhecido e com a luz do fogo e do lampião. Mas, com o passar do tempo, foram ficando mais ousados e agora estavam à vontade para fazer o que quisessem.

Como estavam agitados! E que ruídos estranhos faziam! Para cima e para baixo, atrás dos velhos painéis que revestiam a sala, acima do teto e embaixo do assoalho, eles corriam, roíam e arranhavam! Malcolmson sorriu consigo mesmo ao se lembrar da frase da sra. Dempster: “O fantasma é um rato, e o rato é que é o fantasma.”

O chá começou a fazer o efeito de estímulo intelectual e nervoso. Ele contemplou com alegria outra longa jornada de trabalho ainda aquela noite e, com a sensação de segurança que essa perspectiva lhe dava, permitiu-se a extravagância de dar uma boa olhada no resto da sala. Pegou o lampião e deu uma volta na sala, imaginando por que uma casa antiga tão luxuosa e bela ficara tanto tempo abandonada. Os entalhes no carvalho dos painéis eram sofisticados e de raro engenho, e ficavam lindos sobre portas e janelas. Havia pinturas antigas nas paredes, mas estavam cobertas por uma camada tão grossa de pó e sujeira que ele não conseguia distinguir nenhum detalhe dos quadros, mesmo erguendo o lampião o mais alto que podia.

Aqui e ali, ele se deparou com algumas rachaduras ou buracos bloqueados momentaneamente pela cara de um rato, com olhos brilhantes refletindo a luz, mas que, no instante seguinte, fugia, seguido por um guincho e um tropel. O que mais o impressionou, contudo, foi a corda do grande sino no topo da casa, que pendia a um canto da sala, à direita da lareira. Puxou para perto da lareira uma grande cadeira de carvalho de espaldar alto e se sentou para uma última xícara de chá. Depois de beber, avivou o fogo e voltou a trabalhar, sentando-se no canto da mesa, com a lareira à sua esquerda. Por um breve intervalo, os ratos o distraíram com incessantes tropelias, mas ele acabou se acostumando àqueles ruídos, como quem se acostuma com o tiquetaquear de um relógio ou com o rumor da água corrente, e ficou tão imerso em seu trabalho que o resto do mundo, exceto o problema que estava tentando resolver, passou-lhe ao largo.

Subitamente, ergueu os olhos, com o problema ainda por resolver, e sentiu no ar aquele momento que antecede a madrugada, tão pavoroso para quem vive a elucubrar. O barulho dos ratos havia cessado. Na verdade, pareceu-lhe que o ruído só parara naquele momento e que o súbito silêncio é que o perturbara. O fogo havia diminuído, mas ainda emitia um clarão vermelho intenso. Quando se virou, teve um sobressalto, apesar de seu sangue-frio.

Ali mesmo, na grande cadeira de carvalho de espaldar alto, à direita da lareira, havia um rato enorme, encarando-o fixamente com olhos sinistros. Ele fez menção de atacar para espantá-lo, mas o bicho nem se mexeu. Então, ele fez que iria atirar alguma coisa. Ainda assim o rato ficou parado, mas mostrou, irritado, os grandes dentes brancos, e seus olhos cruéis brilharam à luz do lampião cheios de vingança.

Malcolmson ficou espantado e, buscando o atizador da lareira, correu até o rato para matá-lo. Antes de conseguir atingi-lo, contudo, o roedor, com um guincho que soou como um concentrado de ódio, pulou para o assoalho e, subindo pela corda do sino, desapareceu no escuro, além do alcance do lampião de cúpula esverdeada. Instantaneamente, por estranho

que pareça, o tropel ruidoso dos ratos atrás dos painéis de madeira voltou.

Nesse momento, Malcolmson já não pensava mais nos estudos. Foi quando o canto agudo de um galo anunciou-lhe a chegada da manhã, ele foi para a cama e adormeceu.

Dormiu tão profundamente que não acordou nem quando a sra. Dempster veio arrumar o quarto. Só depois de ela já haver arrumado tudo, preparado seu desjejum e batido no biombo onde estava sua cama é que ele acordou. Ainda estava um pouco cansado do trabalho duro da noite anterior, mas uma xícara de chá bem forte logo o despertou. Ele pegou seu livro e saiu para a caminhada matinal, levando consigo alguns sanduíches para não se preocupar de voltar a tempo do jantar.

Encontrou uma trilha tranquila entre altos olmos nos arredores da cidade e passou ali a maior parte do dia estudando seu Laplace. Na volta, passou para visitar a sra. Witham e agradecer por sua gentileza. Quando ela o viu pelos losangos de vidro da porta de seu estabelecimento, saiu para encontrá-lo e pediu que entrasse. Observou-o inquisitivamente e balançou a cabeça ao dizer:

— O senhor não deve exagerar. Está mais pálido hoje do que deveria estar. Dormir tarde e forçar demais o cérebro não faz bem a ninguém. Mas, diga-me, o senhor passou bem a noite? Espero que sim. Juro, meu senhor, que fiquei contente quando a sra. Dempster me contou hoje cedo que o senhor estava bem e dormindo profundamente quando ela chegou.

— Oh, passei muito bem — respondeu ele, sorridente. — As “coisas” não me incomodaram ainda. Só os ratos, que fizeram um verdadeiro circo, devo dizer, na casa inteira. Um velho diabo de olhar maligno chegou a sentar na minha cadeira junto do fogo e só fugiu quando tentei acertá-lo com o atizador. Depois subiu pela corda do sino e sumiu por cima da parede ou no teto. Não consegui ver mais, estava muito escuro.

— Deus nos livre — disse a sra. Witham. — Um velho diabo, e sentado na cadeira junto do fogo! Cuidado, meu senhor. Tome cuidado. As pessoas zombam, mas muita coisa é verdade.

— O que a senhora quer dizer? Juro que não entendo.

— Um velho diabo. O velho diabo, talvez. Pronto, aí está! Meu senhor, isso não é motivo de risos — ralhou ela, pois Malcolmson havia soltado uma vigorosa gargalhada. — Vocês, jovens, dão risada de coisas que fazem a gente tremer de medo. Não tem importância, meu senhor. Não se incomode. Deus queira que o senhor possa sempre rir. É o que desejo para o senhor.

A boa senhora, transbordando simpatia com o bem-estar dele, esqueceu seus temores por um momento.

— Oh, perdão! — disse Malcolmson. — Não quis ser rude, mas esta ideia foi demais para mim: a de que era o próprio diabo velho sentado na minha cadeira ontem à noite.

Ao pensar nisso, ele tornou a gargalhar e foi para casa jantar.

Naquela noite, a tropelia dos ratos começou mais cedo. Na verdade, já estava acontecendo antes de sua chegada e só foi interrompida enquanto a novidade de sua presença os distraiu. Depois do jantar, ele se sentou junto à lareira e fumou um cigarro. Em seguida, arrumando a mesa, começou a trabalhar como antes. Naquela noite, os ratos o perturbaram mais do que na anterior. Como correram para cima e para baixo, sem parar! Como guincharam, arranharam e roeram! Como vinham, cada vez mais ousados, até a boca de suas tocas e gretas e frestas e frinchas nos painéis, até seus olhos brilharem como lâmpadas minúsculas conforme a luz do fogo subia e amainava! Mas, para ele, agora sem dúvida acostumado, seus olhos não pareciam cruéis; apenas sua agitação o comovera.

Às vezes, o mais ousado deles fazia acrobacias no assoalho ou sobre os entalhes do painel de madeira. De vez em quando, quando o perturbavam, Malcolmson fazia algum barulho para assustá-los, batendo na mesa com a mão ou fazendo um feroz “xô, xô”, fazendo-os fugir, correndo para seus buracos. E assim se passou a primeira parte da noite.

Apesar dos ruídos, Malcolmson foi ficando cada vez mais absorto no trabalho. De repente, ele parou, como na noite anterior, dando-se conta da súbita sensação de silêncio. Não havia nenhum som de roeção, arranhado ou guincho. Era um

silêncio sepulcral. Ele se lembrou das estranhas ocorrências da noite anterior e, de súbito, olhou para a cadeira junto ao fogo. Uma sensação muito estranha percorreu seu corpo.

Ali, na velha cadeira de carvalho de espaldar alto ao lado da lareira, estava sentado o mesmo rato enorme, olhando fixamente para ele com olhos malignos.

Instintivamente, pegou o objeto mais próximo à mão — um livro de logaritmos — e atirou contra o bicho. O livro passou longe e o rato nem se mexeu. Dessa forma, o episódio do atizador da noite anterior foi repetido, e mais uma vez o rato, perseguido de perto, fugiu pela corda do sino. Estranhamente também, a fuga do animal foi seguida pela retomada do barulho da comunidade geral dos ratos. Como da outra vez, Malcolmson não conseguiu ver em que ponto da sala o rato desaparecera, pois a luz esverdeada de seu lampião deixava a parte superior da sala no escuro e o fogo estava baixo.

Ao olhar para o relógio, descobriu que era quase meia-noite. Sem lamentar aquele *divertissement*, avivou o fogo e preparou para si mesmo seu bule de chá noturno. Já havia trabalhado um bocado e pensou que tinha direito a um cigarro. Sentou-se na grande cadeira de carvalho diante da lareira e fumou. Enquanto fumava, começou a pensar que gostaria de saber por onde o rato desaparecera, pois lhe ocorreram ideias para o dia seguinte que não excluía montar uma ratoeira. Nesse ínterim, acendeu outro lampião e o posicionou de modo a iluminar o canto direito da parede junto à lareira. Pegou todos os livros que levara consigo e os empilhou de maneira acessível para atirá-los no animal. Enfim, pegou a corda do sino e a colocou sobre a mesa, fixando a ponta sob o peso do lampião. Ao manuseá-la, não pôde deixar de notar como era maleável, especialmente para uma corda tão grossa e por tanto tempo inutilizada. “Daria para enforcar uma pessoa com essa corda”, pensou consigo mesmo. Depois de terminar os preparativos, ele olhou à sua volta e disse, complacente:

— Aí está, meu amigo, acho que dessa vez vamos aprender alguma coisa sobre você.

Ele voltou a trabalhar e, como antes, um tanto incomodado a princípio pelo ruído dos ratos, logo se perdeu em suas proposições e problemas.

Mais uma vez, sua atenção foi despertada por algo ao seu redor. Agora talvez não tivesse sido apenas o súbito silêncio que lhe chamara a atenção; houve um ligeiro movimento da corda e o lampião se moveu. Sem se mexer, olhou para ver se a pilha de livros estava ao alcance da mão e lançou um olhar para a corda. Ao observar, viu o rato grande descer da corda sobre a cadeira de carvalho e ali se sentar a fitá-lo. Ele ergueu um livro com a mão direita e, mirando cuidadosamente, atirou-o contra o roedor, que, com um rápido movimento, saltou de lado e se desviou do míssil. Ele, então, pegou outro livro, e um terceiro, e os atirou um após o outro em direção ao animal, mas todas as tentativas fracassaram. Enfim, com mais um livro nas mãos pronto para atirar, o rato guinchou e pareceu assustado.

Isso deixou Malcolmson ainda mais ansioso para acertá-lo. O livro voou e atingiu o rato com um impacto ruidoso. O bicho guinchou aterrorizado e, virando-se para seu perseguidor com um olhar de malevolência terrível, subiu correndo pelo espaldar da cadeira e deu um grande salto até a corda do sino, por onde subiu feito um raio. O lampião balançou com o súbito esforço, mas era pesado e não chegou a tombar. Malcolmson ficou de olho no rato e viu, à luz do segundo lampião, quando ele saltou para um entalhe do painel e desapareceu por um buraco numa grande pintura na parede, obscurecida e invisível por baixo das camadas de sujeira e pó.

— Vou procurar a casa do meu amigo amanhã cedo — disse o estudante, enquanto recolhia os livros espalhados. — No terceiro quadro, a contar da lareira: não posso esquecer.

Ele pegou os livros, um por um, comentando ao recolhê-los do chão:

— Ele não deu importância às *Seções cônicas*, nem às *Oscilações cicloidais*, nem aos *Principia*, nem aos *Quatérnios*, nem à *Termodinâmica*. Agora, vejamos o livro que o atingiu.

Malcolmson apanhou o volume e olhou para a capa. Ao fazê-lo, teve um sobressalto e seu semblante empalideceu.

Olhou irrequieto para os lados e estremeceu ligeiramente ao murmurar para si mesmo:

— A Bíblia que minha mãe me deu! Que estranha coincidência!

Ele tornou a se sentar para trabalhar e os ratos no painel retomaram suas estripulias, mas não o incomodaram mais. De alguma forma, a presença deles lhe transmitia uma sensação de companhia. Não conseguiu, porém, avançar no trabalho. Depois de muito esforço para dominar o assunto em que estava envolvido, desistiu, desesperado, e foi para a cama quando o primeiro raio da alvorada se infiltrou pela janela do leste.

Dormiu profundamente, mas teve um sono agitado e sonhou muito. Quando a sra. Dempster o acordou pela manhã, ele parecia irrequieto e, por alguns minutos, pareceu não se dar conta de onde estava. Seu primeiro pedido surpreendeu a empregada.

— Sra. Dempster, quando eu estiver fora, gostaria que a senhora buscasse uma escada e limpasse ou lavasse aqueles quadros, especialmente o terceiro a partir da lareira. Quero ver que quadros são esses.

No fim da tarde, Malcolmson ficou trabalhando com seus livros na calçada sombreada. A alegria do dia anterior lhe voltou com o passar das horas e ele se deu conta de que os estudos estavam progredindo. Resolvera com conclusões satisfatórias todos os problemas que até então o intrigavam, e foi nesse estado de júbilo que fez uma visita à sra. Witham no Bom Peregrino. Encontrou um desconhecido na aconchegante sala de estar, que lhe foi apresentado como dr. Thornhill. A sra. Witham não parecia muito à vontade, algo que, combinado com uma série de perguntas do doutor, fez com que Malcolmson chegasse à conclusão de que a presença do médico ali não era acidental. Sem mais delongas, ele disse:

— Dr. Thornhill, responderei com prazer a qualquer pergunta que o senhor queira fazer se me responder primeiro a uma única pergunta.

O médico pareceu surpreso, mas sorriu e respondeu imediatamente:

— Combinado! O que é?

— Por acaso a sra. Witham lhe pediu para vir aqui e me aconselhar?

O dr. Thornhill ficou espantado por um momento, e a sra. Witham corou sensivelmente e se virou de costas. Mas, como o médico era um sujeito franco e expedito, logo respondeu.

— Sim, ela me chamou, mas não queria que você soubesse. Imagino que tenha sido minha pressa desajeitada que o deixou desconfiado. Ela me disse que não gostava da ideia de você ficar sozinho naquela casa e que achava que estava bebendo muito chá forte. Na verdade, ela queria que eu o aconselhasse, se possível, a abrir mão do chá e de ficar lendo até muito tarde. Fui um estudante muito aplicado na minha época, de modo que acho que posso tomar a liberdade de um colega universitário e, sem ofendê-lo, aconselhá-lo não exatamente como um completo desconhecido.

Malcolmson, com um sorriso aberto, estendeu a mão.

— Negócio fechado! Como dizem na América — disse ele. — Devo lhe agradecer pela gentileza, e também à sra. Witham. Tamanha consideração merece uma recompensa da minha parte. Prometo não beber mais chá forte. Na verdade, não beberei chá de espécie alguma, e me deitarei no máximo à uma esta noite. Assim está bem?

— Perfeito — disse o médico. — Agora nos diga o que você descobriu na velha casa.

Malcolmson contou em detalhes tudo o que acontecera nas duas últimas noites. A todo instante, era interrompido por uma exclamação da sra. Witham, até que finalmente, quando contou do episódio da Bíblia, as emoções contidas da boa senhora extravasaram num grito. Só depois de uma taça de conhaque com água lhe ser servida é que ela tornou a se recompor. O dr. Thornhill ouviu com um semblante de gravidade cada vez maior e, quando a narrativa terminou e a sra. Witham já havia se recuperado, perguntou:

— Esse rato sempre sobe pela corda do sino?

— Sempre.

— Imagino que você saiba... — disse o doutor após uma pausa — que corda é essa.

— Não.

— É — disse o médico lentamente — a mesma corda que o carrasco usava para as vítimas do rancor judicial do juiz.

Ele foi interrompido por outro grito da sra. Witham, que precisou de providências para se recuperar. Malcolmson, depois de consultar o relógio e descobrir que estava quase na hora de jantar, foi para casa antes que ela se recuperasse completamente.

Quando a sra. Witham voltou a si outra vez, quase atacou o doutor com perguntas irritadas quanto às intenções dele ao colocar aquelas ideias horrendas na cabeça do rapaz.

— Ele já tem muita coisa com que se preocupar naquela casa — acrescentou.

O dr. Thornhill respondeu:

— Minha cara senhora, minha intenção era bastante exata: quis chamar a atenção dele para a corda do sino e fixá-la ali mesmo. Pode ser que ele esteja muito extenuado e já tenha estudado demais, embora eu deva dizer que ele me parece um rapaz saudável e são, mental e fisicamente, como nunca vi igual. Mas quanto aos ratos e a essa sugestão demoníaca... — O médico balançou a cabeça e prosseguiu: — Eu teria me oferecido para passar a noite com ele, mas isso certamente seria um tanto ultrajante para o rapaz. Pode ser que durante a noite ele sinta um estranho pavor ou tenha alguma alucinação. Se isso acontecer, quero que ele puxe aquela corda. Como está sozinho, isso nos dará um aviso e poderemos chegar a tempo de ajudá-lo. Hoje à noite ficarei acordado até tarde e manterei os ouvidos atentos. Não se preocupe se Benchurch tiver uma surpresa antes do amanhecer.

— Ah, doutor, o que o senhor quer dizer com isso?

— Quero dizer que é possível, ou melhor, provável que ouçamos o grande sino da casa do juiz esta noite.

E o doutor retirou-se da maneira mais significativa que se poderia imaginar.

Quando Malcolmson chegou em casa, descobriu que era um pouco mais tarde do que de costume e que a sra. Dempster já havia ido embora, pois as regras do Lar de Caridade Greenhow não podiam ser negligenciadas. Ficou contente ao ver que o lugar estava limpo e arrumado, com o fogo aconchegante e o lampião bem ajustado. A noite estava mais fria do que seria de esperar em abril, e um vento forte soprava com intensidade cada vez maior, trazendo a promessa de uma tempestade ao longo da noite.

Durante alguns minutos depois que ele entrou, o barulho dos ratos cessou. No entanto, assim que se acostumaram à presença dele, os bichos voltaram a se agitar. Ele ficou contente ao ouvi-los, pois teve outra vez a sensação de companhia propiciada pelo barulho. Seu pensamento se voltou para o estranho fato de que eles só pararam de se manifestar quando aquele outro — o grande rato de olhos malignos — entrou em cena. O lampião estava aceso e sua cúpula verde deixava a parte superior da sala às escuras, de modo que a luz alegre da lareira, espalhada pelo assoalho e brilhando na toalha branca que pendia na ponta da mesa, era acolhedora e revigorante.

Malcolmson se sentou para jantar com bom apetite e espírito leve. Depois de jantar e fumar um cigarro, voltou a trabalhar, decidido a não deixar que nada o perturbasse, porque se lembrou da promessa ao doutor e resolveu aproveitar da melhor forma o tempo à sua disposição.

Durante cerca de uma hora, trabalhou bem, mas depois seus pensamentos começaram a divagar para longe dos livros. As circunstâncias efetivas ao seu redor, os chamados à sua atenção física e sua suscetibilidade nervosa não podiam mais ser negados. A essa altura, o vento se tornara um vendaval, que, por sua vez, virava uma tempestade. A casa velha, por mais sólida que fosse, parecia balançar nas fundações. A tormenta rugia enfurecida pelas muitas chaminés, e seus bizarros torreões antigos produziam sons estranhos e sobrenaturais nos ambientes e nos corredores vazios. Até o grande sino do telhado devia estar sentindo a força do vento, porquanto a corda subia e descia

ligeiramente, como se o sino se movesse um pouco, e a corda roçava o assoalho de carvalho com um som duro e oco.

Enquanto ouvia esses sons, Malcolmson lembrou-se das palavras do médico — “A mesma corda que o carrasco usava para as vítimas do rancor judicial do juiz” —, foi até o canto da lareira e a pegou para examinar. Parecia haver uma espécie de interesse mórbido naquilo. Ficou ali, perdendo-se por um momento em especulações sobre quem seriam as vítimas e sobre o interesse sombrio do juiz em deixar uma relíquia sinistra como aquela sempre à vista. No tempo em que esteve parado naquele local, o balanço do sino no telhado repuxava a corda de quando em quando; mas naquele momento lhe veio uma nova sensação — uma espécie de tremor, como se alguma coisa estivesse se deslocando ao longo da corda.

Ao olhar para cima, por instinto, Malcolmson viu o grande rato descendo devagar em sua direção, encarando-o fixamente. Ele largou a corda e recuou com um sobressalto e uma imprecação abafada. O rato deu meia-volta, tornou a subir e desapareceu. Nesse mesmo instante, Malcolmson teve consciência de que o barulho dos ratos, que havia cessado por um momento, voltou a se fazer ouvir.

Tudo isso fez com que lembrasse que não havia investigado o esconderijo do rato nem olhado os quadros, como era sua intenção. Acendeu o outro lampião, sem cúpula, e, erguendo-o, foi até o terceiro quadro à direita a contar da lareira, onde vira o rato sumir na noite anterior.

No primeiro relance, recuou tão subitamente sobressaltado que quase derrubou o lampião. Uma palidez mortífera se espalhou em seu semblante. Seus joelhos ficaram bambos, gotas de suor lhe escorreram pela testa e ele se arrepiou feito um ouriço. Como, todavia, era jovem e robusto, logo se recompôs e, após uma pausa de segundos, tornou a se aproximar. Ergueu o lampião e examinou o quadro que fora espanado e limpo e agora se destacava claramente.

Era o retrato de um juiz vestido com uma toga escarlate debruada em arminho. Seu rosto era forte e impiedoso, mau, astucioso e vingativo, com uma boca sensual, nariz adunco

avermelhado, com a forma de um bico de ave de rapina. O restante do rosto tinha coloração cadavérica. Os olhos apresentavam um brilho peculiar e uma expressão terrivelmente maligna. Ao olhar para eles, Malcolmson sentiu um calafrio, porque percebeu se tratar de uma duplicata exata dos olhos do grande rato.

Quase deixando cair o lampião, viu o rato com os olhos malignos espiando pelo buraco no canto do quadro e notou a súbita interrupção do barulho dos outros roedores. Mesmo assim, aprumou-se e prosseguiu seu exame da pintura.

O juiz estava sentado numa grande cadeira de carvalho de espaldar alto, à direita de uma grande lareira de pedra, e, no canto, pendia uma corda do teto, cuja ponta estava enrolada sobre o assoalho. Com uma sensação quase de horror, Malcolmson reconheceu o cenário da sala tal como estava e olhou assustado para os lados, como se esperasse encontrar alguma estranha presença atrás de si.

Nesse momento, reparou no canto da lareira e, com um grito alto, deixou o lampião cair.

Na cadeira do magistrado, com a corda pendendo por trás, estava o rato, com os olhos malignos do juiz agora intensificados e com escárnio demoníaco. Com exceção dos uivos da tempestade, tudo estava silencioso.

O lampião caído fez com que Malcolmson voltasse a si. Por sorte, era de metal e o óleo não chegou a derramar. A necessidade de recolhê-lo do chão tranquilizou instantaneamente suas apreensões nervosas. Depois de reerguer o lampião, enxugou a testa e pensou por um momento.

“Isso não vai dar certo”, disse consigo mesmo. “Se continuar assim, vou enlouquecer. Isso tem que acabar. Prometi ao doutor que não beberia mais chá. De fato, ele tinha razão. Meus nervos devem estar em frangalhos. É curioso que eu não tenha reparado. Nunca me senti melhor na vida. Mas agora está tudo bem e não serei mais tão estúpido.”

Ele preparou uma boa dose de conhaque com água e decididamente sentou para trabalhar.

Era quase uma hora da madrugada quando ergueu os olhos do livro, perturbado por um súbito silêncio. Lá fora, o vento uivava e rugia mais do que nunca, e a chuva se chocava em rajadas contra as janelas, batendo como granizo contra o vidro. Do lado de dentro, contudo, não havia nenhum som, exceto o eco do vento que rugia na grande lareira e, às vezes, o sibilar de algumas gotas que desciam pela chaminé quando a tempestade arrefecia. O fogo baixara e perdera as labaredas, não obstante ainda emanasse um clarão avermelhado. Malcolmson escutava atentamente e ouviu um guincho agudo, bem fraco. Vinha do canto da sala de onde pendia a corda, e ele achou que fosse o rangido da corda roçando no assoalho, conforme balançava, subindo e descendo. Ao olhar para cima, viu na penumbra o vulto do grande rato agarrado à corda a roê-la. A corda, já estava quase toda roída — ele pôde notar a coloração mais clara onde as fibras estavam expostas. Enquanto olhava, o trabalho foi concluído: a ponta cortada da corda caiu com estrondo no assoalho de carvalho. Por um instante, o grande rato pareceu uma bola ou um botão na ponta da corda, que começou a balançar para os lados.

Malcolmson sentiu por um momento uma pontada de terror ao pensar que agora a possibilidade de conclamar o mundo externo para vir socorrê-lo estava excluída, mas uma raiva intensa se apoderou dele e, agarrando o livro que estava lendo, atirou-o contra o rato. O ataque foi bem direcionado, mas, antes que o projétil pudesse atingi-lo, o animal pulou e chegou ao chão com um impacto suave. Malcolmson instantaneamente correu até ele, que fugiu em disparada e sumiu na escuridão das sombras da sala. Malcolmson sentiu que já havia trabalhado o suficiente por aquela noite, decidiu trocar a monotonia de seus estudos por uma caça ao rato e retirou a cúpula verde de seu lampião para garantir uma dispersão mais ampla da luz. Ao fazê-lo, a parte superior da sala foi revelada, e no novo fluxo de luz, grande em comparação com a escuridão anterior, os quadros nas paredes se destacaram com nitidez.

De onde estava, Malcolmson viu diante de si o terceiro quadro à direita da lareira. Ele esfregou os olhos de tanta

surpresa e se sentiu invadido por um grande medo. No centro do quadro, havia um trecho irregular de tela parda, aparentemente da época em que fora posta na moldura. O fundo era o mesmo de antes, com a cadeira e o canto da lareira e a corda, mas a figura do juiz havia desaparecido.

Malcolmson, quase trêmulo de horror, virou-se devagar e, então, começou a estremecer, como se sofresse um ataque de paralisia. Suas forças pareciam tê-lo abandonado. Ele ficou incapaz de agir ou se mexer, quase até de pensar. Conseguia apenas ouvir e enxergar.

Sobre a grande cadeira de carvalho com espaldar alto entalhado, estava sentado o juiz com sua toga escarlate debruada em arminho, com os olhos malignos cintilando vingativamente e um sorriso de triunfo na boca resoluta e cruel, segurando nas mãos um *chapéu negro*.¹ Malcolmson sentiu como se o sangue fugisse de seu coração, como nos momentos de suspense prolongado. Havia uma balbúrdia em seus ouvidos. Do lado de fora, ouviu rugidos e uivos da tempestade, e, através dos estrondos, varridos pelo temporal, as batidas da meia-noite nos grandes carrilhões da praça do mercado.

Ele ficou, por um intervalo de tempo que lhe pareceu infinito, imóvel como uma estátua, de olhos arregalados, cheios de horror, ofegante. Quando o relógio começou a badalar, também o sorriso de triunfo se intensificou no semblante do juiz, e na última badalada da meia-noite ele pôs o chapéu negro na cabeça.

Lenta e deliberadamente, o magistrado se levantou da cadeira, recolheu do chão o pedaço da corda do sino, passou-a pelas mãos como se desfrutasse de seu tato e, devagar, começou a dar um nó em uma das pontas, formando uma espécie de laço. Passou a corda pelo laço e testou com o pé, puxando com força a corda até se dar por satisfeito. Depois, formando um nó corrediço, segurou-o nas mãos. Então começou a caminhar, do outro lado da mesa, em direção a Malcolmson, mantendo os olhos fixos nele ao passar à sua frente e, com um rápido movimento, parou diante da porta. Malcolmson, então, viu-se encurralado e tentou achar uma saída. Havia certo fascínio

nos olhos do juiz, que nunca desgrudavam dele, e Malcolmson não tinha como não olhar de volta.

Viu o juiz se aproximar, sempre se mantendo entre ele e a porta, erguer o laço e atirá-lo em sua direção, como se quisesse lançá-lo. Com grande esforço, fez um rápido movimento para se desviar e viu a corda passar no vazio a seu lado, caindo no assoalho de carvalho. Outra vez, o juiz ergueu o laço e tentou capturá-lo, sempre com os olhos malignos fixos nele — a cada tentativa, só com grande empenho o estudante conseguia se desviar. Isso se estendeu por muitas tentativas, e o juiz parecia não desistir nem se abalar com o fracasso, como se aquilo fosse uma brincadeira entre gato e rato.

Por fim, num desespero que atingira seu clímax, Malcolmson olhou de relance ao redor. O lampião flamejou com um clarão e a sala ficou bem iluminada. Nos muitos buracos e frestas e gretas e frinchas dos painéis, ele viu olhos de ratos — e esse aspecto, puramente físico, lhe deu uma luz de conforto. Olhou à sua volta e viu que a corda do grande sino estava carregada de ratos. Cada centímetro da corda estava coberto de ratos, e cada vez mais deles passavam pelo pequeno furo circular do teto de onde a corda emergia, de tal modo que, com o peso, o sino começou a balançar.

A corda balançou até que o badalo atingisse o sino. O som foi fraco, mas o sino estava apenas começando a balançar, e o movimento se intensificaria.

Diante do toque do sino, o juiz, que estivera o tempo todo de olhos fixos em Malcolmson, olhou para cima, e uma carranca de raiva diabólica se formou em seu semblante. Seus olhos arderam como carvões incandescentes e ele bateu os pés, fazendo um som que pareceu abalar a casa inteira.

Um estrondo pavoroso de trovão estourou sobre a casa quando ele tornou a erguer a corda, enquanto os ratos continuavam a subir e descer pela corda, como se lhes restasse pouco tempo. Agora, em vez de lançar a amarra, ele se aproximou de sua vítima, abrindo o laço. À medida que se aproximava, parecia haver algo paralisante em sua presença. Malcolmson permanecia ali rígido como um cadáver. Sentiu os

dedos gélidos do juiz em seu pescoço enquanto ajustava a corda. O laço foi apertado — bem apertado. O juiz, então, erguendo a forma rígida do estudante em seus braços, levou-o até a cadeira de carvalho e o pôs em pé sobre o assento. Posicionando-se ao lado dele, estendeu a mão e alcançou a ponta solta da corda do sino. Ao fazê-lo, os ratos fugiram entre guinchos e sumiram pelo buraco no teto. Tomando a ponta da corda que enlaçava o pescoço de Malcolmson, o magistrado a amarrou à corda do sino que pendia do teto, desceu até o chão e empurrou a cadeira.

* * *

Quando o sino da casa do juiz começou a tocar, lampiões e tochas de diversos tipos apareceram, e num instante uma multidão silenciosa estava em frente ao local. Bateram com força na porta da frente, mas ninguém respondeu. Resolveram, então, arrombar a porta. Entraram na grande sala de jantar, com o médico à frente do grupo.

Da ponta da corda do grande sino pendia o corpo do estudante e no rosto do juiz do quadro havia um sorriso maligno.

Nota

¹ Na justiça inglesa, o juiz usava o *black cap*, um pedaço quadrado de tecido preto sobre a cabeça, quando decidia pela pena de morte ao acusado. (N. T.)

A Índia

Nurembergue, na época, não era tão visitada quanto passou a ser depois. Irving ainda não havia interpretado o Fausto, e o próprio nome da antiga cidade mal era conhecido pela maioria do público de turistas. Minha esposa e eu, estando na segunda semana de nossa lua de mel, naturalmente queríamos que mais alguém se juntasse ao nosso grupo, de modo que, quando o entusiasmado estrangeiro, Elias P. Hutcheson, vindo de Isthmian City, Bleeding Gulch, Maple Tree County e Nebraska, apareceu na estação de Frankfurt e comentou que estava indo visitar a mais incendiada das cidades da Europa desde que Matusalém era criancinha, e que ele achava que viajar sozinho era o bastante para mandar um cidadão inteligente e ativo para uma sorumbática ala psiquiátrica, aproveitamos o ensejo e sugerimos que devíamos juntar forças. Descobrimos, comparando anotações posteriores, que ambos tentamos demonstrar certo desinteresse ou hesitação para não parecermos ávidos demais, por não ser uma atitude muito promissora de sucesso em nossa vida conjugal. Mas o efeito pretendido foi inteiramente comprometido quando começamos a falar no mesmo instante, parando simultaneamente e depois recomeçando juntos outra vez. Seja como for, não importa como, aconteceu; e Elias P. Hutcheson se juntou ao nosso grupo.

Imediatamente, Amelia e eu achamos que foi um benefício agradável. Em vez de discutir, como vínhamos fazendo, descobrimos que a influência restritiva de um terceiro elemento foi tão eficaz que aproveitávamos toda oportunidade para nos abraçar nos recantos mais improváveis. Amelia declarou que desde então, como resultado dessa experiência, ela aconselha todas as amigas a levarem um amigo para a lua de mel. Bem, exploramos Nurembergue juntos e nos divertimos muito com os

comentários picantes de nosso amigo transatlântico, que, com sua fala peculiar e seu maravilhoso repertório de aventuras, parecia ter saído de um romance.

Combinamos que nosso último ponto turístico na cidade seria o Burg e, no dia marcado para a visita, fomos passear ao longo do muro externo do leste da cidade.

O Burg fica sobre um rochedo no alto da cidade e um fosso imensamente profundo o protege pelo norte. Nurembergue tem sido uma cidade feliz por nunca ter sido saqueada; se tivesse sido, certamente não seria tão perfeita e irrepreensível quanto é hoje. O fosso não é mais utilizado há séculos, e hoje sua base é ocupada por jardins de chá e pomares, os quais têm algumas árvores de tamanho respeitável. Enquanto contornávamos a muralha, demorando-nos ao sol quente de julho, amiúde fazíamos uma pausa para admirar as vistas que se estendiam diante de nós, especialmente a grande planície coberta de cidades e vilas limitadas por uma linha azul de montanhas, como uma paisagem de Claude Lorrain.

Depois disso, sempre nos voltávamos para a cidade com prazer renovado, com sua miríade de bizarros torreões antigos e acres de telhados vermelhos pontuados por lucarnas, fileiras e mais fileiras delas. Um pouco à nossa direita, erguiam-se as torres do Burg. Ainda mais próxima, alta e sombria, via-se a Torre da Tortura, que talvez ainda seja o lugar mais interessante da cidade. Durante séculos, a tradição da Virgem de Ferro de Nurembergue tem sido exemplo dos horrores de crueldade de que o homem é capaz. Havia muito tempo que ansiávamos por conhecê-la, e era ali, enfim, que ela ficava.

Numa de nossas pausas, inclinamo-nos por sobre o muro do fosso e olhamos para baixo. O jardim parecia ficar a uns 15 ou vinte metros abaixo; o sol despejava ali dentro um intenso calor, imóvel como o de um forno. Depois, erguia-se a muralha cinzenta e sinistra de altura infinita, que se perdia à direita e à esquerda nos ângulos de bastiões e contrafortes. Árvores e arbustos coroavam a muralha. Acima havia as amplas casas, a cuja beleza o tempo apenas conferira um toque de aprovação. O sol estava quente e nós, com preguiça. Como tínhamos todo o

tempo livre, demoramo-nos ali, apoiados à muralha. Logo abaixo de nós, desenrolava-se uma bela cena: uma grande gata preta estava deitada, estirada ao sol, enquanto à sua volta, graciosamente, um minúsculo gatinho preto dava cambalhotas. A mãe balançava o rabo para o gatinho brincar ou erguia a pata e empurrava o pequenino como se o encorajasse a continuar brincando. Estavam ali bem embaixo da muralha, e Elias P. Hutcheson, para ajudar na brincadeira, abaixou e tirou do calçamento um seixo de tamanho razoável.

— Vejam — disse ele —, vou deixar cair perto do filhote e os dois vão ficar se perguntando de onde veio a pedra.

— Oh, tome cuidado — disse minha esposa. — Você pode atingir o gatinho!

— Eu não, madame — disse Elias P. — Ora, sou bom como a cerejeira do Maine. Deus abençoe! Eu jamais machucaria a pobre criatura; seria tirar o escalpo de um bebê. E vocês podem apostar suas meias coloridas nisso! Vejam, vou jogar longe para não acertar nem perto dela.

Dizendo isso, inclinou-se sobre a muralha, esticou inteiramente o braço e deixou cair a pedra. Talvez exista alguma força de atração que puxa matérias menores para maiores, ou, mais provavelmente, a muralha não fosse convexa, mas côncava perto da base, o que não nos permitia ver a inclinação olhando de cima. O fato é que a pedra caiu com um impacto horrendo, que chegou até nós pelo ar quente, bem na cabeça do gatinho, e espalhou seu pequeno cérebro por toda parte.

A gata preta olhou instantaneamente para cima, e vimos seus olhos de fogo esverdeado se fixarem, por um momento, em Elias P. Hutcheson. Depois, sua atenção se desviou para o filhote, que jazia imóvel, exceto por um tremor de suas patas minúsculas, enquanto um fio vermelho escorria da ferida aberta. Com um grito abafado, como um humano poderia emitir, ela se inclinou sobre o filhote e ficou lambendo suas feridas e gemendo. Subitamente, pareceu se dar conta de que o filhote estava morto e mais uma vez olhou para cima, em nossa direção. Jamais me esquecerei daquele olhar, pois ela parecia a perfeita encarnação do ódio. Seus olhos verdes faiscavam com um fogo lúgubre, e os

dentes brancos e afiados pareciam quase brilhar em meio ao sangue que lhe manchara a boca e os bigodes.

A mãe gata mostrou os dentes e as garras, rígidas e longas em cada pata. Então, começou a subir enlouquecidamente pela muralha, como se tentasse nos alcançar. Mas, quando a inclinação acabou, ela despencou de costas, o que tornou mais horrível sua aparência, pois caiu sobre o filhote e se levantou com o pelo negro sujo de miolos e sangue. Amelia se virou, quase desmaiando, e precisei tirá-la de perto da muralha. Havia um banco ao lado, sob a sombra de um plátano enorme, onde a sentei até que ela se recuperasse. Então, fui até Hutcheson, que ficara no mesmo lugar sem se mexer, olhando para a gata furiosa lá embaixo.

Ao me aproximar dele, ele me disse:

— Wall, acho que esse é o bicho mais selvagem que já vi. Lembrou-me a ocasião em que uma índia apache perseguiu um mestiço que chamavam de Farpa depois que ele lhe roubou o *papoose* em represália à morte de sua mãe, que fora torturada pelos nativos. Ela tinha essa mesma expressão nos olhos. Perseguiu o Farpa por mais de três anos, até que os apaches o encontraram. Dizem que nunca ninguém, branco ou índio, ficou tanto tempo sendo torturado até morrer na mão dos apaches. A única vez que vi essa índia sorrir foi quando a matei. Cheguei à aldeia a tempo de ver o Farpa dar o último suspiro, e vou lhe dizer que ele morreu aliviado. Era um sujeito rústico. Embora eu nunca tenha concordado com ele nessa história do *papoose*, que foi mesmo uma atitude infeliz, vi que acabou pagando caro por aquilo. Deus me livre! Peguei um pedaço de pele que ele havia esfolado e fiz um caderno, que guardo comigo até hoje.

Ao dizer isso, Hutcheson deu um tapa no bolso interno do paletó.

Enquanto ele falava, a gata continuava em seu esforço frenético de escalar a muralha. Recuava e tornava a avançar, correndo, às vezes alcançando uma altura incrível. Parecia não se importar com o impacto das quedas a cada tentativa e retornava com vigor renovado. Ao contrário, a cada tombo, sua aparência se tornava mais horrenda. Hutcheson era um homem

de bom coração — minha esposa e eu presenciamos diversas pequenas atitudes suas de bondade com animais e também com pessoas — e parecia preocupado com o estado de fúria em que a gata se encontrava.

— Parece que a criatura está bem desesperada — disse ele. — Olhe só! Coitadinha, foi um acidente, mas sei que isso não vai trazer de volta o seu filhotinho. Sim, eu sei. Não queria que isso tivesse acontecido por nada nesse mundo. Isso só prova como um homem pode ser um tolo desajeitado quando se mete a fazer graça. Parece que tenho a mão furada para brincar com gatos. Diga-me, coronel — ele brincava de dar títulos às pessoas. — Será que sua esposa vai guardar rancor por esse fiasco que causei? Eu não queria que isso tivesse acontecido de jeito nenhum.

Ele se aproximou de Amelia e pediu desculpas. Ela, com seu bom coração de sempre, garantiu-lhe que entendia ter sido mesmo um acidente. Depois, fomos novamente até a muralha e olhamos para baixo.

A gata, ao não ver mais o rosto de Hutcheson, havia atravessado o fosso e estava agachada como se fosse saltar. A bem dizer, no exato instante em que o viu, ela saltou com uma fúria cega e desmedida, que teria sido grotesca se não fosse assustadoramente real. O felino não tentava mais escalar a muralha, mas se arremessava na direção de Elias como se o ódio e a fúria pudessem lhe dar asas para atravessar uma distância tão grande. Amelia ficou preocupada e disse a Hutcheson em tom alarmado:

— Tome muito cuidado. Aquela gata tentaria matá-lo se estivesse aqui. Os olhos dela expressam um desejo assassino.

Ele riu, bem-humorado.

— Perdão, madame — disse ele —, mas não pude evitar de dar risada. Imagine! Um homem que lutou com ursos e índios tomar cuidado para não ser morto por uma gata!

Quando a gata ouviu a risada dele, toda a sua expressão pareceu se alterar. Não tentou mais saltar nem escalar a muralha. Em vez disso, foi calmamente até o filhote morto,

sentou-se ao lado dele e começou a lambê-lo como se estivesse vivo.

— Estão vendo? — disse eu. — Este é o efeito de um homem realmente forte: até um animal em plena fúria reconhece a voz do senhor e diante dele se curva.

— Feito uma índia.

Foi o único comentário de Hutcheson enquanto contornávamos o fosso da cidade.

De vez em quando, olhávamos para o alto da muralha e sempre víamos a gata a nos seguir. A princípio, continuava voltando até o filhote morto, mas, quando a distância se tornou maior, ela o pegou na boca e assim prosseguiu. Depois de algum tempo, contudo, ela o abandonou, pois a vimos nos seguir sozinha — talvez tivesse escondido o corpo em algum lugar. A preocupação de Amelia aumentou com a persistência da gata e, mais de uma vez, repetiu sua advertência. Mas o americano sempre dava risada, divertido, até que, vendo que Amelia continuava preocupada, ele disse:

— Madame, a senhora não precisa se preocupar com a gata. Estou armado. — Ele estapeou o coldre da pistola nas costas. — Antes que a senhora se preocupe mais, vou dar um tiro nessa criatura, bem aqui, e correr o risco de a polícia vir se meter com um cidadão americano, porque é contra a legislação porte de arma por estas bandas.

Enquanto falava, ele olhou para a muralha. A gata, ao vê-lo, recuou com um rugido até um canteiro de flores altas e ali se escondeu. Ele continuou:

— Não é que essa criatura tem mais inteligência que a maioria dos cristãos? Acho que foi a última vez que vimos essa gata. Aposto que ela voltou para o filhote e vai fazer um funeral particular só para ela.

Amelia preferiu não falar mais nada a fim de que ele, com sua equivocada gentileza, não cumprisse a ameaça de atirar na gata. Seguimos em frente e atravessamos a pequena ponte de madeira que dava no portão, de onde subimos a íngreme rua de pedras entre o Burg e a Torre da Tortura pentagonal. Ao atravessarmos a ponte, vimos a gata outra vez lá embaixo.

Quando ela nos viu, sua fúria pareceu retornar, e ela fez esforços frenéticos para subir pela parede. Hutcheson deu risada ao olhar para ela lá embaixo e disse:

— Adeus, garota. Perdão se feri seus sentimentos, mas um dia você vai se recuperar. Adeus.

Assim, passamos pelas arcadas, longas e sombrias, e chegamos ao portão do Burg.

Quando saímos da visita a esse belo lugar antigo que nem os esforços bem-intencionados dos restauradores do gótico de quarenta anos antes conseguiram estragar, conquanto a restauração na época se resumisse a deixar tudo excessivamente branco, aparentemente havíamos esquecido o desagradável episódio da manhã. A antiga tília com seu grandioso tronco retorcido com a passagem de quase nove séculos, o poço profundo escavado no coração da rocha por antigos prisioneiros e as adoráveis vistas da muralha, de onde ouvimos por quase 15 minutos os múltiplos carrilhões da cidade, tudo ajudou a apagar de nossos espíritos o incidente do filhote assassinado.

Fomos os únicos visitantes a entrar na Torre da Tortura naquela manhã, ou pelo menos foi o que nos disse o velho zelador. Como tínhamos o lugar inteiro ao nosso dispor, pudemos fazer uma visita mais minuciosa e satisfatória do que teria sido possível noutras circunstâncias. O zelador, vendo-nos como a única fonte de ganhos no dia, mostrou-se disposto a satisfazer nossos desejos a todo custo. A Torre da Tortura é realmente um lugar sinistro mesmo hoje em dia, quando é visitada por milhares de turistas que lhe trazem vida. Naquela ocasião, porém, tinha o aspecto mais sinistro e tenebroso. A poeira de eras parecia nela incrustada, e a escuridão e o horror de suas lembranças se tornaram de tal modo sensíveis que agradariam às almas panteístas de Fílon ou Spinoza. A câmara inferior na qual entramos parecia, em seu estado normal, cheia de uma densa escuridão. Até a luz quente do sol que se infiltrava pela porta parecia se perder na vasta espessura de suas paredes e revelava apenas a rústica alvenaria idêntica à da época em que o andaime do pedreiro fora retirado, mas coberta de poeira e

marcada aqui e ali com manchas escuras que, se as paredes pudessem falar, relatariam as próprias terríveis memórias de medo e de dor.

Ficamos contentes por subir a empoeirada escada de madeira. O zelador deixara a porta externa aberta para nos iluminar um pouco o caminho, pois, aos nossos olhos, o único candelabro fedorento de pavio longo pendurado num esconso na parede fornecia uma luz inadequada. Quando passamos pelo alçapão do teto, no canto da câmara, Amelia se agarrou tão firmemente a mim que pude sentir até seu coração bater. Devo dizer que, quanto a mim, não fiquei surpreso com o medo dela, porque aquele ambiente era mais tenebroso que o inferior.

Ali certamente havia mais luz, mas apenas o suficiente para revelar o aspecto horrível do lugar. Os construtores da torre evidentemente pretendiam que só aqueles que chegassem ao topo fossem ser recompensados com as alegrias da luz e da perspectiva. Ali, como havíamos reparado lá de baixo, havia fileiras de janelas, ainda que de dimensões medievais, mas nos outros pontos da torre havia somente algumas raras seteiras estreitas, como era o costume nas fortificações do medievo. Apenas algumas dessas seteiras iluminavam a câmara, e eram tão altas que de ponto nenhum se conseguia ver o céu através da espessura das paredes.

Em prateleiras inclinadas em desordem contra as paredes, havia uma série de espadas de carrasco, grandes armas de empunhadura dupla com lâminas largas e afiadas. Ao lado delas, havia diversos cepos nos quais os pescoços das vítimas eram cortados, e por todos os cantos se viam talhos profundos em que o aço se cravara atravessando a carne e se fincando na madeira. Por toda a volta da câmara, dispostos do modo mais irregular, havia muitos artefatos de tortura que faziam doer o coração só de ver: cadeiras cheias de pontas de espinhos que causavam dores instantâneas e excruciantes; poltronas e bancos com espinhos mais rombudos, cuja tortura parecia menor, mas que, embora mais lentos, eram igualmente eficazes; cavaletes, cintos, botas, luvas, coleiras, todos feitos para comprimir os membros em que fossem usados; baldes de aço nos quais uma cabeça podia ser

lentamente esmagada até virar uma gosma, se necessário; ganchos de guarda-noturno com cabos longos e lâminas para vencer qualquer resistência, uma especialidade do antigo sistema de polícia de Nurembergue; e muitos outros artefatos utilizados por homens para ferir outros homens.

Amelia ficou muito pálida com o horror daqueles objetos e por pouco não desmaiou. Ao sentir vertigem, sentou-se numa das cadeiras de tortura e logo saltou, dando um grito, o que espantou a propensão ao desmaio. Ambos fingimos que havia sido a nódoa no vestido causada pela poeira da cadeira e as pontas enferrujadas dos espinhos que a incomodaram. O sr. Hutcheson concordou, aceitando a explicação com uma gargalhada bonachona.

O objeto central daquela câmara de horrores, no entanto, era um aparelho conhecido como Virgem de Ferro, que ficava praticamente no centro da sala. Tratava-se de uma figura rudimentar de mulher, algo assemelhada a um sino, ou, para uma comparação mais próxima, à figura da esposa de Noé numa arca feita por crianças, mas sem a cintura fina e o *rondeur* perfeito dos quadris que marcam o tipo estético da família de Noé.

Difícilmente alguém identificaria aquilo como uma figura humana, a não ser pela forma da testa, que era uma semelhança grosseira com a do rosto de uma mulher. A máquina tinha uma camada de ferrugem por fora e estava toda coberta de pó; uma corda amarrada a uma argola na frente da figura, onde deveria ser a cintura da virgem, passava por uma polia e estava atada a um pilar de madeira que sustentava o piso de cima. O zelador, ao puxar a corda, mostrou que a parte da frente tinha dobradiças como as de uma porta. Vimos, então, que o aparelho tinha uma espessura considerável, deixando do lado de dentro apenas o espaço suficiente para uma pessoa. A porta tinha a mesma espessura e um grande peso, pois o zelador precisou de toda a força, mesmo que auxiliado pelo engenho da polia, para abri-la. O peso se devia em parte ao fato de a posição das dobradiças na porta ter o evidente propósito de lançar seu peso para baixo, de modo a se fechar sozinha assim que a corda se soltasse. O interior estava coberto de ferrugem. Mais do que isso, pois a

ferrugem decorrente do tempo dificilmente teria corroído tanto as paredes de ferro.

Só quando nos aproximamos para olhar o lado de dentro da porta é que a intenção diabólica se manifestou plenamente. Havia diversos espinhos compridos, quadrados e maciços, largos na base e finos nas pontas, posicionados de tal maneira que, quando a porta se fechava, os espinhos de cima furavam os olhos da vítima e os de baixo, o coração e outros órgãos vitais. A imagem foi demais para a pobre Amelia, que dessa vez desmaiou de verdade. Precisei carregá-la escada abaixo e colocá-la num banco do lado de fora até que se recuperasse. O fato de ela ter sentido profundamente aquilo seria mais tarde demonstrado pelo fato de meu filho mais velho ter uma indelicada marca de nascença no peito, o que na família dizemos ser uma representação da Virgem de Nurembergue.

Quando voltamos à câmara, encontramos Hutcheson ainda parado diante da Virgem de Ferro, filosofando. Ele nos concedeu o benefício de suas ideias na forma de uma espécie de exórdio.

— Acho que aprendi uma coisa aqui enquanto a madame se recuperava do desmaio. Parece que estamos muito atrasados lá do nosso lado desse grande trago de água salgada que é o oceano. A gente costuma achar na planície que os índios são os campeões em deixar uma pessoa desconfortável, mas acho que a turma da lei de vocês, medievais, fica com o troféu. O Farpa também era muito bom nesse negócio de índio, mas isso aqui, dona mocinha, ganha dele com uma sequência maior do mesmo naipe. As pontas desses espinhos ainda estão afiadas, mesmo que as bordas estejam corroídas por essas coisas. Seria bom levar para as reservas dos nossos índios alguns desses brinquedos, só para eles recobrem o juízo, assim como as índias, mostrando como a velha civilização é muito melhor que eles. Acho que só vou entrar um minuto na caixa para ver como é.

— Ah, não! — disse Amelia. — Que coisa terrível!

— Madame, acho que nada é terrível demais para a mente exploradora. Já estive em lugares bizarros na vida. Passei uma noite dentro de um cavalo morto enquanto um incêndio na

pradaria ardia à minha volta no território de Montana. Em outra ocasião, dormi dentro de um búfalo morto quando os comanches quiseram guerrear e não me dei ao trabalho de deixar meu cartão para eles. Fiquei dois dias dentro de um túnel na mina de ouro de Billy Broncho, no Novo México, e fui um dos quatro soterrados quase um dia inteiro quando a fundação desabou de um lado quando estávamos construindo a Buffalo Bridge. Nunca fugi de nenhuma bizarrice e não pretendo começar agora.

Ao perceber que ele estava decidido a experimentar aquilo, eu disse:

— Bem, então é melhor se apressar, meu velho, e acabar logo com isso.

— Tudo bem, General — disse ele —, mas pelos meus cálculos ainda não podemos. Os cavalheiros, meus antecessores, que entravam nessa lata não ficavam voluntariamente na posição. Creio que devia haver alguma amarração artística antes de darem o grande golpe. Quero entrar nessa coisa à moda antiga, portanto primeiro precisam me amarrar dos pés à cabeça. Imagino que o velhote tenha uma corda para me prender direitinho.

A frase foi dita como uma pergunta ao velho zelador, que entendera o sentido de sua fala, ainda que sem saber apreciar plenamente todas as sutilezas do dialeto e das imagens, e balançou a cabeça. Seu protesto, contudo, foi apenas formal e com vistas a ser resolvido. O americano pôs uma moeda de ouro na mão dele, dizendo:

— Fique com isso, sócio. É sua parte. Não se apavore. Não o estamos contratando para trabalhar em nenhum enforcamento!

Ele trouxe uma corda velha e fina e passou a amarrar nosso companheiro com firmeza o bastante para aquela finalidade. Quando a parte de cima de seu corpo estava amarrada, Hutcheson disse:

— Um momento, meritíssimo. Acho que sou pesado demais para você me levar até a lata. Deixe que eu entre com meus próprios passos, depois você prende minhas pernas.

Enquanto assim falava, foi se encostando na abertura, larga o suficiente só para passar seu corpo. Era sem dúvida estreita.

Amelia observava com medo no olhar, mas não quis dizer nada. O zelador completou sua missão amarrando bem juntos os pés do americano, que agora estava absolutamente indefeso e imobilizado em sua prisão voluntária e parecia realmente estar gostando daquilo. O princípio de um sorriso habitual em seu semblante floresceu quando ele disse:

— Acho que esta Eva aqui foi feita da costela de um anão. Não há espaço para um cidadão adulto dos Estados Unidos se mexer muito. A gente faz caixões mais espaçosos no território do Idaho. Agora, meritíssimo, comece a fechar a porta devagar em cima de mim. Quero sentir o mesmo prazer dos antigos quando esses espinhos vinham na direção dos olhos deles.

— Ah, não! Não! — exclamou Amelia histericamente. — É terrível demais! Não consigo nem olhar! Não quero ver.

O americano, todavia, estava obstinado.

— Olha, coronel — disse ele —, por que você não leva a madame para dar uma voltinha? Não quero ferir os sentimentos dela por nada neste mundo. Mas, agora que estou aqui, depois de percorrer 13 mil quilômetros, não seria uma pena desperdiçar justamente a experiência que venho buscando e querendo tanto ter? Não é sempre que temos a oportunidade de saber como é ser comida enlatada. Eu e o meritíssimo aqui vamos resolver isso rapidamente, depois vocês voltam e vamos todos dar risada juntos.

Mais uma vez, a determinação originada da curiosidade triunfou, e Amelia ficou agarrada ao meu braço, trêmula, enquanto o zelador começava a afrouxar lenta e milimetricamente a corda que segurava a porta de ferro. O semblante de Hutcheson estava definitivamente radiante enquanto seus olhos acompanhavam a aproximação dos espinhos.

— Ora! — disse ele. — Acho que não me divirto assim desde que saí de Nova York. Depois de uma briga com um marinheiro francês em Wapping, que também não foi nenhum piquenique, não tive nenhum prazer com nenhuma atração neste continente apodrecido, onde não tem nenhum urso, nem índio, nem ninguém anda armado. Devagar com isso, meritíssimo. Não

tenha pressa. Quero aproveitar o espetáculo, pelo qual já paguei, inclusive.

O zelador devia ter um pouco do sangue de seus antecessores naquela torre sinistra, pois operava a máquina com uma lentidão deliberada e excruciante, que, após cinco minutos, em que a porta mal se movera alguns centímetros, começou a perturbar Amelia. Seus lábios empalideceram, senti sua mão afrouxar no meu braço. Procurei logo um lugar para deitá-la. Quando olhei de novo para ela, vi que seus olhos estavam fixamente voltados para alguma coisa ao lado da Virgem. Acompanhando a direção de seu olhar, vi a gata se esconder. Os olhos verdes dela brilhavam como lampiões na escuridão da sala. A cor era acentuada pelo sangue que ainda manchava seu pelo e avermelhava sua boca. Exclamei:

— A gata! Cuidado com a gata!

Nesse mesmo instante, ela saltou diante da máquina. Naquele momento, parecia um demônio triunfante. Seus olhos faiscavam de ferocidade, seu pelo estava tão eriçado que ela parecia duas vezes maior e o rabo estava agitado como o de um tigre com a caça pela frente. Hutcheson, quando a viu, achou divertido, e seus olhos brilhavam de excitação ao dizer:

— Não é que a maldita índia veio toda pintada! Pode espantá-la, se ela vier com seus truques para cima de mim, pois o chefe aqui me amarrou firme. Com mil diabos, não vou conseguir proteger meus olhos se ela quiser arrancá-los. Cuidado, meritíssimo! Não solte essa corda ou estarei perdido!

Nesse momento, Amelia desmaiou de vez. Precisei segurá-la pela cintura ou ela teria caído no chão. Enquanto a acudia, vi a gata preta se preparando para saltar e corri para espantá-la.

Mas, nesse instante, com uma espécie de urro infernal, ela se atirou não sobre Hutcheson, como imaginávamos, mas sobre o rosto do zelador. Suas garras pareciam rasgar com selvageria, como nos desenhos chineses de dragões rampantes. Enquanto eu observava, vi uma garra atacar o olho do pobre sujeito e rasgá-lo da órbita até a face, deixando uma larga faixa vermelha onde o sangue parecia brotar de todos os vasos.

Com um berro de puro terror, anterior ainda à sensação de dor, o sujeito saltou para trás, soltando a corda que segurava a porta de ferro. Corri para detê-la, mas foi tarde demais, pois a corda correu feito um raio pela polia e a massa pesada da porta se fechou com o próprio peso.

Enquanto a porta se fechava, vi de relance o rosto de meu pobre companheiro. Ele parecia congelado de terror. Seus olhos fitavam com horrível angústia, como hipnotizados, e nenhum som saiu de seus lábios.

E então os espinhos fizeram seu trabalho. Felizmente o fim veio depressa. Quando abri a porta, haviam-no perfurado tão profundamente que atravessavam os ossos do crânio e o puxavam — o crânio — para fora da prisão de ferro, de onde ele, amarrado, caiu com um impacto perturbador no chão, com o rosto virando para cima no momento da queda.

Voltei correndo até minha esposa, levantei-a do chão e a levei para fora, pois temia que ela despertasse do desmaio e visse aquela cena. Deitei-a no banco do lado de fora e corri de volta para dentro. Encostado ao pilar de madeira estava o zelador gemendo de dor, pressionando o lenço sujo de sangue contra os olhos. Sentada na cabeça do pobre americano estava a gata, ronronando orgulhosamente, enquanto lambia o sangue que escorria da órbita vazada dos olhos dele.

Creio que ninguém me julgará cruel por ter pegado uma antiga espada de carrasco e cortado ali mesmo a gata ao meio.

O segredo do ouro crescente

Quando Margaret Delandre foi morar em Brent's Rock, toda a vizinhança despertou para o prazer de um escândalo totalmente novo. As celeumas associadas à família Delandre e aos Brent de Brent's Rock não foram poucas, e, se a história secreta do condado fosse escrita, os nomes de ambos estariam bem representados. É verdade que os estatutos das duas famílias eram tão diferentes que elas poderiam pertencer a continentes distintos — ou a mundos distintos, no caso —, pois até então suas órbitas jamais haviam se cruzado. Os Brent eram considerados por todos no condado donos de uma influência social exclusiva, e sempre se mantiveram muito acima da classe dos pequenos proprietários à qual pertencia Margaret Delandre, assim como um fidalgo espanhol de sangue azul está acima de seus camponeses arrendatários.

Os Delandre, assim como os Brent, eram uma família antiga e tinham orgulho disso, mas jamais ascenderam acima da classe dos pequenos proprietários rurais e, não obstante tivessem sido ricos nos bons tempos das guerras no estrangeiro e da defesa da terra, sua fortuna se esgotara sob o sol esturricante do livre-comércio e os “melodiosos tempos de paz”.¹ Eles tinham, como os membros mais antigos costumavam dizer, “ficado presos à terra”, e como resultado haviam ali lançado raízes de corpo e alma. Na verdade, uma vez que optaram por viver das plantações, haviam germinado como plantas — com flores e frutos na boa estação e dificuldades na estação ruim. Sua propriedade, Dander's Croft, parecia reformada para se amoldar à família que ali vivia. Estes haviam entrado em decadência após muitas gerações, produzindo vez por outra alguns rebentos abortivos de energia insatisfeita, na forma de um soldado ou um marinheiro, que conseguiam chegar apenas a postos inferiores

de suas carreiras e ali permaneciam, excluídos da galanteria impensada em ação, mas também imunes à causa destruidora dos homens sem berço nem cuidados na juventude — o reconhecimento de uma posição superior que eles mesmos se sentiam inaptos para ocupar.

Assim, pouco a pouco, a família foi decaindo, os homens reclamando e insatisfeitos, ou bebendo até morrer, as mulheres dando duro em casa, casando com alguém inferior, ou coisa pior. No decorrer dos anos, todos desapareceram, restando somente dois em Croft, Wykham Delandre e sua irmã, Margaret. O homem e a mulher pareciam ter herdado, nas formas respectivamente masculina e feminina, a tendência maligna de sua raça, compartilhando os mesmos princípios — ainda que manifestos de modos diferentes — da paixão, da voluptuosidade e da negligência taciturnas.

A história dos Brent foi algo similar, mas demonstrou as causas da decadência em sua versão aristocrática, e não plebeia. Eles também haviam enviado seus rebentos para as guerras, porém seus postos eram diferentes e muitos conquistaram honrarias, porque eram galantes impecáveis e porque bravos feitos foram realizados antes de a dissipação egoísta que os marcava lhes minar o vigor. O atual chefe da família — se é que se poderia chamar de família, agora que só restava um membro da linhagem direta — era Geoffrey Brent, que era praticamente um exemplo de uma raça exaurida, manifestando-se ora com suas qualidades mais brilhantes, ora com a degradação mais completa. Podia bem ser comparado àquele tipo antigo de nobre italiano que os pintores nos deixaram, com sua coragem, falta de escrúpulos, refinamentos de volúpia e crueldade — misto de voluptuoso efetivo com demônio em potencial. Ele era bem-apegoado, com aquela beleza morena, aquilina, imperiosa, que as mulheres geralmente reconhecem como dominadora. Com os homens, era distante e frio, mas tal atitude jamais repeliu as mulheres.

As leis inescrutáveis do sexo fizeram tal arranjo que mesmo uma mulher tímida não teme um homem feroz e arrogante. Por isso, dificilmente uma mulher, de qualquer tipo ou posição, que

vivesse nos arredores de Brent's Rock, não acalentava uma admiração secreta pelo belo e imprestável solteirão. Era uma categoria vasta, pois Brent's Rock se erguia, íngreme, em meio a uma região plana e, num raio de 150 quilômetros, se destacava contra o horizonte, com suas torres e telhados altos e antigos acima de bosques e aldeias, bem como suas esparsas mansões ao longe.

Se Geoffrey Brent limitasse suas dissipações a Londres, Paris e Viena — qualquer lugar longe dos olhos e dos ouvidos de seu lar —, a opinião pública se calaria. É fácil escutar rumores distantes sem se abalar. Além disso, pode-se tratá-los com descrença, escárnio, desdém ou qualquer outra atitude de frieza que sirva ao nosso propósito. Mas, quando o escândalo chegou perto de casa, tudo mudou de figura: os sentimentos de independência e integridade, que existem nas pessoas de qualquer comunidade que não tenha sido completamente corrompida, acabaram se impondo e exigindo que se expressasse uma condenação.

Ainda havia certa reticência geral e ninguém dava mais atenção aos fatos existentes além do absolutamente necessário. Margaret Delandre se portava de modo tão destemido e franco — aceitara a posição de companheira legal de Geoffrey Brent naturalmente — que as pessoas passaram a acreditar que ela se casara secretamente com ele, portanto achavam mais prudente controlar a língua para que o tempo não lhe desse razão e não fizesse dela uma inimiga poderosa.

A única pessoa que, com sua interferência, poderia sanar todas as dúvidas estava impedida pelas circunstâncias de interferir na questão. Wykham Delandre brigara com a irmã, ou talvez ela tivesse brigado com ele, e os dois se encontravam em termos não só de neutralidade armada, mas de amargo ódio. A briga ocorrera antes de Margaret se mudar para Brent's Rock. Ela e Wykham chegaram a quase trocar sopapos. Houve ameaças de ambas as partes e, no fim, tomado de paixão, Wykham mandara a irmã embora de casa. Ela se levantou na mesma hora e, sem esperar para levar seus pertences pessoais, saiu andando da casa. Na porta, parou por um momento e gritou

uma amarga ameaça ao irmão: a de que ele padeceria na vergonha e no desespero até a hora da morte pelo que fizera naquele dia.

Algumas semanas haviam se passado desde então e se supunha na região que Margaret tivesse ido para Londres quando, subitamente, ela reapareceu, passeando de carruagem com Geoffrey Brent. Antes do anoitecer, toda a vizinhança já sabia que ela se mudara para a casa dele. Não foi motivo de surpresa o fato de Brent ter voltado inesperadamente, porque isso nele era habitual. Nem os próprios empregados sabiam quando ele voltava, pois havia uma entrada particular, da qual só ele tinha a chave e por onde às vezes entrava sem ninguém na casa saber. Era seu método usual de dar as caras após uma longa ausência.

Wykham Delandre ficou furioso com a notícia e jurou vingança. Para manter o espírito em equilíbrio com sua paixão, bebeu mais do que nunca. Tentou diversas vezes encontrar a irmã, mas desdenhosamente ela evitou recebê-lo. Tentou marcar hora com Brent e também foi recusado por ele. Tentou, então, abordá-lo na rua, mas de nada adiantou, pois Geoffrey não era homem de se deixar deter contra a vontade. Diversas vezes ocorreram encontros casuais entre os dois homens e muitos mais foram postergados ou evitados. Por fim, Wykham Delandre se resignou a uma melancólica e vingativa aceitação da situação.

Como nem Margaret nem Geoffrey tinham temperamento pacífico, logo começaram a ocorrer discussões entre os dois. O vinho, que era muito bebido em Brent's Rock, quase sempre acirrava as brigas. Às vezes, as desavenças assumiam aspecto amargo e ambos trocavam ameaças com linguajar tão duro que chocava os ouvidos da criadagem. Essas brigas, porém, como a maioria das altercações domésticas, quase sempre terminavam em reconciliação e no respeito mútuo pelas qualidades beligerantes envolvidas naquelas manifestações.

A luta pela luta é considerada por algumas pessoas em todo o mundo uma questão de interesse, de maneira que não há motivo para acreditar que as condições domésticas minimizem sua potência. Geoffrey e Margaret se ausentavam

ocasionalmente de Brent's Rock. Em todas essas ocasiões, Wykham Delandre também saía da região. Mas, como ele geralmente ficava sabendo das ausências tarde demais para fazer qualquer coisa, voltava para casa cada vez mais amargurado e num estado de espírito mais descontente do que antes.

Enfim, certa vez, uma dessas ausências de Brent's Rock foi mais longa do as habituais. Alguns dias antes, ocorrera uma briga mais exaltada do que qualquer outra até então. Como sempre, contudo, eles fizeram as pazes e mencionaram uma viagem ao continente na frente dos criados. Passados alguns dias, Wykham Delandre também viajou, só retornando algumas semanas depois, bem diferente. Todos repararam que ele voltara cheio de uma nova altivez — contente, exultante — que as pessoas mal souberam definir. Foi diretamente a Brent's Rock e pediu para falar com Geoffrey Brent. Quando lhe disseram que ele ainda não regressara, Wykham disse com uma sombria decisão, que foi notada pelos criados:

— Eu voltarei. Tenho uma notícia verídica. Isso pode esperar.

Ao dizer tais palavras, retirou-se e foi embora.

Semanas se passaram, depois meses e meses, até que surgiu um rumor, que depois se provou verdadeiro, de que havia ocorrido um acidente no vale de Zermatt. Enquanto atravessava uma passagem perigosa, a carruagem que levava uma senhora inglesa e o cocheiro caiu de um precipício. O cavalheiro do grupo, o sr. Geoffrey Brent, por sorte se salvara, pois decidiu seguir a pé pela estrada a fim de reduzir o peso que os cavalos teriam de suportar. Ele mesmo foi o responsável por alertar sobre o acidente, e uma busca foi feita pela região. A amurada quebrada, a estrada escoriada, as marcas nos locais onde os cavalos se esforçaram para não despencar no declive antes de caírem na torrente — todos ficaram sabendo da triste história.

Estava chovendo, e nevara muito no inverno, de modo que o rio estava cheio além do volume normal e as torrentes vinham repletas de blocos de gelo. Todas as buscas foram feitas. Finalmente, os destroços da carruagem e o cadáver de um dos

cavalos foram encontrados numa curva do rio. Mais tarde, o cadáver do cocheiro foi localizado numa margem arenosa que fora varrida pela torrente, perto de Täsch. O corpo da senhora, entretanto, assim como o do outro cavalo, havia desaparecido e talvez estivesse — o que restasse dele àquela altura — girando nos remoinhos do Reno em sua descida até o lago Genebra.

Wykham Delandre procurou por toda parte, mas não encontrou nem sinal da irmã desaparecida. Nos livros de vários hotéis, todavia, achou os nomes “sr. e sra. Geoffrey Brent”. Assim, mandou fazer uma lápide em Zermatt em lembrança da irmã, sob seu nome de casada, e uma placa na igreja de Bretten, paróquia onde ficavam Brent’s Rock e Dander’s Croft.

Quase um ano havia se passado até que toda a excitação pelo assunto se esgotara e a vizinhança voltara à vida de costume. Brent seguia ausente, ao passo que Delandre estava mais bêbado, mais melancólico e mais vingativo do que nunca.

Até que houve um novo motivo de alvoroço: Brent’s Rock estava sendo preparada para uma nova senhora. O próprio Geoffrey, em carta ao vigário, anunciara que havia se casado alguns meses antes com uma italiana e que os dois estavam voltando para casa. Então um pequeno exército de operários invadiu a casa; e o martelo e a plaina soaram, e um cheiro de cola e tinta impregnou a atmosfera. Uma ala da velha casa, a ala sul, foi inteiramente reformada; e então todo o exército de operários foi embora, deixando apenas os materiais para reformar o antigo salão depois que Geoffrey Brent voltasse, pois ele dera ordens para que a decoração só fosse feita sob sua supervisão.

Ao chegar, dias depois, Brent trouxera consigo desenhos detalhados de um salão da casa do pai de sua noiva, pois tinha intenção de reproduzir para ela o lugar ao qual estava acostumada.

Como os moldes precisariam ser todos refeitos, alguns andames e tábuas foram trazidos e posicionados de um dos lados do grande salão, bem como uma grande caixa ou baú para misturar a cal, cujos sacos foram empilhados ao lado.

Quando a nova senhora de Brent's Rock chegou, os sinos da igreja tocaram e foi uma alegria geral. Era uma linda criatura, cheia da poesia, do fogo e da paixão meridionais, e as poucas palavras inglesas que aprendera eram ditas tão delicada e graciosamente erradas que ela conquistou o coração das pessoas tanto pela música de sua voz quanto pela beleza fluida de seus olhos escuros.

Geoffrey Brent parecia mais feliz do que jamais fora. Havia, porém, uma expressão sombria e angustiada em seu semblante, nova para aqueles que o conheciam bem. Ele às vezes se sobressaltava como se ouvisse um barulho que ninguém mais ouvia.

Dessa forma, os meses foram se passando até que começou a correr pela vizinhança a notícia de que, enfim, Brent's Rock teria um herdeiro. Geoffrey era muito carinhoso com a esposa, e o novo vínculo entre eles pareceu enternecê-lo, de modo que passou a se interessar mais por seus moradores e por suas necessidades. Ele e a esposa passaram a fazer diversas obras de caridade. Geoffrey parecia apostar todas as esperanças na criança que iria nascer, e, conforme passou a mirar mais profundamente o futuro, a sombra negra que havia em seu rosto aos poucos foi desaparecendo.

Durante todo esse ano, Wykham Delandre alimentou sua vingança. No fundo do coração, ele cultivara um propósito de vingança que só esperava uma oportunidade para se cristalizar e tomar uma forma definitiva. Teve uma vaga ideia de um plano envolvendo a esposa de Brent, pois sabia que podia atingi-lo melhor por intermédio dos entes queridos, e o tempo parecia trazer no ventre a oportunidade pela qual tanto ansiava.

Uma noite, ele estava sentado sozinho na sala de casa. Aquela fora outrora uma bela sala, mas o tempo e o descaso haviam agido e era agora pouco mais que uma ruína, sem nada de digno ou pitoresco. Bêbado, Wykham pensou ter ouvido um barulho, como se alguém batesse na porta, e foi verificar. Gritou para que a pessoa entrasse, mas ninguém respondeu. Resmungando uma blasfêmia, voltou a beber. Por um momento, esqueceu tudo à sua volta e mergulhou numa espécie de torpor,

mas de repente despertou ao ver em pé, diante de si, alguém ou algo parecido com uma versão exaurida, fantasmagórica, da irmã.

Por alguns momentos, sentiu uma espécie de medo. A mulher diante dele, com feições distorcidas e olhos faiscantes, mal parecia humana, e a única coisa que lembrava sua irmã, tal como ela era, eram os fartos cabelos dourados, agora com mechas grisalhas.

Ela encarou o irmão longa e friamente. Ele fez o mesmo. Ao observá-la e se dar conta da realidade da presença dela, deparou-se com o ódio novamente se erguendo em seu coração. Toda a infelicidade passional do ano anterior pareceu encontrar uma voz quando ele perguntou:

— Por que está aqui? Você está morta e enterrada.

— Estou aqui, Wykham Delandre, não por amor a você, mas porque tenho ainda mais ódio de outro homem do que de você!

Uma grande paixão flamejava em seus olhos.

— Dele? — perguntou o irmão, com um sussurro tão feroz que até a mulher ficou por um instante sobressaltada.

— Sim, dele — respondeu ela. — Mas não se engane, minha vingança é só minha. Só quero sua ajuda para me vingar.

Wykham perguntou subitamente:

— Ele, afinal, se casou com você?

O semblante distorcido da mulher se desanuviou numa tentativa sinistra de sorrir. Foi uma paródia hedionda de um sorriso, pois as feições abatidas e as feridas costuradas assumiram formas e cores estranhas, assim como bizarras rugas brancas apareceram onde os músculos tensos pressionavam velhas cicatrizes.

— Então é isso que você quer saber? Seria bom para seu orgulho saber se sua irmã se casou no papel. Bem, você jamais saberá. Essa é minha vingança contra você e não pretendo abrir qualquer exceção. Vim aqui hoje à noite só para avisar que estou viva, de modo que, se eu sofrer alguma violência lá aonde estou indo, possa haver uma testemunha.

— Aonde você vai? — perguntou o irmão.

— Isso é assunto meu e não tenho a menor intenção de lhe contar.

Wykham se levantou, bêbado, cambaleou e caiu. Estendido no chão, anunciou a intenção de seguir a irmã. Num arroubo de humor, disse que a seguiria através das trevas pela luz de seus cabelos e de sua beleza. Ao ouvir isso, ela se virou para ele e disse que outros, além dele, sofreriam pelos seus cabelos e por sua beleza.

— Assim ele sofrerá — sibilou —, pois os cabelos permanecem mesmo que a beleza tenha fim. Quando ele tirou a cavilha da carruagem e nos deixou cair do precipício dentro da torrente, não pensou na minha beleza. Talvez a beleza dele também ficasse marcada como a minha se tivesse sido arrastado como fui entre as pedras do Visp e ficado congelando sobre o gelo na curva do rio. Mas ele que se cuide, porque a hora está chegando.

Com um gesto feroz, ela escancarou a porta e sumiu noite afora.

* * *

Mais tarde, naquela mesma noite, a sra. Brent, que estava quase dormindo, subitamente despertou e disse ao marido:

— Geoffrey, acho que ouvi o som de um trinco sendo forçado embaixo da nossa janela.

Mas Geoffrey — embora ela achasse que ele também tivesse se assustado com o barulho — parecia dormir um sono profundo, com respiração pesada. A sra. Brent adormeceu de novo, mas dessa vez despertou com o marido de pé e se vestindo. Ele estava com uma palidez mortíça. Quando a luz do lampião que segurava tomou seu rosto, ela ficou assustada com a expressão nos olhos do marido.

— O que foi, Geoffrey? O que você está fazendo? — perguntou.

— Silêncio, minha pequena — respondeu ele com uma rispidez estranha na voz. — Volte a dormir. Estou sem sono e preciso terminar um trabalho que deixei inacabado.

— Traga para cá — insistiu ela. — Vou ficar sozinha e tenho medo quando você sai.

Em resposta, ele apenas a beijou e saiu, fechando a porta. A mulher ficou acordada por mais algum tempo, porém logo a natureza se impôs e ela adormeceu.

De súbito, despertou com a memória auditiva de um grito abafado em algum lugar próximo. Pôs-se de pé e correu para a porta, onde ficou escutando, sem ouvir som algum. Preocupada com o marido, chamou-o:

— Geoffrey! Geoffrey!

Momentos depois, a porta do grande salão se abriu e Geoffrey apareceu, sem o lampião.

— Silêncio — disse ele, numa espécie de sussurro e com voz brusca. — Silêncio! Vá dormir. Estou trabalhando e não posso ser interrompido. Vá dormir e não acorde a casa toda.

Com um calafrio no coração, porquanto a rispidez na voz do marido era nova para ela, voltou lentamente para a cama e ali ficou, trêmula, apavorada demais para chorar e atenta a qualquer ruído. Houve um longo silêncio, após o qual o som de algum artefato de ferro dando golpes abafados se fez ouvir. Depois, veio o impacto de uma pedra pesada caindo, seguido pelo som de algo sendo arrastado e de mais ruídos de pedra sobre pedra. Durante todo esse tempo, ela ficou ali deitada, agoniada de medo e com o coração batendo pavorosamente. Ouviu um curioso som de algo sendo raspado e depois reinou um silêncio. Então, a porta se abriu devagar e Geoffrey apareceu. Fingindo dormir, a esposa o viu, pelas pálpebras entrecerradas, lavar das mãos algo branco que parecia cal.

Ao amanhecer, ele não fez qualquer alusão à noite anterior e ela estava com medo de fazer qualquer pergunta.

Desde esse dia, parecia pairar uma sombra sobre Geoffrey Brent. Ele não comia, não dormia como antes, e seu hábito de se virar para trás de repente, como se alguém estivesse falando às suas costas, reapareceu.

O antigo salão parecia exercer uma espécie de fascínio sobre ele. Costumava ir até lá muitas vezes ao dia, mas se

impacientava se alguém, mesmo a esposa, entrasse enquanto ele estivesse lá.

Quando o mestre de obras chegou para saber sobre a continuidade das reformas, Geoffrey havia saído de carruagem. O sujeito, então, entrou no salão por conta própria. Quando Geoffrey retornou, o criado lhe contou sobre a visita. Com uma imprecação assustadora, ele empurrou o criado de lado e correu até o antigo salão. O trabalhador estava junto à porta. Quando Geoffrey entrou, topou com ele, que pediu desculpas:

— Perdão, senhor, mas eu estava mesmo de saída para fazer algumas perguntas. Enviei 12 sacos de cal para cá, mas aqui há apenas dez.

— Danem-se os dez ou 12 sacos — berrou Geoffrey, de maneira indelicada e incompreensível.

O operário ficou surpreso e tentou mudar de assunto.

— Entendo, senhor, deve ter havido algum pequeno equívoco da parte do nosso pessoal, mas evidentemente nos encarregaremos de todos os custos.

— O que você quer dizer?

— As pedras da lareira, senhor. Algum idiota deve ter posto ali um andaime e rachou a pedra ao meio. E olha que são pedras grossas o suficiente para suportar qualquer troço!

Geoffrey ficou calado por um minuto e depois disse com voz contida e modos muito mais gentis:

— Avise ao seu pessoal que não vou mais prosseguir com as obras no momento. Quero deixar assim por mais algum tempo.

— Está bem, senhor. Mandarei alguns dos nossos rapazes virem retirar os andaimes, os sacos de cal, e limpar um pouco o local.

— Não — disse Geoffrey. — Pode deixar tudo onde está. Mando chamar quando quiser que vocês retomem o trabalho.

O mestre de obras foi embora, mas não sem antes dizer as seguintes palavras:

— Vou mandar a conta, senhor, pelo trabalho já feito. Parece que o dinheiro está um pouco em falta por aquelas bandas.

Uma ou duas vezes, Delandre tentou abordar Brent na rua, até que, por fim, vendo que não atingiria seu objetivo, resolveu correr atrás de sua carruagem, gritando:

— O que aconteceu com minha irmã, com sua esposa?

Geoffrey chicoteou seus cavalos até o galope. O outro, vendo pelo semblante pálido dele e da esposa, a qual quase desmaiou, que seu objetivo fora atingido, foi embora entre gargalhadas e imprecações.

Naquela noite, quando Geoffrey entrou no salão, foi diretamente até a lareira e, de repente, recuou com um grito contido. Com esforço, recompôs-se e foi embora, voltando com um lampião. Ele se abaixou sobre a pedra rachada para ver se a luz do luar que entrava pela janela o havia confundido. Então, com um gemido angustiado, pôs-se de joelhos. Através da rachadura da pedra brotavam miríades de fios de cabelos dourados mesclados de cinza.

Ele se perturbou com um barulho na porta e, quando se virou para olhar, viu a esposa parada no umbral. Desesperado, agiu para impedir que ela descobrisse: acendeu um fósforo na chama do lampião, abaixou-se e queimou os cabelos que brotavam através da pedra da lareira rachada. Posteriormente, erguendo-se o mais despreocupado que podia, fingiu surpresa ao ver a esposa ao seu lado.

Na semana seguinte, ele viveu em plena agonia, pois, fosse por acidente ou intento, não conseguiu mais ficar sozinho no salão por muito tempo. Cada vez que ali entrava, o cabelo crescera de novo pela rachadura e ele precisava examiná-la atentamente para que seu segredo terrível não fosse descoberto. Tentou encontrar um lugar para enterrar o cadáver da mulher assassinada fora da casa, mas sempre alguém o interrompia. Uma vez, quando saía por sua porta particular, deparou-se com a esposa, que começou a lhe fazer perguntas sobre aquela saída secreta e demonstrou surpresa por não haver reparado antes na chave que, relutantemente, ele lhe mostrou.

Geoffrey amava profunda e apaixonadamente a esposa, por isso qualquer possibilidade de ela descobrir seus pavorosos segredos, ou mesmo de desconfiar dele, o enchia de angústia.

Passados alguns dias, ficou evidente para ele que a mulher desconfiava de algo.

Naquela mesma noite, ela entrou no salão ao voltar para casa, encontrou-o sentado, melancólico, junto à lareira vazia e lhe falou diretamente:

— Geoffrey, fui abordada hoje por aquele sr. Delandre, que me disse coisas terríveis. Ele me disse que, semana passada, a irmã dele voltou para casa, desfigurada e arruinada, apenas com os cabelos dourados de antes, e anunciou que faria alguma maldade. Ele me perguntou onde ela está... Oh, Geoffrey! Ela morreu, ela morreu. Como pode ter voltado? Estou apavorada e não sei mais o que fazer.

Em resposta, Geoffrey explodiu numa torrente de imprecações que a fez estremecer. Ele amaldiçoou Delandre, a irmã e toda a família deles. Berrou blasfêmias e mais blasfêmias sobretudo contra os cabelos dourados dela.

— Silêncio! Silêncio! — disse ela, calando-se. Morria de medo do marido quando via o lado mau de seu humor.

Geoffrey se ergueu em seu acesso de fúria e se afastou da lareira. De repente, parou ao ver uma nova expressão de terror nos olhos da esposa. Ele acompanhou aquele olhar e também estremeceu. Na pedra rachada havia uma área dourada da ponta dos cabelos que ali cresciam.

— Veja, veja! — gritou ela. — Deve ser um fantasma da falecida. Afaste-se daí!

Tomando o marido pelo pulso, com um frenesi enlouquecido, tirou-o da sala.

Naquela noite, ela teve febre alta. O médico do distrito foi imediatamente atendê-la e, com um telegrama a Londres, solicitou ajuda de especialistas. Geoffrey ficou desesperado e, angustiado diante do risco que a jovem esposa corria, quase esqueceu seu crime e suas consequências. Ao anoitecer, o médico precisou atender outros pacientes, mas deixou Geoffrey encarregado de cuidar da esposa. Suas últimas palavras foram:

— Lembre-se: você deve entretê-la até eu voltar pela manhã ou até a chegada de outro médico responsável pelo caso. A única coisa que o senhor deve evitar é que ela sofra outro abalo

emocional. Garanta que ela fique bem aquecida. Não há mais o que fazer além disso.

Mais tarde naquela noite, quando o resto da criadagem se recolhera, a esposa de Geoffrey se levantou da cama e chamou pelo marido.

— Venha! — disse ela. — Vamos até o antigo salão. Já sei de onde vem aquele ouro. Quero ver o ouro crescer.

Geoffrey preferiria tê-la impedido, mas temia pela vida da esposa e também que ela gritasse a plenos pulmões sua terrível suspeita. Vendo que era inútil tentar dissuadi-la, cobriu-a com uma manta quente e foi com ela até o antigo salão. Ao entrarem, ela se virou e trancou a porta.

— Esta noite não queremos desconhecidos. Ninguém além de nós três — sussurrou ela, com um sorriso abatido.

— Três? Não, estamos apenas nós dois — disse Geoffrey com tremor, calando-se, assustado.

— Sente-se aqui — disse a esposa, apagando a luz. — Sente-se aqui junto da lareira e observe o ouro crescer. O luar de prata está com ciúme. Veja! Ele se espalha pelo chão na direção do ouro, do nosso ouro.

Geoffrey sentia um terror se avolumar e viu que nas horas que se passaram os cabelos dourados haviam se projetado pela rachadura na pedra da lareira. Tentou escondê-los, pisando sobre o local rachado, e a esposa, puxando uma cadeira para perto dele, inclinou-se e pôs a cabeça no ombro do marido.

— Não se mexa, querido — disse. — Vamos ficar aqui parados, observando. Vamos acabar descobrindo o segredo do ouro que cresce.

Ele a abraçou e se sentou calado. Enquanto o luar se espalhava pelo chão, ela adormeceu.

Geoffrey teve medo de acordá-la e se manteve sentado, calado e angustiado, conforme as horas passavam.

Diante de seus olhos chocados de horror, os cabelos dourados da pedra rachada cresciam sem parar. Conforme cresciam, seu coração ia ficando cada vez mais frio, até que, por fim, ele não tinha mais forças para se mexer e ficou ali, sentado, com os olhos cheios de terror, assistindo ao próprio fim.

* * *

Pela manhã, quando o médico de Londres chegou, nem Geoffrey nem a esposa foram encontrados. Deram busca em todos os quartos, mas de nada adiantou. Como último recurso, a grande porta do antigo salão foi arrombada, e aqueles que entraram tiveram uma visão sinistra e lamentável.

Junto à lareira vazia, Geoffrey Brent e sua jovem esposa jaziam, frios, brancos e mortos. O rosto dela estava pacífico; seus olhos, fechados, como se dormisse. Mas a visão do rosto dele fez estremecer a todos, pois havia em seu semblante uma expressão de terror impronunciável. Os olhos estavam abertos e vítreos, virados para os pés, que estavam emaranhados por tranças de cabelos dourados, com reflexos grisalhos, que brotavam através da rachadura da pedra da lareira.

Nota

¹ [Shakespeare, *Ricardo III.* \(N.T.\)](#)

A profecia da cigana

— Realmente acho — disse o doutor — que, em todo caso, algum de nós deveria ir lá e experimentar para ver se é ou não uma impostura.

— Boa — disse Considine. — Depois do jantar, vamos pegar nossos charutos e caminhar até o acampamento.

Conforme o combinado, após o jantar e terminada *La Tour*, Joshua Considine e seu amigo, o dr. Burleigh, foram até o lado leste da charneca, onde ficava o acampamento cigano. Quando estavam indo embora, Mary Considine, que os acompanhara até o fim do jardim que se abria na rampa de entrada, chamou o marido:

— Não se esqueça, Joshua, de dar uma chance para eles, mas não dê nenhuma pista de que é rico, não fique flertando com as ciganinhas, e fique atento para que nada aconteça ao Gerald.

Em resposta, Joshua ergueu a mão, como se fizesse um juramento, e assobiou a ária de uma velha canção, “The Gipsy Countess”. Gerald se juntou a ele no refrão. Depois, desatando a rir, os dois rapazes seguiram contentes pela rampa da entrada até o pasto comum, virando-se de vez em quando para acenar para Mary, que se apoiara no portão, à luz do crepúsculo, olhando para eles.

Era uma adorável noite de verão; o ar estava tranquilo e reinava uma serena felicidade, como um exemplo claro da paz e da alegria que tornam um paraíso a vida dos jovens casais. A vida de Joshua não fora cheia de acontecimentos. O único elemento perturbador que ele conhecera foi sua corte a Mary Winston e a longa objeção dos sogros ambiciosos, que esperavam um casamento brilhante para a única filha. Quando o sr. e a sra. Winston descobriram o namoro com o jovem advogado, tentaram manter os dois separados, enviando a filha

para uma longa sequência de visitas e fazendo-a prometer que não se corresponderia com o rapaz durante sua ausência.

O amor, contudo, sobreviveu a essa prova. Nem a ausência nem o abandono pareciam esfriar a paixão do moço, e o ciúme parecia uma coisa que sua natureza sanguínea desconhecia. Após longa espera, os pais cederam e os dois jovens se casaram.

Moravam no chalé havia poucos meses e estavam apenas começando a se sentir em casa. Gerald Burleigh, velho amigo de Joshua desde a faculdade e por algum tempo vítima da beleza de Mary, chegara uma semana antes para ficar hospedado com eles pelo tempo que conseguisse ficar longe do trabalho em Londres.

Quando o marido sumiu de vista, Mary entrou em casa, sentou-se ao piano e concedeu uma hora a Mendelssohn.

Era somente uma caminhada curta pelo pasto e, antes que precisassem acender outros charutos, já haviam chegado ao acampamento cigano. O lugar era pitoresco, como todo acampamento cigano — quando são em vilarejos e os negócios vão bem — costuma ser. Havia poucas pessoas em volta de uma fogueira, investindo seu dinheiro em profecias, e um grande número de outras, mais pobres ou parcimoniosas, que ficavam do lado de fora da roda, mas próximas o suficiente para ver tudo o que acontecia.

Quando os dois cavalheiros se aproximaram, os moradores da região, que conheciam Joshua, abriram caminho, e uma linda cigainha de olhos penetrantes apareceu pedindo para ler a sorte deles. Joshua estendeu a mão, mas a menina, sem olhá-la, mirou fixamente os olhos dele de modo bastante extravagante. Gerald o cutucou:

— Primeiro você cruza a mão dela com prata — disse. — É uma das partes mais importantes do mistério.

Joshua tirou do bolso meia-coroa e estendeu-a para ela, que, sem olhar para a moeda, respondeu:

— Você tem que cruzar a mão da cigana com ouro.

Gerald deu risada.

— Você é o cliente perfeito — disse ele.

Joshua era aquele tipo de homem, o tipo universal, capaz de tolerar ser encarado por uma bela garota. Sem muita pressa, ele respondeu:

— Está certo. Aqui está, minha linda menina. Mas agora você precisa me dar em troca uma boa sorte.

Passou para ela meio-soberano, que ela aceitou, dizendo:

— Não me cabe dar a sorte boa ou ruim, e sim ler o que dizem os astros.

Ela tomou a mão direita dele e virou a palma para cima. No instante em que olhou, porém, soltou-lhe a mão como se fosse um ferro em brasa e, com olhar assustado, rapidamente fugiu. Erguendo a cortina de uma grande tenda, que ocupava o centro do acampamento, ela sumiu lá dentro.

— Caiu de novo — disse o cínico Gerald.

Joshua ficou um pouco perplexo e não exatamente satisfeito. Ficaram ambos observando a tenda enorme. Momentos depois, saía pela abertura não a ciganinha, mas uma distinta senhora de meia-idade e porte altivo.

No instante em que ela surgiu, todo o acampamento pareceu ficar imóvel. O clamor das línguas, as risadas e o barulho do trabalho, por um ou dois segundos, ficaram suspensos, e os homens e mulheres que estavam ali sentados, agachados ou deitados se levantaram e olharam para a cigana de aparência imperial.

— É a rainha, claro — murmurou Gerald. — Estamos com sorte esta noite.

A rainha cigana perscrutou o acampamento com os olhos e, sem hesitar por um instante sequer, foi diretamente até Joshua e parou.

— Estenda a mão — disse ela, como uma ordem.

Novamente Gerald comentou, à meia-voz:

— Não falam assim comigo desde os tempos da escola.

— Essa mão deve ser cruzada com ouro.

— Cem por cento de chance — sussurrou Gerald, enquanto Joshua punha outro meio-soberano na palma estendida do amigo.

A cigana olhou para a mão dele com o cenho franzido. De repente, olhando nos olhos dele, disse:

— Você tem força de vontade, tem um coração sincero capaz de ser corajoso por alguém que ama.

— Espero que sim, mas receio não ter vaidade o suficiente para dizer simplesmente que sim.

— Então vou responder por você, pois leio resolução no seu rosto, resolução desesperada e determinada, se necessário. Você ama sua esposa?

— Sim — respondeu, enfaticamente.

— Então, abandone-a imediatamente. Nunca mais a veja. Abandone-a já, enquanto o amor ainda está fresco e seu coração está livre de más intenções. Vá depressa, para longe, e nunca mais volte a ver o rosto dela.

Joshua retirou a mão rapidamente, disse “obrigado”, com firmeza, mas sarcasticamente, e se virou para ir embora.

— Oh, não! — disse Gerald. — Você não vai sair assim, meu velho. Não adianta se indignar com os astros ou com seu profeta, menos ainda com seu soberano. Pelo menos ouça a história até o fim.

— Cale-se, blasfemo! — ordenou a rainha. — Você não sabe o que está fazendo. Deixe-o ir embora e que continue ignorante, se não quer ser alertado.

Joshua imediatamente se virou.

— Em todo caso, vamos ver onde isso vai dar — disse ele. — Madame, a senhora me deu conselhos, mas paguei para saber meu destino.

— Esteja avisado — disse a cigana. — Os astros estão em silêncio agora; deixe que o mistério os envolva.

— Minha cara senhora, não é todo dia que entro em contato com um mistério, e prefiro pagar para saber a pagar para ignorar. Essa última opção consigo de graça a qualquer hora que eu quiser.

Gerald ecoou esse sentimento.

— Já tenho todo um estoque encalhado à minha disposição.

A rainha cigana olhou seriamente para os dois e disse:

— Como quiser. Foi você quem quis assim. Pagaram avisos com escárnio e apelos com leviandade. Que a desgraça caia sobre suas cabeças!

— Amém! — disse Gerald.

Com um gesto imperioso, a rainha tomou novamente a mão de Joshua e começou a ler sua sorte.

— Vejo aqui sangue escorrendo. Escorrerá sangue em breve. Na minha visão, o sangue corre, escorre pelo círculo partido de um anel despedaçado.

— Continue — disse Joshua, sorrindo. Gerald ficou quieto.

— Quer que eu fale de modo mais simples?

— Certamente. Nós, meros mortais, gostamos das coisas mais definidas. Os astros ficam muito longe daqui e as palavras deles chegam um pouco confusas.

A cigana estremeceu e falou enfaticamente:

— Esta é a mão de um assassino, do assassino da própria esposa.

Ela largou a mão dele e lhe deu as costas.

Joshua deu risada.

— Sabe de uma coisa? — disse ele. — Acho que a senhora poderia profetizar um pouco de jurisprudência para mim. Por exemplo, quando diz que “esta mão é a mão de um assassino”. Bem, não importa o que ela virá a ser no futuro: no presente ela não é. A senhora poderia fazer sua profecia nos seguintes termos: “a mão que será de um assassino”, ou, ainda, “a mão de alguém que será o assassino da própria esposa”. Os astros realmente não são muito bons nessas questões mais técnicas.

A cigana não disse mais nada. Cabisbaixa e indisposta, caminhou lentamente até a tenda e, erguendo a cortina, desapareceu.

Sem dizer nada, os dois amigos tomaram o rumo de casa através da charneca.

De repente, não sem hesitar, Gerald falou:

— É claro, meu velho, isso é tudo uma piada, uma piada sinistra, mas ainda assim uma piada. Mas não seria melhor esquecer essa história?

— Como assim?

— Bem, não conte para sua esposa. Pode preocupá-la.

— Preocupá-la? Meu caro Gerald, onde você está com a cabeça? Ela não teria por que se preocupar ou temer a mim, nem que todas as ciganas que nunca passaram pela Boêmia concordassem que eu haveria de assassiná-la, ou mesmo que eu em pensamento haveria de lhe desejar algum mal.

Gerald insistiu.

— Meu velho, as mulheres são supersticiosas, muito mais do que nós. Além disso, são abençoadas, ou amaldiçoadas, com um sistema nervoso totalmente desconhecido para nós. Vejo isso acontecer com demasiada frequência no meu trabalho para deixar de observar. Escute meu conselho e não conte para ela, ou a deixará apavorada.

Os lábios de Joshua inconscientemente se enrijeceram ao responder:

— Meu caro colega, não guardarei nenhum segredo de minha esposa. Seria o começo de uma nova ordem de coisas entre nós. Não temos segredos um com o outro. Se um dia tivermos, você poderá começar a procurar algo de estranho entre nós.

— Ainda assim — disse Gerald —, correndo o risco de cometer uma interferência indesejada, volto a repetir, esteja avisado, enquanto é tempo.

— As mesmas palavras da cigana — disse Joshua. — Você e ela parecem estar em sintonia. Diga-me, meu velho, isso tudo é armação sua? Você, que me falou do acampamento cigano, combinou tudo isso com sua majestade?

Tais palavras foram ditas em tom zombeteiro. Gerald lhe garantiu que só ficara sabendo do acampamento naquele mesmo dia, mas Joshua debochou de todas as respostas do amigo. Com essa humorada provocação, o tempo passou e eles entraram no chalé.

Mary estava sentada ao piano, mas não o tocava. A penumbra do crepúsculo despertara sentimentos ternos em seu peito e seus olhos estavam cheios de lágrimas delicadas. Quando os homens chegaram, ela se atirou nos braços do marido e o beijou. Joshua assumiu uma atitude trágica.

— Mary — disse ele com voz grave —, antes de me abraçar, escute as palavras do destino. Os astros falaram e selaram nossa desgraça.

— Qual é nosso destino, querido? Diga-me, mas não me assuste.

— De maneira nenhuma, minha querida. Mas há uma verdade que é bom você saber. É necessário que você tome todas as providências e que tudo seja feito de maneira decente e ordeira.

— Continue, querido. Estou ouvindo.

— Mary Considine, pode ser que sua imagem vá para o museu de cera de madame Tussaud. Os astros, imprudentemente, anunciaram por seus eflúvios agourentos que esta mão ficará vermelha de sangue. Do seu sangue. Mary! Mary! Meu Deus!

Ele avançou para ela, mas já era tarde demais para segurá-la: ela caiu no chão, desmaiada.

— Eu avisei — disse Gerald. — Você não as conhece tão bem quanto eu.

Algum tempo depois, Mary se recuperou do desmaio, mas logo mergulhou numa intensa histeria, na qual deu risada, chorou, esbravejou e gritou:

— Fique longe de mim! Joshua, você é meu marido.

Proferiu também muitas outras palavras de súplica e medo.

O estado de espírito de Joshua beirava a agonia. Quando enfim Mary se acalmou, ele se ajoelhou ao lado dela, beijou-lhe os pés, mãos e cabelos, chamou-a de todos os nomes carinhosos e disse todas as ternuras que seus lábios puderam formular. Aquela noite inteira ele ficou sentado ao seu lado na cama, segurando-lhe a mão. Até o amanhecer, ela de tanto em tanto acordava e gritava de pavor, até ser consolada pela consciência de que o marido estava acordado a seu lado, olhando para ela.

O desjejum foi tarde na manhã seguinte. Enquanto comiam, Joshua recebeu um telegrama que o obrigaria a viajar mais de trinta quilômetros até Withering. Ele não queria ir, porém Mary

não quis deixá-lo ficar, e antes do meio-dia ele seguiu sozinho em sua carruagem.

Quando ele saiu, Mary se recolheu ao quarto e não apareceu para almoçar. Só se juntou ao hóspede quando o chá da tarde foi servido no jardim, embaixo do grande salgueiro. Parecia bem recuperada do mal-estar da noite anterior. Depois de fazer algumas observações casuais, disse a Gerald:

— É claro que foi uma grande tolice o que fiz ontem à noite, mas não pude evitar de me sentir apavorada. Na verdade, eu ainda estaria apavorada se me deixasse ficar pensando nisso. Mas, no fim, essas pessoas só fazem ficar imaginando coisas, e tenho um teste que dificilmente falha para mostrar que a profecia é falsa. Se for mesmo falsa — acrescentou, tristonha.

— Qual é seu plano? — perguntou Gerald.

— Vou eu mesma ao acampamento cigano e pedirei à rainha que leia a minha mão.

— Perfeito. Posso ir com você?

— Acho melhor não. Isso estragaria tudo. Ela pode reconhecê-lo, deduzir quem sou e adequar sua profecia. Vou sozinha hoje à tarde.

Ao fim da tarde, Mary foi andando até o acampamento cigano. Gerald a acompanhou até o pasto e depois voltou sozinho.

Mal havia se passado meia hora quando Mary regressou, entrando na sala onde o hóspede lia no sofá. Ela estava com uma palidez mortíça e em estado de extrema excitação. Assim que entrou na sala, desfaleceu e caiu gemendo no tapete. Gerald foi em seu socorro. Com grande esforço, ela se controlou e fez sinal para que ficasse calado. Ele aguardou, e sua solícita atenção ao desejo da mulher pareceu ser a melhor coisa para ajudá-la. Em alguns minutos, ela havia se recuperado um pouco e conseguiu contar o que havia acontecido.

— Quando cheguei ao acampamento — disse —, parecia não haver viva alma por lá. Fui até o centro e aguardei. De repente, uma mulher alta apareceu ao meu lado. “Alguma coisa me disse que estavam precisando de mim”, disse ela. Estendi a mão e pus uma moeda de prata. Ela tirou do pescoço um pequeno pingente

dourado e pôs ao lado da moeda. Em seguida, pegando os dois, jogou-os no córrego que passava ao lado, tomou minha mão, falou “Só vejo sangue nesse lugar de culpa” e me deu as costas. Segurei-a e pedi que me contasse mais. Após alguma hesitação, ela disse: “Ai, ai, ai! Vejo você deitada aos pés do seu marido, que tem as mãos vermelhas de sangue.”

Gerald não se sentiu nada à vontade com aquilo e tentou fazer graça.

— Estou vendo que essa mulher tem mania de assassinato.

— Pare de rir — retorquiu Mary. — Não posso suportar mais.

Então, como que por um impulso repentino, ela se retirou.

Não muito mais tarde, Joshua voltou para casa, entusiasmado e alegre, com a fome de um caçador depois de uma longa viagem. A presença dele animou a esposa, que pareceu se alegrar e não mencionou o episódio da visita ao acampamento cigano. Como se tivessem um acordo tácito, o assunto não foi mais abordado naquela noite. Havia, porém, uma expressão estranha, forçada, no semblante de Mary, que Gerald não pôde deixar de notar.

Pela manhã, Joshua desceu para o desjejum mais tarde do que de costume. Mary já estava acordada no andar de cima desde cedo. Conforme o tempo passava, ela parecia ficar um pouco mais tensa, às vezes olhando angustiada para os lados.

Gerald não pôde deixar de notar também que ninguém à mesa estava comendo. Mas não porque a comida estivesse dura, e sim porque as facas estavam todas cegas. Como era hóspede, entretanto, não disse nada. Viu Joshua passar o polegar na lâmina de sua faca de maneira despreocupada. Diante desse gesto, Mary empalideceu e quase desmaiou.

Após o desjejum, foram todos para o jardim. Mary estava fazendo um buquê e disse ao marido:

— Traga-me rosas-chás, querido.

Joshua escolheu algumas do canteiro da frente da casa. O caule se dobrou, mas era duro demais para se partir. Ele tateou o bolso em busca do canivete. Em vão.

— Empreste-me seu canivete, Gerald — disse ele.

Gerald, todavia, não estava com o seu. Diante disso, Joshua foi até a mesa do desjejum, pegou uma faca, voltou ao jardim passando o dedo na lâmina e esbravejou:

— O que diabos terá acontecido com todas as facas? Os fios estão todos cegos!

Mary se virou às pressas e entrou em casa.

Joshua tentou cortar o talo com a faca cega como as cozinheiras cortam pescoços de aves e como garotos cortam barbante. Com um pouco mais de força, logo terminou a tarefa. A roseira estava carregada, por isso ele decidiu cortar uma braçada grande.

Não conseguiu encontrar nenhuma faca afiada na gaveta de talheres e chamou por Mary. Quando ela apareceu, Joshua comentou a situação. Ela parecia tão agitada e infeliz que o marido percebeu do que se tratava e, espantado e magoado, perguntou à esposa:

— Quer dizer que *você* cegou as facas?

— Oh, Joshua! Fiquei com tanto medo! — respondeu ela.

Ele fez uma pausa, e uma expressão lívida se formou em seu semblante.

— Mary! — proferiu. — Essa é a confiança que você tem em mim? Eu não teria acreditado.

— Oh, Joshua! Joshua! — exclamou ela, suplicante. — Perdão — insistiu, chorando amargamente.

Joshua pensou por um momento e então disse:

— Entendo. É melhor acabarmos de uma vez por todas com isso, do contrário vamos enlouquecer.

Ao falar isso, correu para a sala.

— Aonde você vai? — quase gritou Mary.

Gerald entendeu que seu anfitrião não se limitaria a usar facas cegas por conta de uma superstição, e não foi com surpresa que viu o amigo passar pela porta de vidro trazendo na mão uma grande faca *Kukri* que costumava ficar na mesa de centro e que o irmão trouxera do norte da Índia. Era uma daquelas grandes facas de caça que causaram estrago, no combate corpo a corpo, aos inimigos dos leais guerreiros *ghourkas* durante o motim. Eram muito pesadas, mas ficavam

bem equilibradas na mão a ponto de parecerem leves, além de afiadas como navalha. Com uma faca dessas, um *ghourka* cortava uma ovelha ao meio.

Quando Mary viu o marido sair da sala com a faca na mão, gritou agoniada de medo, recomeçando a histeria da noite anterior.

Joshua correu para acudi-la. Vendo que ela estava prestes a cair, soltou a faca e tentou segurar a esposa. No entanto, chegou um segundo atrasado, e os dois homens gritaram simultaneamente horrorizados ao verem que ela ia cair sobre a lâmina da faca.

Quando Gerald chegou até ela, notou que, na queda, a mão esquerda batera na lâmina, que ficara estendida de lado na grama. Algumas veias pequenas haviam sido cortadas e o sangue jorrava sem parar da ferida. Enquanto tentava fechar o corte, comentou com Joshua que a aliança de casamento fora serrada pelo aço da faca.

Eles a levaram quase desmaiada para dentro de casa. Quando, após algum tempo, ela saiu da sala com o braço numa tipoia, parecia em paz consigo mesma e feliz. Disse ao marido:

— A cigana estava incrivelmente perto da verdade, perto demais para aquilo realmente acontecer de novo, meu querido.

Joshua se inclinou e beijou-lhe a mão machucada.

A vinda de Abel Behenna

O pequeno porto cónico de Pencastle estava iluminado no início de abril, quando o sol parecia ter vindo para ficar, depois de longo e tenebroso inverno. Ousado e negro, o rochedo se destacava contra o fundo azul sombreado, no local em que o céu que sumia na neblina encontrava o remoto horizonte. O mar era de um matiz genuinamente cónico: safira, exceto no ponto em que se tornava de um verde-esmeralda escuro, nas profundezas insondáveis sob os penhascos, onde cavernas marinhas abriam suas bocarras sombrias. Nos aclives, a relva era seca e marrom. Os espinhos do tojo eram cinza, mas o amarelo dourado de suas flores ondulava na encosta, falhando na área em que a pedra se recortava, reduzindo-se a tufo e pontos até finalmente morrerem onde o vento marinho varria os penhascos avançados e extinguiu a vegetação, como eternas tesouras aéreas que jamais perdiam o fio. Toda a encosta, com suas massas de marrom e lampejos de amarelo, parecia um colossal martelo dourado.

O pequeno porto fora aberto pelo mar entre penhascos altíssimos. Atrás, havia um rochedo solitário, perfurado por muitas cavernas e respiradouros pelos quais o mar tempestuoso enviava sua voz tonitruante, como uma fonte de espuma que se espalhava. Dali, serpenteava em direção oeste, protegido na entrada por dois embarcadouros curvos à esquerda e à direita, rústicas construções de placas escuras justapostas e presas com grandes vigas amarradas com ferro. Assim, o porto acompanhava o leito rochoso que as torrentes de inverno, havia muito tempo, abriram entre as encostas. Esse leito a princípio era fundo; somente no trecho mais largo tinha, aqui e ali, algumas pedras expostas na maré baixa, repletas de tocas nas quais caranguejos e lagostas podiam ser capturados na vazante. Por

entre as pedras, erguiam-se as pilastras usadas para ancorar os bergantins de cabotagem que frequentavam o porto.

Mais adiante, o leito era ainda profundo — porquanto a maré avançava longe terra adentro —, mas sempre calmo, uma vez que a força furiosa das tempestades já estourara. Cerca de meio quilômetro para dentro da cidade, o canal era fundo na maré alta, porém, durante a maré baixa, surgiam ilhas da mesma rocha solta do trecho anterior, em cujas brenhas a água doce do rio rumorejava e murmurava depois da vazante. Ali também se erguiam pilastras para ancorar os barcos dos pescadores. Dos dois lados do rio, havia uma fileira de chalés quase até o nível da maré alta. Eram belos chalés, sólidos e aconchegantes, com jardins bem cuidados na frente, cheios de plantas antiquadas, groselhas floridas, prímulas coloridas, goivos, vermiculárias. Na frente de muitos deles, trepavam clêmatís e glicínias. As laterais das janelas e os umbrais das portas eram todos brancos como a neve, e os pequenos caminhos a cada uma delas eram pavimentados com pedras coloridas. Diante de algumas portas, havia minúsculos alpendres, enquanto em outras havia bancos rústicos feitos de troncos de árvores ou de velhos barris. Em praticamente todas havia jardineiras nas janelas, com caixas e vasos de flores e folhagens.

Dois homens viviam em chalés exatamente opostos nas duas margens do rio. Dois homens, ambos jovens, belos, prósperos, e que haviam sido companheiros e rivais desde meninos. Abel Behenna era moreno, com a pele escura dos ciganos que os mineradores nômades fenícios haviam deixado em seu rastro; Eric Sanson — que o historiador da aldeia dizia ser uma corruptela de Sagamanson — era loiro, com a pele avermelhada que marcava a passagem dos bárbaros nórdicos. Os dois pareciam ter se escolhido desde o início para trabalharem e lutarem juntos, combater um ao outro e tomar rumos contrários em tudo. Agora haviam colocado a última pedra em seu Templo da União ao se apaixonarem pela mesma garota.

Sarah Trefusis era certamente a garota mais bonita de Pencastle. Muitos rapazes teriam de bom grado tentado a sorte com ela, se não tivessem de lidar com aqueles dois

concorrentes, os mais fortes e decididos rapazes do porto. Quase todos os rapazes da cidade achavam o páreo difícil demais, por isso não tinham nenhuma boa vontade com os protagonistas. Da mesma forma, quase todas as garotas — que precisavam, para que não lhes ocorresse coisa pior, suportar as queixas de seus namorados e a sensação de serem apenas a segunda opção — não viam Sarah com bons olhos.

Foi assim que, ao longo de um ano ou mais, tendo em vista que a corte na província é um processo lento, os dois rapazes e a garota passaram a conviver bastante.

Estavam todos satisfeitos, e Sarah, que era vaidosa e um tanto frívola, tratou de se vingar discretamente dos demais rapazes e das garotas.

Quando uma moça sai para passear ao lado de um companheiro insatisfeito, não é nada agradável para ela vê-lo lançar olhares meigos a uma garota mais bonita rodeada por dois devotados pretendentes.

Enfim chegou o dia que Sarah temia e que tentara adiar ao máximo: ela precisaria escolher entre os dois rapazes. Gostava de ambos, e, a bem da verdade, qualquer um deles satisfaria o ideal até da moça mais exigente. Mas seu espírito era constituído de tal modo que ela pensava mais no que poderia perder do que no que poderia ganhar. Sempre que pensava ter se decidido, era assaltada por dúvidas quanto à sua escolha. De uma hora para outra, em sua cabeça, o homem que ela descartaria se tornava dotado de características superiores às do concorrente.

Ela havia prometido dar a resposta no dia de seu aniversário, 11 de abril. O dia chegara. As promessas haviam sido feitas de maneira individual e confidencial, mas ambos eram o tipo de homem que pareciam não se esquecer dessas coisas. De manhã cedo, a moça os encontrou pairando em torno de sua porta. Um não confessara nada ao outro; somente buscavam a primeira oportunidade de obter a resposta e pedir logo sua mão, se fosse o caso. Dâmon, em geral, não levava Pítias consigo ao fazer um pedido de casamento. No coração de todo homem, seus próprios assuntos têm prioridade sobre as exigências da amizade.

Assim, ao longo do dia, eles continuaram se entreolhando do lado de fora. A posição era indiscutivelmente constrangedora para Sarah. Ainda que ela gostasse da ideia de ser adorada pelos dois homens mais bonitos da região, havia momentos em que se incomodava com a insistência deles. Seu único consolo nesses momentos era ver, nos sorrisos forçados das outras garotas, a inveja que lhes causava.

A mãe de Sarah era uma pessoa de ideias convencionais e sórdidas. Ao perceber aquela situação, sugeriu à filha que se aproveitasse ao máximo dos dois rapazes. Com tal propósito em vista, astuciosamente, ela se manteve afastada, nos bastidores, nessa questão dos pretendentes da filha, e observou em silêncio. A princípio, Sarah ficara indignada com a sugestão da mãe. Mas, como de costume, sua natureza fraca cedeu diante da persistência. Não ficou surpresa quando a mãe lhe sussurrou no pequeno quintal atrás da casa:

— Vá até a colina, quero conversar com esses dois. Eles estão derretidos por você e agora é hora de acertar as contas.

Sarah fez menção de protestar, mas a mãe logo a interrompeu.

— Estou lhe dizendo, menina: já decidi. Esses dois querem você e só um deles poderá tê-la. Mas, antes de você se decidir, vou dar um jeito de você ficar com tudo que os dois têm! Não discuta comigo, menina. Vá até a colina. Quando voltar, já estará tudo resolvido. Já sei o que fazer.

Sarah, obediente, subiu até a colina através das trilhas estreitas do tojo dourado, ao passo que a sra. Trefusis se juntou aos dois rapazes na sala de sua casinha.

Ela partiu para o ataque com a coragem desesperada que toda mãe tem quando pensa nos filhos, por mais cruéis que seus pensamentos pudessem ser.

— Quer dizer que vocês estão apaixonados pela minha Sarah?

O silêncio constrangido dos dois confirmou a proposição desabusada. Ela prosseguiu.

— Nenhum dos dois tem muito para oferecer. — Mais uma vez, tacitamente, ambos aquiesceram diante do brando

impedimento. — Não sei se um de vocês seria capaz de sustentar uma esposa.

A despeito de não dizerem nada, suas expressões e olhares sugeriam uma clara discordância. A sra. Trefusis continuou:

— Se, porém, os dois juntarem tudo o que têm, seria possível formar um lar confortável para um de vocês e ela.

A sra. Trefusis olhava atentamente para os dois, com olhos astutos atrás de pálpebras entrecerradas, enquanto falava. Satisfeita por ter constatado que sua ideia fora aceita, ela prosseguiu rapidamente, como se tentasse evitar ser contestada:

— Ela gosta dos dois, é difícil escolher. Por que vocês não tiram a sorte na moeda? Primeiro juntem o dinheiro que tiverem, pois sei que têm um pouco guardado. Quem ganhar fica com tudo e vai ao estrangeiro tentar obter lucro. Quando voltar, case-se com minha filha. Imagino que nenhum de vocês esteja com medo e que nenhum dos dois vai dizer que não faria isso pela garota que dizem que amam!

— Não parece certo disputá-la na moeda — rebateu Abel, que foi o primeiro a falar.

— Ela não gostaria disso, e não parece respeitoso com ela — interrompeu Eric. Ele sabia que não tinha grandes chances contra Abel caso Sarah fosse escolher entre eles:

— Está com medo do prejuízo?

— Eu, não — tornou a dizer Abel.

A sra. Trefusis, vendo que sua ideia começava a funcionar, aproveitou a vantagem.

— Estamos combinados que vocês vão juntar o dinheiro que tiverem para construir um lar para ela, mesmo que a disputem na moeda ou deixem que ela escolha?

— Sim — disse Eric, ao que Abel concordou com o mesmo vigor.

Os olhinhos astutos da sra. Trefusis chegaram a brilhar. Ao ouvir os passos de Sarah no quintal, ela disse:

— Bem, aí vem ela. Vou deixar que decida.

E, com tais palavras, saiu da sala.

Durante a breve caminhada na colina, Sarah tentara tomar uma decisão. Começava a ficar com raiva dos dois por lhe

causarem tanta dificuldade. Ao entrar na sala, foi logo dizendo:

— Quero falar com vocês. Vamos até Flagstaff Rock, onde podemos ficar sozinhos.

Sarah pegou o chapéu e saiu de casa, subindo pela trilha sinuosa até a pedra íngreme coroada com um alto mastro que lhe dava o nome e onde tempos antes costumavam acender as lareiras dos navios naufragados. Era esse o rochedo que formava o maxilar norte do pequeno porto. Só havia espaço para duas pessoas por vez ao longo da trilha e, numa espécie de acordo implícito, Sarah foi na frente e deixou que os dois homens seguissem atrás, caminhando lado a lado, no mesmo ritmo. A essa altura, o coração dos dois borbulhava de ciúme. Ao chegarem ao topo da pedra, Sarah se apoiou no mastro e os dois ficaram parados, encarando-a. Ela escolheu aquela posição intencionalmente, sabendo não haver espaço para ninguém ao seu lado. Os três ficaram em silêncio por algum tempo, até que a mulher começou a rir e falou:

— Prometo que darei a resposta ainda hoje. Andei pensando, pensando e pensando, até que comecei a ficar com raiva de vocês por me aborrecerem dessa forma. Ainda não estou preparada para decidir.

Subitamente, Eric disse:

— Vamos disputar na moeda, mocinha.

Sarah não se mostrou nem um pouco indignada com a proposta; a eterna sugestão da mãe a havia preparado para aceitar algo do gênero, e sua natureza fraca tornava fácil para ela adotar qualquer solução para escapar de uma dificuldade. Ela ficou cabisbaixa, distraída, segurando a manga do vestido, aparentando aceitar de maneira tácita a proposta. Os dois, instintivamente compreendendo isso, logo sacaram cada um uma moeda do bolso, atiraram-na para cima, e puseram a outra mão sobre a palma onde a moeda havia caído. Por alguns segundos, eles permaneceram assim, todos em silêncio; então Abel, que era o mais ponderado dos dois, falou:

— Sarah! Você acha isso certo?

Enquanto falava, ele tirou a mão de cima da moeda e a guardou de volta no bolso. Sarah se irritou.

— Certo ou errado, tanto faz para mim. Aceite ou recuse, como quiser — disse ela, ao que ele respondeu rapidamente:

— Nada disso, mocinha. Nada que diz respeito a você será indiferente para mim. Só pensei em você, para que não sofra ou se decepcione daqui em diante. Se gosta mais de Eric do que de mim, por Deus, diga agora, e creio ser homem suficiente para me afastar de você. Da mesma forma, se eu for o favorito, não nos deixe viver infelizes pelo resto da vida.

Confrontada com a dificuldade, a natureza fraca de Sarah se manifestou. Ela cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar, dizendo:

— É minha mãe, ela sempre me diz isso.

O silêncio que se seguiu foi interrompido por Eric, que, enfaticamente, disse a Abel:

— Deixe-a em paz, está bem? Se ela preferiu assim, deixe-a. Para mim, está bom. E para você, também. Foi o que ela disse, e deverá cumprir sua palavra.

Ao ouvir tais palavras, Sarah se virou para ele com súbita fúria e gritou:

— Dobre essa língua! Que importância isso tem para você afinal? — disse, e continuou a chorar.

Eric ficou tão perplexo que não soube o que dizer. Ficou parado, com expressão abobalhada, boquiaberto, com as mãos postas e a moeda ainda entre elas. Ficaram todos calados, até que Sarah, tirando as mãos do rosto, gargalhou histericamente e disse:

— Como vocês não se decidem, vou para casa.

Virou-se para ir embora.

— Espere — disse Abel, com voz autoritária. — Eric, você joga a moeda e eu escolho primeiro. Agora, antes de jogarmos, vejamos se está claro: quem ganhar fica com todo o dinheiro de nós dois, investe em mercadorias em Bristol, embarca e tenta vendê-las no estrangeiro. Depois disso, voltará e se casará com Sarah, e os dois ficarão com tudo, seja quanto for o montante. Estamos entendidos?

— Sim — disse Eric.

— Vou me casar no meu próximo aniversário — disse Sarah.

Ao dizer isso, ela se deu conta do intolerável espírito mercenário de sua própria atitude e, num impulso, virou-se de costas, envergonhada. Os olhos dos rapazes pareciam soltar faíscas. Eric disse:

— Que seja, então, no ano que vem! O homem que vencer terá um ano para preparar tudo.

— Jogue logo a moeda — exclamou Abel, e a moeda virou no ar. Eric a agarrou e novamente a espalmou entre as mãos estendidas.

— Cara — escolheu Abel, com a palidez no semblante ao falar.

Quando se inclinou para ver o resultado, Sarah fez o mesmo, e as cabeças dos dois quase se tocaram. Ele sentiu o cabelo dela roçar-lhe o rosto e aquilo o acendeu feito fogo. Eric tirou a mão: a moeda estava com a cara para cima. Abel deu um passo à frente e tomou Sarah nos braços. Com um xingamento, Eric atirou a moeda no mar, apoiou-se no mastro e franziu o cenho para os dois, enfiando as mãos nos bolsos. Abel sussurrou palavras de amor e de prazer nos ouvidos de Sarah. Enquanto ouvia, ela começou a acreditar que a sorte interpretara corretamente os desejos secretos de seu coração e que gostava mais de Abel.

Nesse momento, Abel ergueu os olhos e avistou o rosto de Eric quando o último raio do sol poente o iluminava. A luz rubra intensificava o tom naturalmente avermelhado de sua pele e ele pareceu por um instante estar coberto de sangue. Abel não se importou com o cenho franzido do rival, pois, agora que seu coração estava em paz, era capaz de sentir genuína compaixão pelo amigo. Aproximou-se dele com intenção de consolá-lo, estendeu-lhe a mão e disse:

— A sorte foi minha, meu velho. Não guarde rancor. Tentarei fazer de Sarah uma mulher feliz e você há de ser como um irmão para nós dois.

— Para o inferno com essa história de irmão! — respondeu Eric, dando as costas.

Quando já havia descido alguns passos da trilha rochosa, virou-se e voltou. Parando diante de Abel e de Sarah, que

estavam abraçados, disse:

— Você tem um ano. Aproveite ao máximo e se certifique de voltar a tempo para se casar. Regresse a tempo do 11 de abril, ou pode ter certeza de que o trato estará encerrado e de que terá chegado tarde demais.

— O que quer dizer com isso, Eric? Você ficou maluco!

— Não mais do que você, Abel Behenna. Agora vá, foi sua sorte! E eu ficarei, pois essa foi a minha. Não pretendo ficar parado deixando o mato crescer embaixo dos meus pés. Sarah gostava tanto de você quanto de mim há cinco minutos e pode voltar a sentir o mesmo cinco minutos depois de você partir. Você está apenas um ponto na minha frente, portanto o jogo pode virar.

— O jogo não vai virar — disse Abel em seguida. — Sarah, você será fiel? Não se casará com ele enquanto eu não voltar, não é?

— Durante um ano — acrescentou Eric. — Esse foi o trato.

— Prometo lhe ser fiel por um ano — disse Sarah.

Uma expressão sombria se formou no semblante de Abel, que estava prestes a dizer algo, mas se controlou e sorriu.

— Não quero ser cruel ou me irritar esta noite. Ora, vamos, Eric. Jogamos e disputamos. Ganhei com justiça. Sempre joguei limpo durante todo esse tempo de cortejos. Você sabe disso tão bem quanto eu. Agora que vou embora, quero contar com meu velho e bom camarada para me ajudar enquanto eu estiver fora.

— Não vou ajudá-lo em nada — disse Eric. — Deus me ajude.

— Foi Deus quem me ajudou — respondeu Abel.

— Então deixe que Ele continue a ajudá-lo — rebateu Eric, irritado. — O Diabo já está bom o suficiente para mim.

E, sem dizer mais nada, desceu correndo a trilha íngreme e desapareceu atrás das rochas.

Depois que ele foi embora, Abel esperava passar alguns momentos de ternura com Sarah, mas o primeiro comentário dela o esfriou.

— Tudo parece tão solitário sem o Eric!

Essa nota soaria até que ele a deixasse em casa. E mesmo depois.

Bem cedo na manhã seguinte, Abel ouviu um barulho em sua porta. Ao sair, viu Eric indo embora. No umbral, havia uma pequena sacola de pano cheia de ouro e prata e, num pedacinho de papel espetado, estava escrito: “Pegue o dinheiro e vá. Eu fico. Vá com Deus! Vou ficar com o Diabo! Lembre-se do 11 de abril. ERIC SANSON.”

Naquela tarde, Abel partiu para Bristol. Uma semana depois, zarpou no *Star of the Sea* em direção a Pahang. Seu dinheiro, incluindo o que fora de Eric, estava embarcado na forma de uma carga de brinquedos baratos. Ele havia sido orientado por um velho e perspicaz marinheiro de Bristol conhecido seu e que sabia como eram as coisas no Quersoneso, que previa que cada pêni investido voltaria com um xelim.

Conforme o ano ia se passando, Sarah ficava cada vez mais perturbada. Eric estava sempre disponível para lhe dar amor, com seus modos insistentes, dominadores, algo a que ela não fazia objeção. Apenas uma carta chegara de Abel, dizendo que os negócios haviam sido bem-sucedidos, que ele já enviara cerca de duzentas libras para o banco em Bristol e que estava investindo ainda as cinquenta libras restantes em mercadorias que iam para a China, para onde o *Star of the Sea* seguia e de onde voltaria a Bristol. Ele sugeriu que a parte de Eric fosse devolvida com sua participação nos lucros. Essa proposta foi recebida com raiva por Eric e considerada infantil pela mãe de Sarah.

Mais de seis meses haviam se passado desde que Sarah recebera a carta do futuro marido, mas nenhuma outra chegou. Isso fez com que a esperança de Eric, que esmorecera com a carta enviada de Pahang, começasse a crescer outra vez. Ele vivia assediando Sarah: se Abel não voltasse, ela se casaria com ele? Se chegasse o 11 de abril sem que Abel estivesse no porto, ela desistiria dele? Se Abel tivesse feito fortuna e se casado com outra, ela se casaria com ele assim que ficasse sabendo da verdade? E assim por diante, numa variação infinita de possibilidades.

O poder da força de vontade e do propósito determinado sobre a natureza mais fraca da mulher se tornou manifesto com o tempo. Sarah começou a perder a fé em Abel e a considerar Eric um possível marido, e um possível marido aos olhos de uma mulher é diferente de todos os outros homens. Uma nova afeição por ele começou a crescer em seu peito, e as intimidades diárias permitidas naquele cortejo estimularam o afeto. Sarah começou a pensar em Abel como uma pedra em seu caminho. Não fosse a mãe para lembrá-la constantemente da fortuna depositada no banco de Bristol, ela teria fechado os olhos completamente para o fato da existência de Abel.

O 11 de abril seria num sábado; portanto, para se realizar o casamento naquele dia, seria necessário dar entrada com os papéis até domingo, 22 de março. Desde o início do mês, Eric continuou a falar sobre a ausência de Abel. Sua opinião de que ele morrera ou se casara com outra começou a se tornar uma realidade na cabeça de Sarah. Passada a primeira quinzena de março, Eric foi ficando mais contente. Depois da missa no dia 15, levou Sarah para um passeio em Flagstaff Rock. Ali, afirmou enfaticamente:

— Eu já disse ao Abel e a você que, se ele não estiver aqui para os proclamas a tempo do dia 11, farei os meus no dia 12. Chegou a hora de fazer o que eu queria. Ele quebrou a palavra.

Nesse momento, Sarah disparou por pura fraqueza e indecisão:

— Ele ainda não a quebrou.

Eric rangeu os dentes com raiva.

— Se você quiser defendê-lo, muito bem — disse, batendo no mastro, que emitiu um murmúrio trêmulo. — Vou cumprir minha parte do trato. No domingo, farei o anúncio dos proclamas. Você poderá depois se recusar na igreja, se quiser. Se Abel estiver em Pencastle no dia 11, poderá mandar revogar e anunciar os dele. Mas, até lá, tomarei minhas providências, e ai de quem ficar no meu caminho.

Ao dizer isso, desceu correndo a trilha rochosa. Sarah não pôde deixar de admirar a força e o espírito viking enquanto,

atravessando a colina, ele contornava os penhascos em direção a Bude.

Durante a semana, não houve nenhuma notícia de Abel. Portanto, no sábado, Eric anunciou os proclamas do casamento entre ele e Sarah. O escrivão protestara, pois, embora nada tivesse sido comunicado aos vizinhos, ficara subentendido que, desde a partida de Abel, na volta ele se casaria com Sarah. Eric, porém, não quis discutir a questão.

— É um assunto delicado, senhor — pontuou ele com tal firmeza que o pastor, um rapaz muito jovem, não teve como não se deixar levar. — Seguramente não existe nada contra Sarah ou contra mim. Por que criar celeuma com o caso?

O escrivão não disse mais nada e, no dia seguinte, leu os proclamas pela primeira vez em meio ao burburinho da congregação. Sarah estava presente, contrariamente a seu costume, e, ainda que corada, deliciou-se com seu triunfo sobre as outras garotas cujos proclamas ainda não haviam sido anunciados. Antes do fim da semana, começou a preparar seu vestido de noiva. Eric costumava ir vê-la trabalhando e aquela visão o enchia de animação. Ele lhe dizia todo tipo de delicadezas nessas ocasiões, que eram para ambos momentos deliciosos de amor.

Os proclamas foram lidos pela segunda vez no dia 29. A esperança de Eric foi ficando cada vez mais sólida, embora se desesperasse ao se dar conta de que tudo poderia ir por água abaixo. Nessas horas, ele se enchia de paixão — desesperada e sem remorsos —, rangia os dentes e entrelaçava as mãos de modo selvagem, como se algum resquício da antiga fúria de seus ancestrais *berserks* ainda permanecesse em seu sangue. Na quinta-feira daquela semana, foi visitar Sarah e a encontrou sob um raio de sol dando os retoques finais no vestido de casamento. Seu coração ficou cheio de alegria, e aquela visão da mulher que em breve seria sua o encheu de uma felicidade indizível, que o tomou de êxtase. Inclinando-se para ela, beijou-a na boca e sussurrou em sua orelha rosada:

— Seu vestido de noiva, Sarah! E para mim!

Enquanto ele se afastava para admirá-la, ela ergueu os olhos de maneira provocadora e disse:

— Talvez não seja para você. Abel ainda tem mais de uma semana para voltar — exclamou ela, desolada.

Com um gesto enlouquecido e um juramento feroz, Eric saiu correndo da casa, batendo a porta. O incidente perturbou Sarah mais do que ela teria julgado possível, reacendendo-lhe todos os seus medos e suas dúvidas. Ela chorou um pouco, afastou o vestido e, para se consolar, saiu para se sentar no topo da Flagstaff Rock. Quando lá chegou, encontrou um pequeno grupo de homens preocupados com o tempo. O mar estava calmo e o sol brilhava, mas, do outro lado das águas, havia estranhas faixas de escuridão e luz. Junto à costa, as pedras estavam franjadas de espuma, que se espalhava em grandes curvas e círculos brancos conforme a correnteza. O vento havia recuado e voltara em rajadas cortantes e frias. O respiradouro embaixo da Flagstaff Rock, que ia da baía rochosa até o porto, expelia água de quando em quando, e as gaivotas gritavam incessantemente enquanto rodeavam a entrada do porto.

— Parece que a coisa está feia. — Ela ouviu um velho pescador dizer ao capitão do porto. — Só vi um tempo assim uma vez antes, quando o *Coromandel* voltava da Índia e se estraçalhou em Dizzard Bay.

Sarah não esperou para ouvir mais nada. Ela era tímida em se tratando de perigo e não suportava ouvir falar de naufrágios ou desastres. Foi para casa e continuou a trabalhar no acabamento do vestido, decidida a tranquilizar Eric quando o encontrasse com um pedido de desculpas delicado e a aproveitar a primeira oportunidade de recompensá-lo depois do casamento.

A profecia do velho pescador sobre o tempo foi justificada. Naquela noite, ao surgir o crepúsculo, estourou uma forte tempestade. O mar subiu e fustigou a costa oeste de Skye até Scilly, causando destruição por toda parte. Os marinheiros e pescadores de Pencastle foram todos para as pedras e ficaram assistindo avidamente. Então, no clarão de um relâmpago, um brigue foi avistado à deriva com apenas uma bujarrona a cerca de oitocentos metros do porto. Todos os olhos e lunetas se

concentraram naquela embarcação, aguardando o próximo clarão. Quando isso ocorreu, em coro, todos disseram que era o *Lovely Alice*, que fazia a rota entre Bristol e Penzance, sem parar em nenhum dos pequenos portos do trajeto.

— Deus os ajude — disse o capitão do porto —, pois nada neste mundo poderá salvá-los enquanto estiverem, com esse vento, entre Bude e Tintagel.

A guarda costeira fez o que pôde. Ajudada por corações valentes e mãos voluntariosas, levou os foguetes de sinalização para o topo da Flagstaff Rock. Em seguida, acenderam luzes azuis para que, a bordo, pudessem enxergar a entrada do porto, caso conseguissem alcançá-lo. Trabalharam bravamente, mas de nada adiantou toda a habilidade e toda a força humana. Depois de alguns minutos, o *Lovely Alice* se chocou fatalmente contra a grande ilha rochosa que guardava a boca da baía. Os gritos das pessoas a bordo chegaram difusos na tempestade, enquanto se atiravam ao mar numa última tentativa de sobreviver. As luzes azuis continuaram acesas, olhos ávidos penetraram as profundezas das águas buscando algum rosto que pudesse ser encontrado e cordas foram lançadas em socorro. Nenhum rosto apareceu, todavia, e os braços voluntariosos foram inúteis. Eric estava entre seus companheiros. Sua antiga origem islandesa nunca foi mais evidente do que naquela hora extrema. Ele pegou uma corda e gritou no ouvido do capitão do porto:

— Vou descer até a pedra em cima da caverna das focas. A maré está subindo e alguém pode ser levado para lá.

— Não faça isso, rapaz — ouviu como resposta. — Você enlouqueceu? Se escorregar naquela pedra, estará perdido, e ninguém conseguiria enxergar onde pisa num lugar desses no meio dessa tempestade.

— Não é verdade — retrucou ele. — Você lembra que Abel Behenna me salvou ali numa noite como esta quando meu barco se chocou contra a Gull Rock? Ele me puxou do fundo do mar, de dentro da caverna das focas, e agora pode ser que alguém seja arrastado para lá como aconteceu comigo.

Após dizer tais palavras, sumiu na escuridão. A rocha projetada escondia a luz da Flagstaff Rock, mas ele conhecia o

caminho bem demais para se enganar. Com ousadia e perícia nos pés, logo chegou à grande rocha de topo arredondado que se encontrava sob a ação das ondas na entrada da caverna das focas, onde as águas eram de profundidade insondável. Ali, ficou em relativa segurança, pois o formato côncavo da rocha rebatia as ondas com a própria força. Não obstante a água abaixo de si parecesse borbulhar feito um caldeirão, um pouco além daquele ponto havia um espaço razoável. A rocha também parecia isolar o som da tempestade, motivo pelo qual ele se pôs a tentar escutar e enxergar o que quer que fosse.

Enquanto estava ali pronto, com seu rolo de corda prestes a ser lançado, ele pensou ter ouvido mais abaixo, pouco além do turbilhão de água, um grito abafado e desesperado. Ele respondeu com um grito que estrondeou na noite. Então aguardou o clarão do relâmpago e, quando este veio, lançou a corda na escuridão onde avistara um rosto erguendo-se através do remoinho de espuma. A corda foi agarrada, pois ele sentiu um puxão, e ele tornou a gritar com sua voz poderosa:

— Amarre na cintura e vou puxá-lo para cima.

Quando sentiu que a corda estava presa, ele percorreu a rocha até o outro lado da caverna, onde as águas profundas eram um pouco mais calmas e onde poderia firmar os pés o suficiente para puxar o naufrago até a rocha suspensa. Ele começou a puxar e logo viu pela quantidade de corda usada que a pessoa que ele estava resgatando logo apareceria no alto da rocha. Ele se aprumou por um momento e respirou fundo, completando o salvamento. Eric acabara de se curvar para voltar ao trabalho quando um relâmpago revelou a ambos quem eram: o resgatador e o resgatado.

Eric Sanson e Abel Behenna ficaram face a face. Ninguém mais soube desse encontro além deles dois e de Deus.

Nesse instante, uma onda de paixão percorreu o coração de Eric. Todas as suas esperanças se estilhaçaram. Com um ódio de Caim, olhou para seu oponente e viu no mesmo instante a alegria no rosto de Abel ao notar que era sua a mão que o socorria. Tal atitude intensificou seu ódio. Tomado por essa paixão, recuou, e a corda se soltou de suas mãos. O momento

de ódio foi seguido por um impulso mais humanitário, porém era tarde demais.

Antes que conseguisse se recuperar, Abel, segurando a corda que deveria tê-lo ajudado, foi lançado com um grito desesperado de volta à escuridão do mar devorador.

Sentindo toda a loucura e o destino de Caim sobre si, Eric voltou correndo sobre as pedras, sem se importar com o perigo e ávido apenas por uma coisa: estar entre outras pessoas cujos sons vívidos calariam aquele último grito que ainda parecia ecoar em seus ouvidos. Quando voltou a Flagstaff Rock, os homens o cercaram e, através da fúria da tempestade, ele ouviu o capitão do porto dizer:

— Estávamos com medo de que você tivesse se perdido quando ouvimos um grito. Como você está pálido! Onde está sua corda? Alguém foi arrastado para dentro da caverna?

— Ninguém — gritou ele em resposta, sabendo que jamais poderia explicar como deixara, de propósito, seu velho camarada cair de volta no mar, no mesmo lugar e nas mesmas circunstâncias em que esse mesmo camarada um dia salvara sua própria vida. Esperava que uma grande mentira pudesse fazer com que esquecessem o assunto para sempre. Não havia nenhuma testemunha. Se ele tivesse de carregar para sempre, no fundo de suas retinas, aquele rosto pálido e fixo, e, nos ouvidos, aquele grito desesperado, ao menos ninguém ficaria sabendo.

— Não havia ninguém — gritou, ainda mais alto. — Escorreguei na pedra e a corda caiu no mar.

Assim dizendo, foi embora. Desceu às pressas a trilha íngreme, voltou ao seu próprio chalé e lá se trancou.

Passou o restante daquela noite deitado na cama, vestido e imóvel, olhando fixamente para o teto e julgando ver no escuro um rosto pálido coberto de gotas cintilantes ao clarão de um relâmpago. Ao reconhecê-lo, foi tomado por um desespero sinistro e ouviu um grito que jamais deixaria de ecoar em sua alma.

Pela manhã, a tempestade já havia passado e tudo estava sorridente outra vez, exceto o mar, que permanecia agitado e em

plena fúria. Grandes fragmentos do naufrágio haviam chegado até o porto, e o mar em torno da ilha de pedra estava juncado de outros tantos. Dois cadáveres também haviam aparecido no ancoradouro: um do mestre do brigue naufragado e outro de um marujo que ninguém conhecia.

Sarah não viu Eric até o anoitecer, quando ele apareceu por um minuto à sua janela aberta e disse, sem entrar na casa:

— Bem, Sarah, o vestido de casamento ficou pronto? Falta uma semana para o domingo. Já pensou? Só falta uma semana.

Ela ficou contente por se reconciliar com ele tão facilmente. Mas, em seu íntimo feminino, ao ver que a tempestade passara e que seus temores eram infundados, logo repetiu a causa da desavença.

— Será domingo — frisou, sem erguer os olhos — se Abel não voltar até sábado.

Então lançou um olhar provocante, embora seu coração estivesse cheio de medo de outra explosão de seu impetuoso namorado. Mas não havia ninguém à janela; Eric tinha ido embora, e, fazendo um muxoxo, ela retomou seu trabalho. Ela não tornou a ver Eric até domingo à tarde, depois que os proclamas foram anunciados pela terceira vez, quando ele foi até ela, na frente de todas as pessoas, com um ar de proprietário que lhe agradou mas, ao mesmo tempo, a irritou.

— Ainda não, senhor — insistiu ela, empurrando-o para longe de si enquanto as outras garotas riam. — Espere até o próximo domingo, por favor, o dia seguinte ao sábado — acrescentou, encarando-o com impertinência. As garotas tornaram a rir e os rapazes gargalharam. Pensaram que fosse a recusa que o tornara pálido como papel quando se virou. Mas Sarah, que sabia mais do que os outros presentes, deu risada, pois vira seu triunfo através do espasmo de dor que se espalhou pelo rosto dele.

A semana se passou sem grandes acontecimentos. À medida que o sábado foi terminando, porém, Sarah teve alguns momentos de angústia. Eric, por sua vez, saíra à noite feito um possesso. Ele se controlava quando havia outras pessoas por perto, mas, vez ou outra, descia até as pedras e as cavernas e

gritava o mais alto que podia. Isso parecia aliviá-lo de alguma forma e foi o que o conteve por mais algum tempo. Durante todo o sábado, Eric ficou em casa e não saiu nem por um momento. Como se casaria no dia seguinte, os vizinhos imaginaram que fosse timidez e resolveram não o incomodar.

Só foi perturbado uma vez, quando o chefe da guarda costeira veio vê-lo e se sentou. Após uma pausa, o homem disse:

— Eric, estive em Bristol ontem. Fui ao fabricante de corda para substituir aquela que você perdeu na noite da tempestade e encontrei nosso Michael Heavens, que nasceu aqui mesmo, mas que é comerciante lá. Ele me disse que Abel Behenna estava vindo para casa na semana passada, de Cantão, a bordo do *Star of the Sea*, e que depositara um bocado de dinheiro no banco de Bristol em nome de Sarah Behenna. Isso o próprio Abel contou ao Michael, assim como que comprara passagem no *Lovely Alice* com destino a Pencastle. Preste atenção, rapaz — disse o chefe da guarda costeira, ao notar que Eric, com um gemido, deixara pender a cabeça sobre os joelhos, cobrindo o rosto com as mãos. — Sei que ele era seu velho camarada, mas não havia nada que você pudesse fazer. Ele deve ter se afogado com os outros naquela noite horrenda. Achei melhor lhe contar, para que não fique sabendo por outra pessoa. Assim, pode evitar que Sarah fique apavorada. Eles foram bons amigos, e as mulheres levam essas coisas muito a sério. Não seria bom fazê-la sofrer por uma coisa dessas no dia do casamento.

Após proferir tais palavras, ele se levantou e foi embora, deixando Eric desconsolado com a cabeça caída sobre os joelhos.

— Pobre rapaz — murmurou o chefe da guarda costeira consigo mesmo —, ficou muito comovido. Também pudera! Eles foram verdadeiros camaradas, e Abel salvou a vida dele um dia.

Naquela tarde, como de costume, depois do horário escolar, algumas crianças foram passear junto ao cais e nas trilhas dos penhascos. De repente, voltaram correndo em estado de grande excitação até o ancoradouro, onde alguns homens desembarcavam um brigue carvoeiro e outros supervisionavam a operação. Uma das crianças gritou:

— Há um golfinho na entrada do porto. Vimos pelo respiradouro. Tem cauda comprida e estava bem no fundo.

— Não era golfinho — disse outra criança —, era uma foca. Mas tinha mesmo a cauda comprida. Até saiu da caverna das focas!

As outras crianças deram vários outros testemunhos, mas em dois pontos foram unânimes: aquilo, fosse o que fosse, havia passado pelo furo na pedra no fundo do mar e tinha uma cauda comprida e fina, tão comprida que eles não conseguiam vê-la por inteiro. Nesse ponto, os homens zombaram das crianças. Mas, como era evidente que elas haviam visto alguma coisa, várias pessoas, entre jovens e velhos, homens e mulheres, percorreram as trilhas altas dos dois lados da boca da baía para ver aquele novo espécime da fauna marinha, golfinho ou foca, de cauda comprida.

A maré estava subindo. Havia uma leve brisa e a superfície da água estava enrugada, de modo que só em alguns momentos era possível enxergar mais ao fundo. Depois de algum tempo observando, uma mulher gritou que viu alguma coisa se movendo no canal, pouco acima de onde estava. Houve uma correria até o local. Quando as pessoas chegaram, a brisa voltara e se tornara impossível enxergar com nitidez abaixo da superfície da água. Ao ser questionada, a mulher descreveu o que vira com termos tão incoerentes que teriam julgado se tratar de efeito de sua imaginação, não fossem os relatos das crianças. Sua declaração quase histérica de ter visto algo “como um porco com as tripas para fora” só foi levada a sério por um velho da guarda costeira, que balançou a cabeça sem dizer nada. Até o fim daquele dia, esse velho foi visto, enquanto havia luz, sempre ali, junto à orla, olhando para a água com uma expressão de decepção.

Eric acordou cedo na manhã seguinte — ficara sem dormir boa parte da noite e sentiu um alívio por poder se mover à vontade à luz do dia. Barbeou-se com a mão sem tremer e vestiu a roupa do casamento. Havia uma expressão abatida em seu rosto, que parecia ter envelhecido alguns anos naqueles últimos

dias. Ainda assim, em seus olhos havia um brilho selvagem e irrequieto de triunfo. Ele murmurava para si mesmo:

— Hoje é meu casamento. Abel não pode mais reivindicá-la, vivo ou morto. Vivo ou morto! Vivo ou morto!

Ele sentou em sua poltrona, esperando com quietude sobrenatural a hora de seguir para a igreja. Quando o sino tocou, levantou-se e saiu de casa, fechando a porta. Olhou para o rio e viu que a maré acabara de mudar. Na igreja, sentou-se com Sarah e a mãe dela, que segurava firme a mão da filha, como se temesse perdê-la. Encerrado o culto, levantaram-se juntos e se casaram na presença da congregação inteira, já que ninguém saíra da igreja. Ambos disseram “sim” com clareza; Eric fez até piada. Depois da cerimônia, Sarah pegou o braço do marido e eles saíram juntos. Meninos e meninas mais novos eram retidos pelos mais velhos com todo o decoro, pois queriam mesmo era sair correndo atrás dos noivos.

O caminho da igreja descia por trás do chalé de Eric, e havia uma passagem estreita entre este e o do vizinho mais próximo. Quando os noivos passaram por ali, o restante da congregação, que os seguia a certa distância, foi surpreendido por um grito longo e estridente da noiva. Todos correram pela passagem e a encontraram na beira do rio com olhos arregalados, apontando para a margem oposta na altura da casa de Eric Sanson.

A maré vazante deixara depositado ali o cadáver de Abel Behenna estendido sobre os seixos. A corda amarrada à cintura fora enroscada pela correnteza na pilastra do ancoradouro e o deixara na virada da maré. O cotovelo esquerdo ficara preso numa greta na pedra, mantendo a mão estendida na direção de Sarah, com a palma aberta para cima, como para receber a mão dela, com os pálidos dedos inclinados para apertá-la.

Tudo o que aconteceu depois jamais ficou claro para Sarah Sanson. Sempre que tentava se lembrar, um zumbido começava em seus ouvidos e uma penumbra se formava em seus olhos, até que ela se esquecia de tudo. A única coisa que conseguia lembrar — e isso jamais esqueceu — era a respiração ofegante de Eric, com o rosto mais branco que o do morto, murmurando baixinho:

— Quem aceita ajuda do Diabo e nele acredita paga seu preço.

O enterro dos ratos

Saindo de Paris pelo caminho de Orleães, ao cruzar os muros da cidade e virar à direita, chega-se a um bairro um tanto selvagem e nem um pouco saudável. À direita e à esquerda, pela frente e por trás, por todos os lados, erguem-se grandes pilhas de sujeira e lixo acumulados pelo tempo.

Paris tem uma vida tanto noturna quanto diurna. O hóspede que entra no hotel na Rue de Rivoli ou na Rue St. Honoré tarde da noite, ou sai de manhã cedo, pode imaginar, ao chegar perto de Montrouge — se é que ainda não adivinhou —, o propósito daquelas grandes carroças, que parecem caldeiras sobre rodas e se encontram por toda parte.

Toda cidade tem suas instituições peculiares devido às próprias necessidades, e uma das instituições mais notáveis de Paris é sua população de trapeiros. Pela manhã — a vida parisiense começa cedo —, podem ser vistas na maioria das ruas, no meio do caminho de cada pátio e viela, entre tantas e tantas casas, assim como em algumas cidades americanas, mesmo em algumas partes de Nova York, grandes caixas de madeira nas quais empregados e inquilinos esvaziam a sujeira acumulada no dia anterior.

Em torno dessas caixas, reúnem-se e seguem adiante, depois do trabalho, rumo a novos campos de lavouras e pastagens, homens e mulheres esqueléticos e famintos, cuja ferramenta de ofício é um saco, um cesto rústico jogado sobre o ombro ou um pequeno rastelo com o qual reviram, espetam e examinam minuciosamente as lixeiras. Eles recolhem e guardam no cesto, com esses rastelos, tudo o que encontram, com a mesma facilidade de um chinês com seus hashis.

Paris é uma cidade da centralização, e centralização e classificação são aliadas próximas. Nos primeiros tempos,

quando a centralização está se tornando um fato, logo atrás vem a classificação. Todas as coisas similares ou análogas se agrupam, e após o agrupamento surge um todo ou um ponto central. Vemos muitos braços longos irradiarem inúmeros tentáculos, surgindo no centro uma cabeça gigantesca e um cérebro abrangente, bem como olhos atentos para ver de todos os lados, ouvidos sensíveis para ouvir e uma boca voraz para engolir.

Outras cidades se parecem com aves, mamíferos e peixes, cujos apetites e digestões são normais. Paris é só a apoteose análoga do polvo. Produto de uma centralização levada *ad absurdum*, representa bem o molusco demoníaco, e sob nenhum aspecto essa semelhança é mais curiosa do que na similaridade de seu aparelho digestivo.

Os turistas inteligentes que, entregando sua individualidade nas mãos dos agentes de viagem Cook ou Gaze, exploram Paris em três dias, muitas vezes se espantam ao descobrir que um jantar que em Londres teria custado uns seis xelins pode sair por três francos num café no Palais Royal. Eles não se espantariam tanto se levassem em conta a classificação, que é uma especialidade teórica da vida parisiense, e aceitassem como fato consumado aquilo que constitui a gênese do *chiffonier*.

A Paris de 1850 não era como a Paris de hoje em dia, e quem vê a Paris de Napoleão III e do Barão Haussmann dificilmente se dará conta do estado de coisas de 45 anos antes.

Entre outras coisas que não mudaram nada, contudo, há bairros onde se acumula o lixo. Lixo é lixo no mundo inteiro, em qualquer época, e a semelhança familiar dos montes de lixo é perfeita. O viajante que visita os arredores de Montrouge, portanto, pode voltar na imaginação sem dificuldade ao ano de 1850.

Nesse ano, tive uma estada prolongada em Paris. Estava muito apaixonado por uma moça que, embora correspondesse à minha paixão, vinha obedecendo ao desejo da família a quem prometera que não me veria nem me escreveria durante um ano. De minha parte, também me vi compelido a concordar com aquelas condições sob a vaga esperança da aprovação dos pais.

Nesse período de experiência, prometi ficar fora do país e não escrever à minha amada.

Naturalmente, o tempo se arrastou para mim. Não havia ninguém da minha família ou do meu círculo de amigos para me dar notícias de Alice, e ninguém da família dela, infelizmente, teve a generosidade de me enviar uma palavra ocasional de consolo quanto à sua saúde ou seu bem-estar. Passei seis meses vagando pela Europa, mas, como nenhuma distração me satisfazia na viagem, decidi ir a Paris, onde ao menos estaria mais perto de Londres caso a sorte me chamasse de volta para lá antes da hora. Aquele provérbio de que “esperança adiada, doença do coração” nunca foi tão bem exemplificado como no meu caso, porque, além da eterna saudade do rosto da amada, havia sempre comigo uma angústia excruciante de que algum acidente me impedisse de mostrar a Alice a tempo que, ao longo desse período afastados, eu fora fiel à sua confiança e ao amor que sentia por ela. Assim, toda aventura que eu vivia tinha um prazer intenso e especial, pois carregado de conseqüências possivelmente maiores do que normalmente seria.

Como todo viajante, esgotei os lugares de maior interesse no primeiro mês de minha estada e me vi, no segundo, procurando outro tipo de diversão. Depois de diversas incursões pelos subúrbios mais conhecidos, comecei a ver que existia ali uma *terra incognita*, ao menos segundo o guia de viagem, naquela barbárie social que ficava entre dois pontos turísticos. Passei a sistematizar minhas pesquisas, e a cada dia retomava o fio de minha exploração no ponto em que o deixara no dia anterior.

Com o tempo, minhas perambulações me levaram à região vizinha a Montrouge, onde encontrei a Última Thule da exploração social, um país tão pouco conhecido quanto as áreas da nascente do Nilo Branco. Assim, decidi investigar filosoficamente o trapeiro: seu hábitat, sua vida e seus meios de subsistência. Era um trabalho insalubre, difícil de realizar e com pouca esperança de uma recompensa adequada. No entanto, contrariando a razão, prevaleceu a obstinação e ingressei nessa nova pesquisa com mais energia e vigor do que teria

demonstrado em qualquer outra pesquisa que levasse a uma finalidade mais rentável ou valorosa.

Um dia, no fim de uma bela tarde, perto do fim de setembro, entrei no tabernáculo sacrossanto da cidade dos monturos. Podia-se, evidentemente, identificar aquele lugar como lar de uma série de trapeiros, pois algum tipo de arranjo se manifestava na formação das pilhas de lixo ao lado da rua. Passei por entre esses montes de sujeira, perfilados como sentinelas, de modo ordenado, decidido a penetrar mais fundo e retraçar o caminho do lixo até sua localização definitiva. Ao passar por ali, vi atrás dos monturos alguns vultos que iam e vinham, observando com interesse o advento de um estranho naquele lugar. O bairro parecia uma pequena Suíça, e, conforme fui avançando, meu trajeto tortuoso foi fechando o caminho atrás de mim.

Eu me encontrava no que parecia uma pequena cidade ou comunidade de trapeiros. Havia uma série de barracos ou casebres, como talvez ainda se encontrem em regiões remotas do Bog of Allen, lugares rústicos com paredes de taipa, cobertas de barro e tetos de palha usada nos estábulos, onde ninguém nem sequer considera entrar e que, mesmo em aquarelas, só chegariam a ser pitorescos após uma reforma criteriosa. Em meio a esses casebres, havia um construído a partir de uma das mais estranhas adaptações — seria demais chamar de reformas — que eu já vira: um imenso guarda-roupa antigo, relíquia colossal de alguma alcova do tempo de Carlos VII, ou Henrique II, convertido em moradia. As portas duplas ficavam escancaradas, de modo que todo o interior era exposto aos olhos do público. A metade aberta do guarda-roupa era uma sala de um 1,20 por 1,80 metro na qual, fumando seus cachimbos em torno de um braseiro de carvão, havia nada menos do que seis velhos soldados da Primeira República, com seus uniformes rasgados e puídos. Eles eram a classe dos *mauvais sujets*. Seus olhos esgazeados e bocas abertas revelavam um amor comum pelo absinto, assim como seus olhos tinham aquela expressão disforme e exaurida da ferocidade sonolenta que se segue à ressaca da bebida. A outra parte do armário permanecia igual, com prateleiras intactas, exceto pelo fato de estarem cortadas na

metade de sua profundidade original, e em cada uma das seis prateleiras havia uma cama feita de trapos e palha. Aquela meia dúzia de valorosos soldados que moravam naquela estrutura me olhou com curiosidade quando passei. Ao olhar para trás, depois de avançar um pouco, vi suas cabeças unidas como numa conferência sussurrada. Não gostei nada daquilo, porquanto o lugar era muito desolado e os homens me pareceram cruéis, muito cruéis. No entanto, como não havia nenhum motivo concreto para ter medo, segui meu caminho, penetrando cada vez mais fundo naquele Saara. O trajeto era tão tortuoso que, após percorrer uma série de semicírculos, como se patinasse em rolamento holandês, fiquei confuso em relação aos pontos cardeais.

Depois de avançar mais um pouco, notei, ao virar num monturo desfeito, sentado num monte de palha, um velho soldado de casaca puída.

— Ora — disse para mim mesmo —, a Primeira República está aqui bem representada pela soldadesca.

Quando passei por ele, o velho nem ergueu os olhos para mim; continuou a contemplar o chão com estoica persistência. Novamente pensei comigo: “O que uma vida rústica na guerra é capaz de fazer?! A curiosidade desse velho ficou no passado.”

Após dar mais alguns passos, contudo, olhei para trás de repente e vi que a curiosidade não estava morta, pois o veterano erguera a cabeça e me olhava com uma expressão muito estranha. Ele parecia me encarar de modo similar ao dos seis valorosos soldados do armário.

Ao se dar conta de que eu o estava olhando, baixou a cabeça. Sem pensar mais nele, prossegui meu caminho, satisfeito por haver uma estranha semelhança entre aqueles velhos combatentes.

Então, encontrei outro velho soldado de expressão semelhante, que também não reparou em mim enquanto eu passava.

A essa altura, estava ficando um pouco tarde, portanto comecei a refazer o mesmo caminho para voltar. Virei-me, mas então reparei que havia diversos caminhos, entre os diversos

monturos, e não tive mais certeza de qual deveria tomar. Perplexo, procurei alguém para perguntar, mas não encontrei mais ninguém.

Resolvi seguir em frente por mais alguns monturos e, então, tentar procurar alguém que não fosse um veterano.

Alcansei meu objetivo algumas centenas de metros adiante, quando vi diante de mim um barraco idêntico ao que eu vira antes, com a única diferença de que esse não era uma moradia, e sim um teto com três paredes aberto na frente. Pelas evidências da vizinhança, julguei se tratar de um local de separação do lixo. Dentro, havia uma velha enrugada e encurvada pela idade, da qual me aproximei a fim de pedir uma orientação.

Ela se levantou quando me aproximei e pedi orientação. Imediatamente, a velha começou a conversar comigo e me ocorreu que ali, no centro do Reino do Lixo, seria o melhor lugar para saber mais detalhes sobre a história dos trapeiros de Paris, sobretudo porque eu a ouviria dos lábios de alguém que parecia ser sua moradora mais idosa. Comecei a fazer perguntas, às quais me deu as respostas mais interessantes — ela fora uma daquelas *tricoteuses* que se sentavam todo dia diante da guilhotina e que tiveram participação ativa entre as mulheres que se destacaram pela violência na revolução. Durante a conversa, ela disse subitamente:

— O senhor deve estar cansado de ficar de pé.

Limpou um velho banco cambaio e me ofereceu para sentar. Por muitos motivos, eu não teria me sentado, mas a pobre senhora foi tão gentil que eu não quis correr o risco de magoá-la ao recusar. A conversa com alguém que estivera na tomada da Bastilha estava tão interessante que me sentei e o papo prosseguiu.

Enquanto conversávamos, um velho — mais velho, encurvado e enrugado que a mulher — apareceu por trás do barraco.

— Este é o Pierre — anunciou ela. — O senhor pode ouvir histórias agora, se quiser, pois Pierre participou de tudo: da Bastilha a Waterloo.

Pedi que o velho puxasse outro banco e mergulhamos num mar de reminiscências revolucionárias. Esse velho, embora vestido como um espantalho, era como aqueles outros seis veteranos.

Eu agora estava sentado no centro do barraco baixo com a mulher à minha esquerda e o homem à direita, sendo que ambos ficavam praticamente de frente para mim. O lugar estava cheio de todo tipo de objetos curiosos de madeira e muitas coisas que eu preferiria manter longe de mim.

Num canto, havia uma pilha de trapos que parecia se mover devido à grande quantidade de vermes; no outro, uma pilha de ossos cujo odor era um tanto chocante. Vez por outra, olhando de relance para os monturos, pude ver os olhos cintilantes de alguns ratos que infestavam o lugar. Aqueles objetos odiosos já eram horríveis o suficiente, mas o que me pareceu mais pavoroso foi um velho cutelo de açougueiro, com o cabo de ferro manchado de restos de sangue, pendurado na parede da direita. Mesmo assim, essas coisas não chegaram a me preocupar muito. A conversa com aqueles anciãos estava tão fascinante que fui me deixando ficar, até que anoiteceu e os monturos começaram a lançar sombras sinistras nos vales que os separavam. Após um tempo, comecei a ficar inquieto. Não saberia dizer como ou por quê, porém, de alguma forma, eu não estava à vontade. A inquietude é um instinto e significa alerta. As faculdades psíquicas são muitas vezes sentinelas do intelecto e, quando soam o alarme, a razão começa a agir, ainda que não de maneira consciente.

Foi assim comigo. Comecei a pensar sobre onde eu estava e o que me cercava, bem como a me perguntar o que faria caso fosse atacado. De repente, ocorreu-se, sem nenhum motivo aparente, que eu estava em perigo. A prudência sussurrou: “Fique parado e não faça nenhum sinal”. Foi o que fiz. Quatro olhos astutos me observavam. “Quatro olhos, se não mais.” Meu Deus! Que pensamento horrível! O barraco podia estar cercado em três lados por bandidos. Talvez eu estivesse no meio de um bando de criminosos como só meio século de revoluções periódicas poderia produzir.

Com uma sensação de perigo, meu intelecto e minha observação se aceleraram e passei a ficar mais alerta do que pretendia. Reparei que os olhos da velha a todo instante se voltavam para minhas mãos. Olhei para elas também e entendi o motivo: meus anéis. No dedo mínimo esquerdo, eu tinha um grande sinete e, no direito, um bom diamante.

Pensei que, se houvesse algum perigo, minha primeira providência seria evitar suspeitas. Comecei a desviar a conversa para a coleta — para o fluxo — das coisas encontradas ali. A partir daí, aos poucos, chegamos às joias. Então, aproveitando uma oportunidade favorável, perguntei à velha se ela entendia de anéis. Ela respondeu que entendia um pouco. Estendi a mão direita e, mostrando-lhe o diamante, perguntei o que ela achava. A velha respondeu que já não enxergava muito bem e se inclinou sobre minha mão. Eu disse o mais despreocupadamente que pude:

— Perdão! A senhora verá melhor assim.

Tirei o anel e passei para ela. Uma luz profana iluminou seu velho rosto encarquilhado ao observar o objeto de perto. Ela me olhou de relance com expressão fugaz e intensa como um relâmpago.

Inclinou-se sobre o anel por um momento, com o rosto quase oculto, como se o examinasse. O velho olhava para a frente do barraco, tateando os bolsos e tirando um pouco de tabaco de dentro de um embrulho e um cachimbo, que passou a encher. Aproveitei a pausa e o descanso momentâneo dos olhos que me esquadriavam o rosto para observar cuidadosamente o lugar, agora na penumbra e sombrio ao crepúsculo.

Ali ainda estavam os monturos de fedores pestilentos e também o terrível cutelo sujo de sangue junto à parede no canto direito. Por toda parte, apesar da escuridão, eu sentia o cintilar maligno dos olhos dos ratos. Eu podia vê-los até pelas frestas entre as pranchas do fundo do barraco ao rés do chão. Mas o que era aquilo? Aqueles olhos agora pareciam maiores do que o normal, mais brilhantes e malignos.

Por um instante, meu coração parou e me senti naquela condição vertiginosa em que ocorre uma espécie de embriaguez

espiritual, como se o corpo só se mantivesse ereto por não haver tempo para cair, já que logo nos recuperamos. Um segundo depois, fiquei calmo, friamente calmo, com todas as minhas energias em pleno vigor, com um autocontrole que julguei perfeito e com toda a minha sensibilidade e meus instintos em alerta.

Agora eu sabia a extensão do perigo que corria: estava sendo observado e cercado por pessoas desesperadas e não podia imaginar quantos deles estavam escondidos atrás do barraco, esperando o momento de atacar. Eu sabia que era grande e forte, assim como eles também sabiam. Da mesma forma, sabiam que eu, como inglês, lutaria contra eles. Esperamos. Julguei ter obtido uma vantagem nos últimos segundos, pois tomei consciência do perigo e entendi a situação. “Isto”, pensei, “será a prova da minha coragem, o teste de resistência.” O combate podia ficar para depois.

A velha levantou a cabeça e me disse com expressão satisfeita:

— É, de fato, um anel muito bom, uma beleza de anel. Eu que o diga! No meu tempo, tive anéis assim, muitos anéis, braceletes e brincos. Naquele tempo bom, aprontei muito nesta cidade. Mas agora eles se esqueceram de mim. Eles me esqueceram. Ora, eles nunca ouviram falar de mim. Talvez os avós se lembrem. Alguns, talvez.

Ela deu uma risada rouca e, devo admitir, me impressionou ao me devolver o anel com certo ar de antiquada gentileza que tinha lá seu encanto.

O velho olhou para ela com súbita ferocidade, erguendo-se um pouco de seu banco, e me falou de repente com voz rouca:

— Deixe-me ver.

Eu estava prestes a lhe passar o anel quando a velha disse:

— Não, não deixe o Pierre pegar seu anel. O Pierre é um excêntrico. Ele vive perdendo as coisas, e esse anel é tão bonito!

— Sua gata velha — praguejou o ancião, com selvageria. De repente, a velha disse, mais alto do que o necessário:

— Espere! Vou lhe contar uma história sobre um anel.

Algo na voz dela me abalou. Talvez fosse minha hipersensibilidade, tomado como eu estava por uma aguda excitação nervosa, porém me pareceu que ela não falava comigo. Olhando de relance à minha volta, vi os olhos dos ratos nas pilhas de ossos, mas não consegui mais observar aqueles olhos do fundo do barraco. De repente, eles tornaram a aparecer. O pedido da velha me salvara de ser atacado e os homens voltaram à sua posição reclinada.

— Uma vez, perdi um anel, um belo anel de diamante que fora de uma rainha e me foi dado por um coletor de impostos, que depois cortou a própria garganta porque o dispensei. Achei que talvez o tivessem roubado e cobreí de todo mundo, mas não apurei nada. A polícia apareceu e disse que deveria ter caído no esgoto. Descemos até lá, eu com minhas melhores roupas, porque não ia confiar a ninguém meu belo anel. Depois disso, passei a conhecer melhor os esgotos e os ratos. Jamais vou me esquecer do horror que era aquele lugar cheio de olhos faiscantes, uma parede de olhos logo ao alcance da luz das nossas tochas. Bem, fomos até o esgoto embaixo da minha casa. Procuramos a saída do ralo, encontrei meu anel em meio à sujeira e saímos dali.

“Também achamos outra coisa antes de sair. Estávamos perto da tampa da saída quando um bando de ratos de esgoto — humanos, dessa vez — nos abordou. Disseram à polícia que um membro do bando descera até o esgoto e não voltara. Ele teria entrado um pouco antes de nós e, caso tivesse se perdido, dificilmente estaria longe. Pediram ajuda para procurá-lo, então voltamos para dentro do esgoto. Eles tentaram me impedir, mas fiz questão. Seria uma nova diversão. E, afinal, eu não havia conseguido recuperar meu anel? Não havíamos ido muito longe quando nos deparamos com outra coisa. Havia apenas um pouco de água, e o fundo do esgoto era alto, cheio de tijolos, entulhos e muitas coisas desse tipo. Ele deve ter lutado um bocado, mesmo depois que a tocha se apagou. Mas eram muitos. Demais para ele. Não devem ter demorado. Os ossos ainda estavam quentes, ainda que limpos de tão roídos. Devoraram até alguns de seus próprios mortos, pois havia ossos de ratos, além de humanos. Os

outros não se abalaram muito com a cena, os humanos, e fizeram piada com seu camarada quando o encontraram morto, embora estivessem ali para ajudá-lo se estivesse vivo. Que diferença faz a vida ou a morte?

— A senhora não sentiu medo? — perguntei.

— Medo — disse ela, rindo. — Medo, eu? Pergunte ao Pierre. Eu era moça nessa época. Enquanto não atravessasse todo aquele esgoto horrível com aquelas paredes cheias de olhos ávidos, sempre se movendo com o círculo de luz das tochas, não sosseguei. E eu ia na frente dos homens. É meu jeito. Nunca deixei homem nenhum ir na minha frente. A única coisa que peço é que me deem oportunidade e meios. E eles o devoraram. Levaram tudo, menos os ossos. Ninguém ficou sabendo disso nem nunca mais ninguém ouviu falar nele.

Ao dizer isso, ela teve um acesso de riso do mais sinistro contentamento, como eu jamais havia visto ou ouvido. Uma grande poeta descreveu sua heroína cantando: “Oh! Vê-la ou ouvi-la cantar! Nem sei dizer o que é mais divino.”*

Posso aplicar a mesma ideia à velha senhora — em tudo, exceto a divindade, pois eu não saberia dizer o que era mais infernal: a risada brusca, maliciosa e cruel, ou o sorriso de escárnio e a horrenda boca quadrada, aberta, como uma máscara trágica, e o brilho amarelado dos poucos dentes descoloridos nas gengivas disformes. Com aquela risada, aquele sorriso e a satisfação convulsiva, entendi como se tivessem me falado em palavras trovejantes que meu destino estava selado e que os assassinos só esperavam o momento apropriado para a execução. Li nas entrelinhas de sua história asquerosa as ordens que ela dava a seus cúmplices.

— Esperem — parecia dizer ela —, esperem o momento certo. Darei o primeiro golpe. Arranjem uma arma para mim que aproveitarei a oportunidade. Ele não escapará vivo. Façam-no calar a boca. E que ninguém banque o espertinho! Não haverá gritaria e os ratos farão seu trabalho.

Estava ficando cada vez mais escuro. Olhei de relance ao redor: tudo continuava igual. O cutelo sujo de sangue no canto, os montes de lixo e os olhos na pilha de ossos e nas frestas do

chão. Pierre ainda enchia ostensivamente seu cachimbo; riscou um fósforo e começou a soltar baforadas. A velha disse:

— Meu Deus, como está escuro! Pierre, seja um bom rapaz e acenda alguma luz.

Pierre se levantou e, com o fósforo aceso na mão, encostou no pavio de um lampião pendurado na entrada do barraco que tinha um refletor e espalhou a luz por todo o lugar. Evidentemente, usavam-no para separar o lixo à noite.

— Não esse, seu estúpido! Esse, não. A lanterna — gritou a velha.

Imediatamente, ele soprou a chama, dizendo:

— Está bem, mamãe. Vou procurar.

Pôs-se a vasculhar no canto esquerdo do aposento, com a velha gritando no escuro:

— A lanterna! A lanterna! Essa é a luz mais útil para nós, pobres. A lanterna foi a amiga da revolução, é a amiga do trapeiro. Ela nos ajuda quando nada mais funciona.

Mal terminara de pronunciar tais palavras, o lugar inteiro rangeu e algo foi arrastado lentamente sobre o teto.

Mais uma vez, pude ler as entrelinhas das palavras dela e entendi o significado da lanterna.

— Um de vocês sobe no teto com um laço e o estrangula quando ele sair, se tudo o que tentarmos aqui falhar.

Ao olhar para a abertura do cômodo, vi a silhueta negra do laço de uma corda destacada contra o céu lúgubre. Agora eu estava, de fato, perdido.

Pierre não demorou muito a encontrar a lanterna. Mantive meus olhos fixos na velha através da escuridão. Pierre riscou um fósforo e, no clarão, vi a velha tirar do chão ao lado dela, onde misteriosamente surgira, e esconder nas dobras do vestido uma faca comprida, ou uma adaga. Parecia um ferro de amolar de açougueiro com uma ponta afiada.

A lanterna foi acesa.

— Traga para cá, Pierre — ela disse. — Coloque na entrada onde possamos enxergar. Veja como fica bom! A lanterna não deixa a escuridão entrar aqui. Agora está perfeito.

Perfeito para ela e seus propósitos. A lanterna lançava toda a luz no meu rosto, deixando no escuro os de Pierre e da velha, sentados ao meu lado, de frente um para o outro. Senti que a hora da ação se aproximava, mas agora eu sabia que o primeiro sinal e o primeiro movimento viriam da velha, portanto fiquei atento a ela.

Eu estava inteiramente desarmado, mas decidi comigo mesmo o que fazer. Ao primeiro movimento, eu pegaria o cutelo de açougueiro no canto direito e lutaria para sair. Ao menos eu lutaria pela minha vida. Olhei de relance para fixar o local exato onde estava o cutelo, uma vez que eu não poderia errar na primeira tentativa de pegá-lo. Mais do que nunca, o tempo e a exatidão seriam preciosos.

Santo Deus! Ele havia sumido! Todo o horror da situação se revelou subitamente, mas o pensamento mais amargo foi que, se aquela posição terrível me causasse algum mal, Alice também sem dúvida sofreria. Ou me acharia mentiroso — e qualquer namorado ou pessoa que já esteve apaixonada pode imaginar o amargor dessa ideia — ou continuaria me amando por muito tempo depois de eu deixá-la para sempre, e sua vida estaria arruinada e amargurada, dilacerada pela frustração e pelo desespero. A magnitude dessa dor me conteve e me deu coragem para suportar o pavor do escrutínio dos conspiradores.

Creio não ter deixado transparecer nada disso. A velha me observava como uma gata observa um camundongo. Tinha a mão escondida nas dobras do vestido, segurando, eu sabia, aquela adaga comprida de aparência cruel. Se ela tivesse notado alguma decepção em meu semblante, teria, intuí, sentido que o momento chegara e saltado sobre mim como uma tigresa, certa de me pegar desprevenido.

Olhei para a noite lá fora e vi novos fatores de risco. Na frente e em volta do barraco, a pouca distância, havia alguns vultos sombrios. Estavam muito imóveis, mas eu sabia que estavam alertas e a postos. Havia pouca chance para mim naquela direção.

Mais uma vez, olhei de soslaio ao meu redor. Em momentos de grande excitação ou perigo, que é por si uma excitação, o

espírito funciona muito depressa e a precisão dos sentidos que dependem do espírito cresce proporcionalmente. Foi o que senti naquela hora. Num instante, compreendi toda a situação. Vi que o cutelo fora retirado por um pequeno buraco numa das pranchas apodrecidas. Que estado de podridão permitiria que aquilo ocorresse sem o menor ruído?

O barraco era uma perfeita ratoeira e estava vigiado por todos os lados. Um garrote pendia do teto, pronto para me enforcar em seu laço, caso eu escapasse da adaga da velha bruxa. Pela frente, a passagem estava bloqueada por não sei quantos vigias. Nos fundos, havia uma fila de homens desesperados — vi seus olhos imóveis pela fresta das pranchas do piso, ao olhar pela última vez para lá —, deitados, só esperando o sinal para se erguerem. Se fosse para acontecer, que fosse agora!

Da maneira mais discreta possível, virei-me um pouco em meu banco para posicionar minha perna direita bem embaixo do corpo. Então, com um salto súbito, virando a cabeça, protegendo-a com as mãos, e com o instinto beligerante dos cavaleiros de outrora, sussurrei o nome de minha amada e me atirei contra a parede dos fundos do barraco.

Mesmo atentos, a intempestividade do meu movimento surpreendeu Pierre e a velha. Enquanto eu atravessava as pranchas podres, vi a velha se levantar com um salto como uma tigresa e a ouvi bufar de raiva, perplexa. Meus pés pousaram em algo que se movia. Quando pulei para longe, percebi que havia pisado nas costas de um dos homens enfileirados, de bruços, no chão do lado de fora do barraco. Arranhei-me nos pregos e nas farpas, mas fora isso escapei ileso. Ofegante, corri para o monturo diante de mim, ouvindo às minhas costas o baque surdo do barraco que desabava.

Aquela subida foi um pesadelo. O monturo, embora baixo, era terrivelmente íngreme, e a cada passo eu rompia uma massa de sujeira e cinzas, e perdia o chão sob os pés. A poeira subiu e me sufocou. Era nauseante, fétida e asquerosa, mas eu escalava para salvar minha vida e resisti. Os segundos pareciam horas. Ainda assim, meus breves momentos de antecipação,

combinados com minha juventude e minha força, deram-me grande vantagem. Não obstante diversos vultos tentassem me alcançar com um silêncio mortal, mais pavoroso que qualquer ruído, facilmente atingi o topo do monturo.

Tempos depois, eu escalaria o cone do Vesúvio. Empenhando-me naquela encosta desolada, em meio à fumaça sulfurosa, a lembrança dessa noite horrível em Montrouge me voltou tão vividamente que quase desmaiei.

O monturo era dos mais altos daquela região imunda. Enquanto eu tentava chegar ao topo, ofegando e com o coração batendo feito uma marreta, vi ao longe, à minha esquerda, difusamente, um clarão avermelhado no céu, e, mais perto ainda, luzes piscando. Graças a Deus! Agora eu sabia onde estava e onde ficava o caminho para Paris.

Durante dois ou três segundos, parei e olhei para trás. Meus perseguidores ainda estavam muito para trás, mas se esforçavam decididamente e com aquele silêncio mortal. Mais ao longe, o barraco estava arruinado — uma massa de madeira e vultos semoventes. Pude enxergar bem, pois labaredas já se formavam. Os trapos e a palha evidentemente haviam se incendiado com o fogo da lanterna. Mas, ainda assim, reinava um total silêncio. Nenhum som. Aqueles malditos velhos ao menos lutavam até a morte.

Não tive tempo de olhar mais do que de relance, porque, ao lançar a vista do alto do monturo, preparando-me para a descida, vi diversos vultos sombrios que me rodeavam na tentativa de interceptar meu caminho. Agora era uma corrida de vida ou morte. Tentavam impedir meu retorno a Paris, e, com o instinto momentâneo, corri para a minha direita. Foi por um triz. A despeito de eu ter chegado ao chão em poucas passadas, os velhos desconfiados que me observavam voltaram, e um deles, enquanto eu corria pela passagem entre dois monturos, quase me acerta um golpe com aquele terrível cutelo de açougueiro. Não devia haver outra arma como aquela.

Assim, começou uma perseguição horrível. Com facilidade, tomei a dianteira dos velhos na corrida. Mesmo quando alguns mais novos e algumas poucas mulheres se juntaram no meu

encalço, consegui logo me distanciar deles. Mas eu não sabia o caminho e mal conseguia me orientar pela luz no céu, porquanto estava fugindo com o sol às minhas costas. Ouvira dizer que, a não ser que exista um propósito consciente, um homem perseguido sempre vira à esquerda, e foi o que fiz. Isso, imagino, também sabiam meus perseguidores, que eram mais animais do que homens e, com astúcia e instinto, descobriram esse segredo sozinhos. Ao fim de uma última aceleração, após a qual eu pretendia fazer uma pausa para respirar, vi à minha frente dois ou três vultos, passando por trás de um monturo, indo para a direita.

Agora eu estava de fato dentro da teia da aranha. Mas, com a ideia desse novo perigo, veio o recurso dos perseguidos e saí correndo para a direita na primeira oportunidade. Continuei na mesma direção por uns cem metros e, depois, virando outra vez à esquerda, tive certeza de que ao menos conseguira evitar o perigo de ficar cercado. Mas não a perseguição. Logo a turba veio atrás de mim, determinada, obstinada, incansável e em solitário silêncio.

Na escuridão que aumentava, os monturos agora pareciam um tanto menores do que antes, embora, por causa da noite fechada, parecessem proporcionalmente maiores. Agora eu estava bem adiante de meus perseguidores e subi correndo no monturo à minha frente.

Oh, alegria das alegrias! Eu estava quase saindo daquele inferno de montes de lixo. Lá longe, atrás de mim, o clarão avermelhado de Paris no céu. Por trás de tudo, erguiam-se as alturas do Montmartre — uma luz fraca e, aqui e ali, pontos brilhantes como estrelas.

Recobrado o vigor por um momento, corri por sobre os monturos restantes, cada vez menores, e me vi no mesmo nível do chão de mais adiante. Mesmo assim, a perspectiva não era convidativa. Tudo à minha frente estava escuro e desolado. Eu chegara a uma daquelas várzeas frias e úmidas que se encontram nas periferias das grandes cidades servindo de depósito de lixo.

Lugares de detrito e desolação, nos quais o espaço é exigido pela aglomeração final de tudo o que é nocivo e cujo terreno é tão pobre que não cria nenhum desejo de ocupação nem no mais miserável dos desabrigados.

Com os olhos acostumados à escuridão da noite, e agora longe dos vultos dos pavorosos monturos, pude enxergar com muito mais facilidade do que antes. Talvez o clarão no céu das luzes de Paris, a alguns quilômetros da cidade, estivesse se refletindo ali. De todo modo, enxerguei o suficiente para me assegurar do que se passava a alguma distância à minha volta.

Logo à minha frente havia uma desolada planície que parecia quase vazia, apenas com a cintilação sombria de algumas poças estagnadas. Aparentemente ao longe, à direita, em meio a um pequeno conjunto de luzes dispersas, erguia-se a silhueta escura do Fort de Montrouge, e, à esquerda, na penumbra, pontuadas de raios difusos das janelas dos chalés, as luzes no céu indicavam a localização do Bicêtre. Uma ideia súbita me fez decidir tomar a direita e tentar chegar a Montrouge. Lá ao menos haveria alguma segurança e talvez eu conseguisse chegar a algum cruzamento que conhecesse pelo caminho. Algures, não muito distante, devia estar a rota estratégica feita para conectar a rede de fortificações que circundava a cidade.

Olhei para trás. Vindo por sobre os monturos, em silhuetas negras contra o clarão do horizonte de Paris, vi diversos vultos semoventes. Um pouco mais à direita havia muitos outros, avançando em direção aonde eu ia. Evidentemente, tinham intenção de me interceptar no caminho, o que restringia minhas opções. Agora eu podia seguir em frente ou virar à esquerda. Inclinando-me até o chão para ter a vantagem de ver a linha do horizonte, mirei atentamente naquela direção, mas não pude detectar nenhum sinal de meus inimigos. Concluí que, como não haviam protegido ou não estavam tentando proteger aquele flanco, devia existir algum perigo para mim. Portanto, decidi seguir em frente.

Não era uma perspectiva estimulante. À medida que eu prosseguia, a realidade se revelava pior. O chão começou a ficar mole, encharcado, e de quando em quando cedia sob meu peso

de modo particularmente nauseante. Parecia que o terreno ia ficando mais baixo, pois vi ao meu redor lugares aparentemente mais elevados do que onde eu estava, numa área que pouco antes me parecera plana. Olhei à minha volta, mas não vi nenhum dos meus perseguidores. Era estranho. O tempo todo aqueles pássaros noturnos haviam me seguido através da treva como se fosse em plena luz do dia.

Como me culpei por ter saído com meu paletó claro de *tweed* de turista! O silêncio e a incapacidade de enxergar meus inimigos mesmo sentindo que me observavam foram ficando aterradores. Na esperança de alguém além daquela horda sinistra me ouvir, ergui a voz e gritei várias vezes. Não houve resposta; nem sequer um eco recompensou meus esforços. Por um momento, fiquei imóvel e mantive os olhos numa única direção. Num aclave ao meu lado, vi um vulto escuro se mexer, depois outro e mais outro. Este, à minha esquerda, parecia avançar para me deter.

Pensei que minha habilidade de corredor pudesse deixar meus inimigos para trás naquela caçada e, com toda a velocidade, segui em frente.

Chapinhei.

Meus pés pisaram em falso sobre uma massa de lixo viscosa e caí de bruços numa poça estagnada e pestilenta. A água com lodo em que meus braços afundaram até os cotovelos era indescritivelmente asquerosa e nauseante. Na queda, acabei engolindo aquela matéria repugnante, que me deu ânsias e falta de ar. Jamais esquecerei os momentos em que fiquei tentando me recuperar, quase desmaiando com o odor fétido da poça imunda, cuja evaporação esbranquiçada se erguia fantasmagórica. E, o pior de tudo, com o desespero agudo de um animal caçado quando sente a aproximação dos cães, vi diante de mim, ao me recompor, os vultos sombrios de meus perseguidores, que rapidamente me cercavam.

É curioso como nosso espírito pondera estranhas questões mesmo quando as energias do pensamento aparentemente estão concentradas em alguma necessidade terrível e urgente. Minha vida corria um risco momentâneo. Minha segurança

dependia da minha ação, e minhas alternativas se esgotavam praticamente a cada passo dado. No entanto, eu não conseguia deixar de pensar na estranha e obstinada persistência daqueles velhos.

Sua determinação silenciosa e sua persistência sinistra, mesmo naquela situação, exigiam, além do medo, até uma dose de respeito. Como não teriam sido no vigor da juventude? Entendi, então, o alvoroço vertiginoso na ponte de Arcola, a zombeteira exclamação da Velha Guarda em Waterloo. A elucubração inconsciente tem suas delícias, mesmo nesses momentos. Felizmente, não compete de maneira nenhuma com o pensamento do qual se origina a ação.

Percebi num relance que, na medida em que eu fora derrotado em meu intento, meus inimigos até ali haviam vencido. Eles conseguiram me cercar por três lados e pareciam inclinados a me conduzir para a esquerda, onde devia haver algum perigo, pois deixavam aquele flanco desguarnecido. Aceitei a alternativa — era a típica opção de Hobson, pegar ou largar, e correr. Precisei continuar no terreno mais baixo, já que meus perseguidores estavam no alto. Conquanto o terreno encharcado e friável me retivesse, minha juventude e meu treinamento me tornaram capaz de me equilibrar. Mantendo uma diagonal, não só impedi que me ultrapassassem, como também comecei a me distanciar deles. Isso me renovou a coragem e a força. A essa altura, o preparo físico começou a se revelar e meu fôlego extra se fez presente. Diante de mim, o terreno formou um ligeiro aclave. Subi a elevação e me vi diante de um lodaçal encharcado, com um dique ou uma barragem que parecia negro e sombrio do outro lado. Senti que se conseguisse chegar àquele dique em segurança, com o terreno firme sob os pés e uma espécie de caminho a me guiar, conseguiria com relativa facilidade encontrar uma saída.

Depois de olhar de relance para a direita e para a esquerda, vendo que não havia ninguém por perto, deixei que meus olhos, por alguns minutos, ficassem a serviço dos meus pés, enquanto atravessava o lodo. Foi um trabalho árduo, duro, mas não havia grandes riscos, apenas o esforço. Em pouco tempo, cheguei ao

dique. Subi o aclave exultante, mas tive outro choque. Dos dois lados, erguiam-se vultos agachados. Da direita e da esquerda, corriam na minha direção. Cada um trazia uma corda.

O círculo estava quase se fechando. Eu não conseguiria escapar por nenhum dos lados. O fim estava próximo.

Só havia uma opção. Atravessei o dique, escapei das garras de meus inimigos e me atirei no riacho. Sob qualquer outra circunstância, eu teria achado a água suja e repulsiva. Naquela ocasião, porém, era tão bem-vinda quanto o rio mais cristalino ao viajante sedento. Foi a salvação.

Meus perseguidores vieram atrás. Se um único deles tivesse jogado a corda, eu estaria perdido, pois me lançaria antes que eu tivesse tempo de dar a primeira braçada. Mas as muitas mãos que seguravam a corda acabaram se atrapalhando e eles perderam tempo, de modo que, quando a corda atingiu a água, ouvi o laço cair atrás de mim. Nadando com força por alguns minutos, atravessei o rio. Revigorado com o mergulho e encorajado pela fuga, subi no dique com o espírito relativamente alegre.

Lá de cima, olhei para trás. Através da escuridão, vi meus caçadores dispersos subindo e descendo o dique. A perseguição não havia acabado e, mais uma vez, tive de escolher meu caminho. Além do dique no qual eu estava, havia um descampado pantanoso, muito similar ao que eu atravessara. Resolvi evitar aquele lugar e hesitei por um momento entre subir ou descer o dique. Julguei ter ouvido um barulho — o som abafado de remos na água —, apurei os ouvidos e depois gritei.

Não houve resposta, mas o barulho parou. Meus inimigos haviam tomado algum tipo de embarcação. Como estavam acima de mim, resolvi descer e comecei a correr. À esquerda de onde eu entrara, ouvi diversos baques na água, suaves e constantes, como o som que um rato faz ao mergulhar, mas muito mais altos. Quando olhei, vi o brilho sombrio da água rompida pelas ondulações de diversas cabeças avançando. Alguns dos meus inimigos também nadavam.

Atrás de mim, rio acima, o silêncio foi rompido pelo rápido tamborilar e pelo rangido dos remos. Meus inimigos estavam em

meu encalço. Cheio de brios, comecei a correr. Após alguns minutos, olhei para trás e, pelo feixe de luz por entre as nuvens dispersas, vi diversos vultos escuros escalando o dique atrás de mim. O vento começara a soprar, a água ao meu lado se encrespou e começou a quebrar em minúsculas ondulações contra o dique. Precisei manter os olhos no chão diante de mim para não tropeçar, pois eu sabia que uma queda significaria a morte.

Minutos depois, olhei novamente para trás. No dique, havia apenas alguns daqueles vultos, mas, através do terreno pantanoso, havia muitos mais. Eu não sabia o novo perigo que aquilo representava; só podia imaginar. Dessa forma, enquanto corria, pareceu-me que meu caminho ia se desviando para a direita. Olhei para cima e, à minha frente, vi que o rio estava muito mais largo naquele trecho e que o dique onde eu estava diminuía muito. Além dele, havia outro riacho em cujo barranco vi alguns dos vultos através do pântano. Eu estava numa espécie de ilha.

Minha situação era terrível: meus inimigos haviam me encurralado por todos os lados. Atrás de mim, vinha o acelerado chapinhar dos remos, como se meus perseguidores soubessem que o fim estava próximo.

À minha volta, em toda parte, havia pura desolação; nenhum telhado ou luz, até onde eu conseguia enxergar. Bem ao longe, erguia-se uma forma escura, que eu não sabia do que se tratava. Por um momento, pensei no que fazer, mas não por muito tempo, pois meus perseguidores se aproximavam. Então, decidi-me. Desci do dique e entrei na água. Com a cabeça para fora, nadei até chegar ao que eu presumia ser a correnteza, ultrapassando o refluxo das ondulações que quebravam na ilha. Esperei até que uma nuvem encobrisse a lua e deixasse tudo escuro, tirei o chapéu e o deixei delicadamente sobre a água, flutuando rio abaixo. Um segundo depois mergulhei para a direita e nadei sem respirar com todas as forças. Suponho ter ficado meio minuto embaixo d'água, ao fim do qual emergi o mais discretamente possível e olhei para trás. Eles haviam seguido meu chapéu marrom que deslizara rio abaixo.

Logo atrás deles vinha o velho bote estropiado, impelido por dois remadores. A lua ainda estava parcialmente coberta pelas nuvens esparsas, mas na penumbra pude distinguir um homem na proa erguendo sobre a cabeça, pronto para atacar, o que me pareceu ser o mesmo pavoroso cutelo do qual eu já escapara uma vez. Vi o bote se aproximar cada vez mais e o homem atacar com selvageria. O chapéu desapareceu. O homem se inclinou para a frente, quase caindo do bote. Seus camaradas o puxaram de volta, porém sem o cutelo, e, enquanto eu tentava com todas as forças chegar à outra margem, ouvi o murmúrio feroz de “Sacre”, sugestivo da raiva de meus frustrados perseguidores.

Esse foi o primeiro som que ouvi de lábios humanos durante toda a pavorosa perseguição. Mesmo com toda a ameaça e o perigo que continha, foi um som bem-vindo, que rompeu aquele tenebroso silêncio que me envolvia e espantava. Foi como um sinal claro de que meus oponentes eram homens, e não fantasmas, e que com eles eu teria ao menos a oportunidade de um homem, ainda que fosse apenas um contra muitos.

Agora, porém, que o encanto do silêncio terminara, os sons passaram a ser rápidos e frequentes. Do bote à margem e de volta da margem ao bote, rapidamente iam e vinham perguntas e respostas, todas sussurradas. Olhei para trás, numa atitude fatal. Naquele instante alguém avistou meu rosto, muito branco na água escura, e gritou o alerta. Mãos foram apontadas para mim e, dentro de instantes, o bote voltou à carga, avançando depressa em meu encalço. Faltava pouco para eu chegar ao outro lado, mas o bote parecia cada vez mais rápido. Mais algumas braçadas e eu estaria na margem, contudo comecei a sentir a aproximação do bote e passei a esperar sentir a qualquer momento a pancada de um remo ou outra arma na cabeça. Se eu não tivesse visto o pavoroso cutelo desaparecer na água, creio que não teria conseguido alcançar a outra margem. Ouvi as imprecações resmungadas dos que não estavam remando e a respiração ofegante dos remadores.

Com um supremo esforço pela vida ou pela liberdade, alcancei a margem e me levantei. Não havia um segundo a

perder. Logo em seguida o bote chegou e vultos escuros correram atrás de mim. Subi no dique e, mantendo a esquerda, tornei a correr. O bote deu meia-volta e seguiu rio abaixo. Quando me dei conta, receei que houvesse algum perigo naquela direção, rapidamente me virei, desci correndo pelo outro lado do dique e, após um breve trecho pantanoso, cheguei a um terreno firme e acelerei. Ainda assim, atrás de mim vieram meus incansáveis perseguidores.

Ao longe, lá embaixo, vi a mesma massa escura de antes, mas agora mais próxima e maior. Meu coração sentiu um grande frenesi de prazer: eu sabia que aquilo devia ser o Fort de Bicêtre. Com coragem renovada, corri. Ouvira dizer que, entre todos os fortes que protegiam Paris, existiam caminhos estratégicos, passagens subterrâneas onde os soldados podiam marchar protegidos do inimigo. Sabia que se encontrasse essas passagens estaria a salvo, mas, no escuro, não conseguia enxergar nem sinal delas. Na esperança cega de encontrá-las ao acaso, continuei correndo.

Agora eu estava à beira de uma vertente profunda. Descobri que lá embaixo havia uma estrada ladeada por canais de água, separados de cada lado por um muro alto e reto. Apesar da vertigem e da tontura, continuei correndo. O terreno foi ficando mais esburacado — cada vez mais —, até que tropecei, caí, tornei a me levantar e a correr na angústia cega de um perseguido. Mais uma vez, o pensamento em Alice me deu coragem. Eu não morreria e arruinaria a vida dela; eu resistiria e lutaria por minha vida até o amargo fim. Com grande esforço, cheguei ao topo do muro. Aos saltos, como um puma, consegui escalá-lo quando senti uma mão tocar a sola do meu pé. Eu estava agora numa espécie de passarela e, diante de mim, vi uma luz fraca. Às cegas e às tontas, tentei correr, tropecei e caí, erguendo-me sujo de terra e sangue.

— *Halt là.*

As palavras soaram como uma voz vinda do céu. Um clarão de luz pareceu me envolver e gritei com alegria.

— *Qui va là?*

Ouvi o barulho de um mosquete e vi um lampejo do aço diante de meus olhos. Instintivamente parei, ainda que logo atrás de mim ouvisse o rumor de meus perseguidores.

Após uma ou duas palavras trocadas, saiu por um portão o que me pareceu uma torrente de vermelho e azul — era a guarda. Ao meu redor, reluzentes de brilho e com lampejos de aço, o clangor e o chocalhar das armas, as vozes de comando, altas e ríspidas. Quando caí para a frente, inteiramente exaurido, um soldado me segurou. Olhei para trás com pavorosa expectativa e vi a massa de vultos escuros desaparecer na noite.

Devo ter desmaiado. Quando recobrei os sentidos, estava na sala da guarda. Eles me deram conhaque e, após algum tempo, consegui lhes contar algo do que se passara. Depois, um comissário de polícia apareceu, aparentemente surgido do nada, como costuma acontecer com os policiais parisienses. Ele ouviu atentamente e se consultou por um momento com o oficial encarregado. Aparentemente ambos concordaram, pois me perguntaram se eu estava pronto para ir com eles.

— Ir aonde? — perguntei, levantando-me para acompanhá-los.

— De volta aos monturos. Talvez ainda consigamos capturá-los.

— Vamos tentar — disse eu.

Ele me olhou fixamente por um momento e disse de repente:

— Você não prefere esperar um pouco ou deixar para amanhã, jovem inglês?

Isso mexeu com meus brios, como talvez fosse a intenção dele, e me pus de pé imediatamente.

— Vamos agora — disse eu. — Já. Um inglês está sempre pronto para o dever.

O comissário era um bom sujeito, além de perspicaz, e bateu amistosamente em meu ombro.

— *Brave garçon* — disse. — Perdão, mas eu sabia que isso lhe faria bem. A guarda está pronta. Vamos.

Assim, através de uma passagem longa e abobadada, saímos em plena noite. Alguns homens na frente levavam poderosas lanternas. Atravessamos pátios e descemos por um

declive, passamos por um corredor baixo, em arcos, e chegamos a uma estrada subterrânea, a mesma que eu encontrara na fuga. A ordem foi dada para dobrar o passo, e, com ritmo rápido, saltitante, entre corrida e marcha, os soldados logo avançaram. Senti minhas forças renovadas — tal é a diferença entre o caçador e a caça. Rapidamente, chegamos a uma ponte baixa suspensa sobre o rio, um pouco acima do ponto onde eu chegara. Algumas medidas haviam sido tomadas para destruí-la, pois as cordas haviam sido todas cortadas e uma das correntes estava rompida. Ouvi o oficial dizer ao comissário:

— Chegamos bem na hora. Mais alguns minutos e eles teriam destruído a ponte. Avante! Mais depressa.

Seguimos em frente. Novamente, chegamos a uma ponte sobre o rio tortuoso. Prestes a cruzá-la, ouvimos o som oco do metal sendo batido: as tentativas de destruir a ponte haviam recomeçado. Uma voz de comando foi dada e vários homens apontaram seus rifles para o alto.

— Fogo!

Uma rajada explodiu. Houve um grito abafado e as formas escuras se dispersaram. Mas o mal estava feito, e vimos a outra extremidade da ponte despencar dentro do rio. Foi um atraso grave. Levamos quase uma hora para remendar as cordas e restaurar a ponte o suficiente para conseguirmos atravessá-la.

Retomamos a caçada. Cada vez mais rápido, fomos em direção aos monturos.

Algum tempo depois, chegamos a um lugar que reconheci. Ali estavam os resquícios do incêndio — algumas brasas ainda ardiam, mas as cinzas estavam quase todas frias. Identifiquei o local do barraco e o monturo atrás, por onde eu havia fugido, e, no ardor das brasas, os olhos dos ratos ainda faiscavam com uma espécie de fosforescência. O comissário trocou uma palavra com o oficial, que gritou:

— *Halt!*

Os soldados receberam ordens para se espalhar e vigiar, e todos começamos a examinar as ruínas. O comissário pessoalmente começou a erguer as pranchas carbonizadas e o entulho, que os soldados reuniram e empilharam. Então, ele

recuou sobressaltado e, em seguida, se inclinou. Ao se levantar, dirigiu-se a mim.

— Veja— disse.

Era uma visão medonha. Havia um esqueleto com o rosto virado para baixo — uma mulher, a julgar pelos traços; uma velha, a julgar pela fibra desgastada dos ossos. Entre as costelas, erguia-se uma longa adaga pontiaguda feita de um amolador de açougueiro, com a ponta cravada na espinha.

— Vocês podem ver — disse o comissário para o oficial e para mim, sacando seu bloco de notas — que a mulher deve ter caído sobre a adaga. Há muitos ratos aqui. Vejam os olhos piscando em meio aos ossos. Reparem também — estremei quando ele pôs a mão no esqueleto — que eles devem ter feito isso em pouquíssimo tempo, pois os ossos não estão nem frios ainda.

Não havia sinal de mais ninguém por perto, vivo ou morto. Retornando para a fila, os soldados voltaram a marchar. Então chegamos ao barraco feito do velho guarda-roupa. Nós nos aproximamos. Em cinco dos seis compartimentos havia velhos dormindo tão profundamente que nem o clarão das lanternas os despertou. Pareciam acabados, sombrios e grisalhos, com seus rostos esqueléticos, encarquilhados e bronzeados e com seus bigodes brancos.

O oficial deu uma ordem com voz brusca e alta. No instante seguinte, estavam todos de pé diante de nós em *attention*.

— O que vocês fazem aqui?

— Dormimos — responderam.

— Onde estão os outros trapeiros? — perguntou o comissário.

— Foram trabalhar.

— E vocês?

— Estamos de guarda.

— Peste! — riu o oficial com sarcasmo, olhando os velhos um por um e acrescentando com indiferença e deliberada crueldade: — Dormindo em serviço! Será esse o procedimento da Velha Guarda? Não me espanta, portanto, ter havido Waterloo.

À luz da lanterna, vi os rostos cruéis dos velhos adquirirem uma palidez mortíça e quase estremei com a expressão em seus olhos quando a risada dos soldados ecoou a brincadeira de mau gosto do oficial. Senti que, naquele momento, em alguma medida, fui vingado.

Durante um momento, pareceu que eles atacariam seu provocador, mas permaneceram imóveis.

— Vocês são apenas cinco — disse o comissário. — Onde está o sexto?

A resposta veio com uma gargalhada sinistra.

— Ele está aí. — O velho apontou para o fundo do guarda-roupa. — Ele morreu ontem à noite. Não deve ter sobrado muita coisa dele. O funeral dos ratos é rápido.

O comissário se abaixou, examinou, virou-se para o oficial e disse calmamente:

— Acho que podemos ir embora. Não há nenhum indício, nada que prove que aquele homem tenha sido ferido pelas balas dos seus soldados! Provavelmente eles mesmos o mataram para não haver nenhuma prova. Vejam — mais uma vez ele se abaixou e pôs a mão no esqueleto —, os ratos trabalham depressa e são muitos. Esses ossos ainda estão quentes.

Senti um calafrio, assim como muitos outros homens ao meu redor.

— Formação — disse o oficial.

Então, em marcha, com as lanternas balançando na frente e os veteranos algemados no meio, com passos firmes e constantes, deixamos os monturos para trás e voltamos ao Fort de Bicêtre.

* * *

Meu ano de teste já passou há muito tempo e Alice hoje é minha esposa. Mas, quando olho para trás e penso naqueles doze meses de provação, um dos incidentes mais vívidos que minha memória evoca é o da minha visita à Cidade dos Monturos.

Nota

* [Elizabeth Barrett Browning, Lady Geraldine's Courtship \(1844\).](#)

Sonho com mãos vermelhas

A primeira opinião sobre Jacob Settle que ouvi foi uma simples descrição — “Ele é um sujeito sorumbático” —, mas entendi que isso resumia os pensamentos e opiniões de todos os seus colegas de trabalho. Havia na expressão certa tolerância sem interesse, uma ausência de qualquer tipo de sentimento positivo, mais do que propriamente uma opinião cabal, que marcava com precisão o lugar do sujeito na estima de todos. Ainda assim, havia uma discrepância entre essa opinião geral e sua aparência que inconscientemente me fazia pensar. Aos poucos, ao conhecer melhor o lugar e os colegas, passei a ter um interesse especial por ele. Descobri que vivia fazendo pequenas gentilezas, não envolvendo gastos além de seus poucos recursos, mas através das múltiplas formas de antecipação, paciência e discrição que formam a mais genuína caridade.

Mulheres e crianças confiavam tacitamente nele, embora, por estranho que pareça, ele as evitasse, exceto quando alguma adoecia e ele aparecia para ajudar, tímida e desajeitadamente. Levava uma vida muito solitária, cuidando sozinho de seu lar, um minúsculo chalé, ou, antes, uma cabana de um único cômodo, bem junto à charneca. Sua existência parecia tão infeliz e solitária que desejei alegrá-la. Com tal propósito, aproveitei a ocasião de estarmos ambos cuidando de uma criança que eu havia machucado acidentalmente e lhe ofereci alguns livros emprestados. Ele aceitou de bom grado e, ao nos despedirmos de madrugada, senti que uma espécie de confiança mútua havia se estabelecido entre nós.

Os livros eram sempre devolvidos com o maior cuidado e pontualidade. Com o tempo, Jacob Settle e nos tornamos bons amigos. Uma ou duas vezes em que atravessava a charneca aos domingos, parei para visitá-lo, mas nessas ocasiões ele se

mostrou tão tímido e constrangido que não me senti mais à vontade para voltar. Ele jamais, em qualquer circunstância, veio me visitar nos meus aposentos.

Uma tarde de domingo, eu voltava de uma longa caminhada para além da charneca. Ao passar pelo chalé de Settle, parei em sua porta para saber como ele estava. Como a porta estava fechada, imaginei que ele tivesse saído e bati só por formalidade ou força do hábito, sem esperar que alguém atendesse. Para minha surpresa, ouvi uma voz fraca lá de dentro, embora não conseguisse distinguir o que dizia. Entrei imediatamente e encontrei Jacob deitado, seminu, em sua cama. Estava com uma palidez mortíça e o suor lhe escorria pelo rosto. Suas mãos agarravam inconscientemente os lençóis, como um náufrago se agarra a qualquer coisa que encontra. Quando entrei, ele se recostou na cama, com uma expressão assombrada nos olhos, que estavam muito arregalados e vidrados, como se tivessem visto algo horrível. Ao me reconhecer, todavia, ele tornou a se deitar com um soluço entrecortado de alívio e fechou os olhos.

Fiquei ali ao lado dele por algum tempo, um ou dois minutos, enquanto ele tentava respirar. Então, abriu os olhos e olhou para mim com uma expressão tão desesperada e sofrida que, juro pela minha vida, preferi o olhar de horror vidrado de antes. Sentei-me ao lado da cama e perguntei sobre sua saúde. Durante alguns momentos, limitou-se a dizer que não estava doente. Depois, após me examinar com atenção, apoiou-se no cotovelo e falou:

— Agradeço muito, senhor, mas estou dizendo a verdade. Não estou doente, como as pessoas dizem, mas Deus sabe como existem doenças piores do que aquelas conhecidas pelos médicos. Vou lhe contar, já que o senhor é muito gentil, mas espero que jamais comente isso com ninguém, pois me causaria outras aflições ainda maiores. Tenho sofrido com um pesadelo.

— Um pesadelo? — indaguei, na esperança de animá-lo. — Mas os pesadelos acabam com a luz do dia ou quando acordamos.

Calei-me e, antes mesmo de ele responder, vi a resposta em seu olhar desolado para seu pequeno lar.

— Não! Não! Isso vale para as pessoas que vivem no conforto e com seus entes queridos à volta. É mil vezes pior para quem vive sozinho e precisa viver sozinho. Que alegria tenho eu, que acordo aqui no silêncio da noite, com a ampla charneca ao meu redor repleta de vozes e rostos que tornam a vigília pior que o sono? Ah, meu jovem senhor! O senhor não tem um passado que lhe enviará às legiões do povo das trevas e do vazio, e peço a Deus que nunca saiba o que é isso.

Era tamanha sua convicção que desisti de fazer qualquer censura à sua vida solitária. Senti que estava na presença de alguma influência secreta que eu era incapaz de sondar. Para meu alívio, uma vez que eu não sabia o que dizer, ele prosseguiu:

— Tive esse pesadelo nas duas últimas noites. Já foi difícil suportar na primeira, mas consegui. Ontem à noite, a expectativa em si foi quase pior que do o próprio pesadelo, que, quando começou, varreu qualquer lembrança de aflição mais amena. Fiquei acordado até pouco antes do nascer do dia, até que o pesadelo voltou, e depois mais uma vez. Desde então, estou nessa agonia, que certamente é própria dos moribundos, e sinto pavor de como será hoje à noite.

Antes de ele terminar a frase, uma ideia me ocorreu e senti que podia animá-lo um pouco.

— Tente dormir mais cedo hoje, antes de anoitecer. O sono lhe fará bem e prometo que não haverá mais pesadelos a partir de hoje.

Ele balançou a cabeça sem esperança. Fiquei ali sentado mais um pouco e depois fui embora.

Quando cheguei em casa, tomei providências para a noite, pois eu me decidira a compartilhar a vigília solitária de Jacob Settle em seu chalé na charneca. Calculara que, se ele fosse dormir antes de anoitecer, acordaria muito antes da meia-noite. Assim, quando os sinos da cidade bateram 11 horas, postei-me diante de sua porta munido de uma valise, na qual trazia minha ceia, uma garrafa das grandes, duas velas e um livro. O luar estava claro e inundava toda a charneca, a ponto de ficar iluminada como durante o dia. Mas, de quando em quando,

nuvens negras cruzavam o céu e causavam uma escuridão que, comparativamente, parecia quase tangível.

Abri a porta lentamente e entrei sem acordar Jacob, que estava deitado com o rosto para cima. Estava imóvel e novamente banhado em suor. Tentei imaginar as visões que passavam diante de seus olhos fechados, capazes de trazer consigo a desgraça e a aflição que ficavam estampadas em seu rosto, mas me faltou imaginação. Esperei até que ele acordasse, o que ocorreu subitamente e de uma forma que muito me comoveu. Um gemido oco, conclusão de um fluxo de pensamento que vinha ocorrendo, escapou dos seus lábios brancos quando se ergueu um pouco e tornou a deitar.

— Se for um sonho — disse comigo mesmo —, deve se basear em alguma realidade muito terrível. O que poderia ter sido aquele fato infeliz a que ele se referira?

Enquanto eu dizia isso, ele reparou que eu estava ali. Achei estranho que ele não tivesse aquele período de dúvida quanto a ser sonho ou realidade à sua volta, que geralmente marca a atitude da pessoa quando acorda. Com um grito de alegria, agarrou minha mão e a manteve entre as suas, suadas e trêmulas, como uma criança assustada que se agarra a alguém que ama. Tentei acalmá-lo:

— Pronto, pronto! Está tudo bem. Vim passar a noite com você, e juntos vamos lutar contra esse pesadelo.

Subitamente, ele soltou minha mão, tornou a se deitar e cobriu os olhos com as mãos.

— Lutar contra esse pesadelo?! Ah, não, senhor. Nenhuma força mortal é capaz de lutar contra esse pesadelo, pois ele vem de Deus e está gravado a fogo aqui dentro.

Ao dizer isso, bateu na própria testa e prosseguiu:

— É o mesmo sonho, sempre o mesmo, que fica mais forte a cada vez para me torturar.

— Que sonho é esse? — indaguei, pensando que falar a respeito dele pudesse lhe trazer algum alívio. Mas ele se afastou bruscamente de mim e, após uma longa pausa, respondeu:

— Não, é melhor eu não contar. Talvez não volte mais.

Havia evidentemente algo que ele escondia de mim, algo que devia estar por trás do sonho. Respondi:

— Está bem. Espero que tenha sido a última vez. Mas, se o sonho voltar, você vai me contar, não vai? Não pergunto por curiosidade, mas porque acho que falar sobre isso pode lhe trazer algum alívio.

Ele respondeu, com o que me pareceu uma solenidade exagerada:

— Se o sonho voltar, eu lhe contarei tudo.

Tentei fazê-lo esquecer o assunto passando a coisas mais mundanas. Tirei a ceia da valise e compartilhei-a com ele, inclusive o conteúdo da garrafa. Pouco depois, sentiu-se mais confiante. Quando acendi meu charuto, oferecendo-lhe outro, fumamos durante uma hora e conversamos sobre muitas coisas. Pouco a pouco, o conforto do corpo dominou seu espírito e pude ver quando o sono pôs as mãos delicadas sobre suas pálpebras. Ele também o sentiu, afirmou que agora estava tudo bem e que eu poderia deixá-lo. Eu, todavia, lhe disse que ficaria até vê-lo à luz do dia. Assim, acendi minha outra vela e comecei a ler enquanto ele adormecia.

Aos poucos, fui me interessando pelo meu livro. Tão entretido estava que me espantei ao senti-lo cair das minhas mãos. Olhei para o lado, vi que Jacob ainda dormia e fiquei contente ao ver que havia em seu semblante uma expressão rara de felicidade. Seus lábios pareciam se mover com palavras inarticuladas. Voltei a ler e novamente despertei sobressaltado, dessa vez com um calafrio nos ossos ao ouvir a voz vindo da cama ao meu lado:

— Não com essas mãos vermelhas. Jamais! Jamais!

Ao olhar para ele, vi que permanecia adormecido. Ele acordou, contudo, logo em seguida, e não pareceu surpreso ao me ver. Havia novamente aquela estranha indiferença quanto ao lugar onde estava.

Eu disse:

— Settle, conte-me seu sonho. Pode falar à vontade, pois sua confissão será sagrada para mim. Enquanto nós dois vivermos, jamais revelarei o que você me contar.

Ele respondeu:

— Eu disse que lhe contaria, mas seria melhor contar primeiro o que aconteceu antes do sonho, para que você entenda. Fui professor quando moço, numa escola do interior, numa pequena aldeia no West Country. Não é o caso de dar nomes; melhor não dizer. Eu estava noivo e me casaria com uma moça a quem amava e quase reverenciava. É aquela velha história: enquanto esperávamos chegar o dia em que eu teria condições de dar um lar para ela, outro sujeito apareceu. Era quase tão jovem quanto eu, bonito, um cavalheiro, com todos os atrativos de um cavalheiro para uma mulher da nossa classe. Ele ia pescar e ela ia se encontrar com ele enquanto eu estava lecionando na escola. Conversei com ela, implorei para que desistisse dele. Propus que nos casássemos de uma vez, fôssemos embora e começássemos a vida em outro país, mas ela mal ouviu o que eu disse. Ali vi que ela estava apaixonada por ele. Dispus-me, então, a conhecer o sujeito e lhe pedir que respeitasse a moça. Eu imaginava que ele tivesse as melhores intenções com ela, para que não houvesse nenhum rumor ou acusação por parte dos vizinhos. Fui ao local marcado, onde deveria encontrá-lo sozinho, e nos conhecemos.

Aqui, Jacob Settle precisou fazer uma pausa, uma vez que algo lhe subia à garganta e quase ficou sem ar. Em seguida, prosseguiu:

— Senhor, juro por Deus: não havia nenhuma intenção egoísta no meu coração naquele dia. Eu amava minha linda Mabel o suficiente para me contentar com uma parte de seu amor e vinha pensando muito na minha própria infelicidade para não ver que, acontecesse o que acontecesse com ela, eu não teria mais nenhuma esperança. Ele foi insolente comigo. Talvez os senhores nobres jamais saibam quão ferina pode ser a insolência de alguém de posição superior à sua. Mas eu suportei aquilo. Implorei que respeitasse a moça, pois o que era um passatempo para ele poderia partir o coração dela. Eu jamais havia desconfiado dela nem nunca pensei que qualquer mal pudesse lhe ocorrer. Era apenas com a infelicidade do coração dela que eu me preocupava. Mas, quando lhe perguntei quando

ele pretendia se casar com ela, sua risada me provocou tanto que perdi a paciência e lhe disse que não ficaria parado assistindo a infelicidade dela.

“Após minhas palavras, ele também se irritou e, na raiva, me disse coisas tão cruéis sobre ela que, naquele exato momento, jurei que ele não viveria o suficiente para lhe fazer mais nenhum mal. Só Deus sabe o que aconteceu. Nesses momentos de paixão é difícil lembrar como passamos de palavras a golpes. Ao dar por mim, estava em cima do cadáver do sujeito, com as mãos vermelhas do sangue que brotava do pescoço torcido. Estávamos sozinhos, ele era estrangeiro, nenhum parente iria procurá-lo ali, e assassinatos nem sempre são descobertos. Pensei tudo isso ao mesmo tempo. Os ossos dele devem estar brancos, imagino, na mesma foz do rio onde o deixei. Ninguém deu falta dele nem indagou o motivo do sumiço, exceto minha pobre Mabel, que não ousaria tocar no assunto com ninguém.

“Foi tudo em vão. Quando voltei, depois de me ausentar por alguns meses — eu não podia continuar morando ali —, fiquei sabendo que a vergonha se tornara pública e que ela morrera por isso. Até então eu me consolava com a ideia de que meu crime salvara o futuro dela, mas, quando fiquei sabendo que chegara tarde demais e que minha pobre amada fora maculada pelo pecado daquele homem, fugi com essa culpa inútil e mais pesada do que eu podia suportar. Ah, senhor! Quem nunca cometeu um pecado assim não sabe o que é carregá-lo consigo. O senhor pode pensar que o costume depois torna tudo mais fácil, mas não é assim. O peso só aumenta a cada hora, até que se torna insuportável. Com isso, cresce também a sensação de que ficará para sempre excluído do céu. O senhor não sabe o que é isso, e peço a Deus que nunca saiba. Pessoas comuns, para quem tudo é possível, não costumam pensar no céu, se é que pensam alguma vez. É só um nome, nada mais, e se contentam em esperar e deixar que as coisas aconteçam. Mas, àqueles excluídos para sempre, o senhor não sabe a importância, não pode imaginar ou calcular o anseio terrível e infinito de ver os portões se abrirem e de poder se juntar aos que estão lá dentro.

“Isso me traz ao meu sonho. Aparece um portal na minha frente, com grandes portões de aço maciço e barras da espessura de um mastro que se erguem até as nuvens. São tão próximas umas das outras que, por entre as barras, só se tem um vislumbre de uma gruta de cristal, entre cujas paredes reluzentes há muitas figuras vestidas de branco cujos semblantes são radiantes de alegria. Quando paro em frente ao portão, meu coração e minha alma estão tão plenos, enlevados e ansiosos que me esqueço de tudo. E bem ali, junto ao portão, há dois anjos poderosos de asas esvoaçantes e semblantes austeros. Cada um deles tem uma espada de fogo numa das mãos e, na outra, um ferrolho que abre os portões ao menor movimento. Ao lado, há figuras vestidas de preto, com as cabeças cobertas de modo que apenas os olhos aparecem, que dão a cada um que chega trajes brancos como os que os anjos usam.

“Ouve-se um murmúrio de que todos devem vestir suas túnicas sem nenhuma mácula, ou os anjos não os deixarão entrar e os atacam com suas espadas flamejantes. Estou ansioso para receber meu traje. Rapidamente me visto e me dirijo ao portão, que não se abre. Os anjos, cerrando o ferrolho, apontam para meu traje. Olho para baixo e fico horrorizado: a túnica inteira está manchada de sangue. Minhas mãos estão vermelhas, brilhantes com o sangue que delas escorre, como naquele dia à margem do rio. Então os anjos erguem suas espadas flamejantes para me golpear. O terror é total e eu acordo. Tenho tido sempre esse sonho horrível. Nunca aprendo com a experiência, nunca me lembro, mas no começo há sempre esperança, o que torna o fim mais apavorante. Sei que esse sonho não se origina na escuridão comum na qual os sonhos habitam, mas me é enviado por Deus como castigo. Jamais poderei passar pelo portão, visto que a mácula na túnica branca virá sempre dessas mãos sangrentas.”

Escutei como em transe Jacob Settle falar. Havia algo tão remoto no tom de sua voz, algo tão sonhador e místico em seus olhos, que pareciam ver algum espírito no além, algo tão aéreo em sua própria dicção, em contraste tão marcado com suas

roupas gastas de operário e seu lar humilde, que me perguntei se tudo aquilo não seria um sonho.

Ficamos ambos calados por muito tempo. Continuei olhando para o homem diante de mim com espanto cada vez maior. Agora que ele confessara, sua alma, esmagada contra a terra, parecia voltar a se erguer com uma espécie de força elástica. Talvez eu devesse ter ficado horrorizado com essa história, mas, por estranho que pareça, não fiquei. Não é agradável receber a confissão de um assassinato, porém o pobre sujeito parecia ter sido não apenas provocado, como movido por um propósito tão abnegado em seu feito sangrento que não me senti tentado a julgá-lo. Meu intento era confortá-lo, por isso falei com toda a calma que pude, ainda que com o coração acelerado e pesado no peito:

— Não se desespere, Jacob Settle. Deus é muito bom e grande é Sua misericórdia. Viva e trabalhe na esperança de que algum dia você possa sentir que compensou seu passado.

Após tais palavras, calei-me, reparando que aquele sono profundo, natural, começava a se apoderar dele.

— Agora durma — prossegui. — Ficarei acordado aqui ao seu lado e não haverá mais nenhum pesadelo esta noite.

Ele fez um esforço para se recompor e respondeu:

— Não sei como agradecer pela sua bondade esta noite, mas acho que é melhor ir agora. Vou tentar dormir. Sinto que tirei um peso do meu espírito ao lhe contar tudo. Se ainda tenho alguma hombridade, preciso tentar lutar pela vida sozinho.

— Vou embora, como quiser — afirmei. — Mas escute meu conselho e não viva tão solitário. Vá viver entre outros homens e mulheres. Viva suas alegrias e tristezas, que lhe ajudarão a esquecer. Essa solidão só lhe trará uma loucura melancólica.

— Farei isso — retorquiu, quase inconscientemente, já dominado pelo sono.

Virei-me para sair e ele me chamou. Quando abri o ferrolho, deixei-o cair e, voltando para a cama, estendi a mão. Ele a agarrou com as duas mãos e se ergueu até sentar na cama. Eu lhe dei um boa-noite, tentando animá-lo:

— Coragem, homem. Coragem! Ainda há muita coisa para você fazer na vida, Jacob Settle. Ainda poderá vestir uma daquelas túnicas brancas e passar pelo portão de aço.

Fui embora.

Uma semana depois, encontrei seu chalé vazio e, ao perguntar por ele na fábrica, me disseram que havia ido para o norte. Ninguém sabia exatamente para onde.

Dois anos mais tarde, fiquei hospedado alguns dias com meu amigo, dr. Munro, em Glasgow. Era um homem ocupado, que não dispunha de muito tempo para passear comigo, de modo que passei meus dias em excursões aos Trossachs, ao Loch Katrine e, de lá, até o rio Clyde. Na penúltima noite de minha estada, voltei para casa um pouco mais tarde do que o combinado, mas descobri que meu anfitrião também estava atrasado. A criada me disse que ele fora chamado no hospital — um acidente na fábrica —, e o jantar fora adiado uma hora. Então, eu disse a ela que iria caminhando ao encontro de seu patrão e voltaria a pé com ele. Saí. No hospital, encontrei-o lavando as mãos para voltar para casa. Casualmente, perguntei o que havia ocorrido na fábrica.

— O mesmo de sempre: uma corda velha e um descaso com a vida desses homens. Dois deles estavam trabalhando dentro do gasômetro quando a corda do andaime onde estavam arreventou. Deve ter sido pouco antes do horário do jantar, pois ninguém deu pela falta deles até que os outros voltaram. Havia mais de dois metros de água no gasômetro, de modo que eles devem ter lutado pela vida. Pobres camaradas! Um deles estava vivo, mas tivemos muito trabalho para tirá-lo de lá. Parece que ele deve a vida ao companheiro; nunca ouvi falar de heroísmo maior. Eles nadaram juntos enquanto tiveram forças, mas, ao fim, já estavam tão exauridos que nem as luzes e os homens içados com cordas descendo para salvá-los foram capazes de lhes chamar a atenção. Mas um deles ficou de pé no fundo e ajudou o outro a subir em sua cabeça. Foram essas poucas respirações que fizeram toda a diferença entre a vida e a morte. Foi uma visão chocante quando os retiraram, pois a água, somada ao gás

e ao alcatrão, virou uma tintura púrpura. O homem que estava em cima parecia banhado em sangue.

— E quanto ao outro?

— Estava ainda pior, mas devia ser um sujeito muito valente. A dificuldade embaixo d'água deve ter sido terrível; pode-se ver isso pelo modo como o sangue sumira das extremidades. Pode-se ter uma ideia do que seriam os *stigmata* ao olhar para ele. Uma determinação como essa seria capaz de qualquer coisa neste mundo. Seria capaz de arrombar os portões do céu. Veja bem, meu velho, não é exatamente uma visão muito agradável, especialmente antes do jantar, mas você é escritor, e esse foi um caso atípico. É uma história que você não gostaria de perder, pois é bem provável que nunca mais veja nada parecido.

Ao mesmo tempo que falava, ele foi me levando ao morgue do hospital.

No esquife, havia um cadáver coberto com um lençol branco bem justo.

— Parece uma crisálida, não? Estou dizendo, meu caro: se existe uma verdade no antigo mito de que a alma é representada por uma borboleta, a alma dessa crisálida era de uma espécie muito nobre e recebeu toda a luz do sol em suas asas. Veja só!

Ele descobriu o rosto. Horrível, de fato, parecia manchado de sangue. Mas logo o reconheci: Jacob Settle. Meu amigo retirou o restante do lençol.

As mãos estavam entrelaçadas sobre o peito purpúreo como se tivessem sido postadas reverentemente por alguma alma caridosa. Quando vi suas mãos, meu coração palpitou com grande exultação ao ter rapidamente a lembrança de seu pesadelo angustiante. Agora não havia nenhuma mancha naquelas pobres e corajosas mãos, que estavam brancas como a neve.

De alguma forma, quando olhei para ele senti que aquele sonho ruim havia passado. Aquela nobre alma conquistara finalmente sua passagem pelo portão. A túnica branca agora não tinha nenhuma mancha causada por aquelas mãos.

Crooken Sands

O sr. Arthur Fernlee Markam, que comprou aquela que era conhecida como Red House, no alto de Mains of Crooken, era um comerciante londrino que, sendo essencialmente da zona leste, julgou necessário, quando foi durante as férias de verão à Escócia, providenciar um traje completo de chefe das Highlands, como aparecia nas cromolitogravuras e no teatro musical. Ele assistira no Empire uma vez ao Grande Prince — o rei salafrário — fazendo o teatro vir abaixo ao entrar em cena como MacSlogan de MacSlogan e cantar a famosa canção escocesa “There’s naething like haggis to mak a mon dry” [Nada como buchada de carneiro para deixar um homem sedento]. Desde então, conservou na lembrança uma imagem fiel da aparência pitoresca e beligerante que viu representada. Na verdade, se o interior da mente do sr. Markam pudesse ser consultado sobre sua escolha de Aberdeenshire como local de veraneio, seria revelado que, no primeiro plano do local pintado por sua imaginação, espreitava o vulto multicolorido de MacSlogan de MacSlogan. Seja como for, uma sorte muito benfazeja — certamente no tocante à beleza exterior — o levou a escolher Crooken Bay. Tratava-se de um lugar adorável, entre Aberdeen e Peterhead, logo abaixo do promontório rochoso de onde os longos e perigosos recifes conhecidos como The Spurs, as Esporas, avançam pelo mar do Norte adentro.

Entre esse lugar e Mains of Crooken, um vilarejo abrigado pelos penhascos do norte, há uma baía profunda contornada por uma miríade de dunas inclinadas, em que os coelhos são encontrados aos milhares. Em cada extremidade da baía há um promontório rochoso e, quando a madrugada ou o crepúsculo cai sobre as rochas de sienito vermelho, o efeito é extremamente agradável. O leito da baía em si é coberto de areia plana e a

maré se estende até muito longe, deixando uma camada lisa de areia dura, juncada por estacas de redes e tarrafas dos pescadores de salmão. Numa das pontas da baía, há um pequeno grupo ou conjunto de rochas cujos topos se erguem acima da água, exceto quando, no tempo ruim, as ondas as cobrem de verde. Na maré baixa, elas ficavam expostas até a areia, e ali talvez fosse o único pequeno trecho de areias perigosas nessa parte da costa leste.

Entre as rochas, afastadas cerca de quinze metros, há um pequeno trecho de areia movediça que, como as areias de Goodwins, só é perigoso quando a maré sobe. Essas areias movediças se estendem até se perderem no mar e, na outra direção, até sumir na areia dura da praia. No aclive da encosta que se ergue atrás das dunas, a meio caminho entre as esporas e o porto de Crooken, fica Red House. Ela se ergue em meio a um arvoredo de abetos, que a protege de três lados, deixando aberta toda a fachada que dá para o mar. Um jardim bem cuidado e antigo se estende até a estrada, atravessada por uma trilha de grama, que pode ser usada por veículos leves, que, por sua vez, leva até a praia, sinuosamente contornando as dunas.

Quando a família Markam chegou a Red House, depois de 36 horas a bordo do vapor *Ban Righ* de Blackwall até Aberdeen, mais o trem para Yellon e vinte quilômetros de carruagem, todos concordaram que nunca haviam visto lugar mais aprazível. A satisfação geral foi ainda mais marcante porque, naquele exato momento, ninguém da família estava, por diversos motivos, inclinado a considerar nada ou nenhum local além da fronteira escocesa favorável. Embora a família fosse grande, a prosperidade dos negócios lhes permitia todo tipo de luxos pessoais, entre os quais um vasto espectro de indumentária. A frequência com que as moças Markam trocavam de vestidos era motivo de inveja até para as amigas mais íntimas e de alegria para elas mesmas.

Arthur Fernlee Markam não confessara à família nada a respeito de seu novo traje. Não tinha muita certeza se estaria imune ao ridículo ou pelo menos ao sarcasmo, e, como era sensível a tais coisas, achou melhor chegar ao ambiente

apropriado antes de se exibir em todo o esplendor para os seus. Empenhara-se para garantir que o traje das Highlands ficasse perfeito. Para tanto, fizera muitas visitas ao Mercado de Tartãs Escoceses em Lã Pura, que fora fundado recentemente em Copthall Court pelos senhores MacCallum More e Roderick MacDhu. Tivera conversas ansiosas com o diretor da firma, o MacCallum, como ele mesmo se chamava, evitando qualquer acréscimo como “senhor” ou “cavalheiro”. Todo um arsenal de fivelas, botões, faixas, broches e ornamentos de todo tipo foram examinados nos minuciosos detalhes. Por fim, uma pena de águia de proporções suficientemente magníficas foi encontrada e o traje ficou completo. Só quando o viu terminado, com os tons vibrantes do tartã atenuados para uma comparativa sobriedade devido à infinidade de ornamentos típicos prateados, broches de quartzo enfumaçado, saiote, adaga e alforje, é que ele se sentiu plena e absolutamente satisfeito com sua escolha.

A princípio, pensara no tartã real dos Stuart, mas desistiu quando MacCallum observou que se ele passasse por Balmoral aquilo poderia lhe trazer problemas. Esse MacCallum, que, diga-se de passagem, falava com um forte sotaque do leste de Londres, sugeriu outros padrões, mas agora que essa outra variável da precisão histórica foi levantada, o senhor Markam previu dificuldades caso se encontrasse na região do clã cujas cores ele estaria usurpando. O tal MacCallum enfim se ofereceu para elaborar, à custa de Markam, um padrão especial que não seria o mesmo de nenhum outro tartã existente, ainda que tivesse características de muitos deles.

Era baseado no tartã real dos Stuart, mas continha sugestões da simplicidade do padrão dos clãs Macalister e Ogilvie, bem como a neutralidade de cores dos clãs de Buchanan, Macbeth, Macintosh e Macleod. Quando uma amostra foi apresentada a Markam, ele receou que pudesse parecer excessivamente chamativo aos olhos de seu círculo doméstico. Mas como Roderick MacDhu fez comentários esfuziantes sobre a beleza do tecido, não apresentou nenhuma objeção ao término da peça.

Pensou, prudentemente, que, se um escocês genuíno como MacDhu havia gostado, deveria estar bom, principalmente porque o sócio mais jovem era um sujeito de porte e aparência bastante peculiares. Quando MacCallum estava recebendo o cheque, que era bastante vultoso, comentou:

— Tomei a liberdade de fazer mais alguns metros do tecido, caso o senhor ou algum de seus parentes queira.

Markam ficou contente e lhe disse que ficaria feliz se aquela beleza de tecido que eles haviam criado um dia virasse moda, como ele não tinha dúvida de que aconteceria com o passar do tempo. Ele poderia produzir e vender quanto quisesse.

Markam experimentou o traje um dia no escritório, depois que todos os funcionários haviam ido embora. Ficou satisfeito e um pouco assustado com o resultado. O tal do MacCallum fizeram um serviço completo e não havia nada que pudesse agregar mais dignidade marcial ao modelo.

— Claro que não vou levar comigo a espada montante e as pistolas sempre que sair de casa — disse Markam para si mesmo enquanto começava a se despir.

Decidiu que usaria o traje pela primeira vez quando desembarcasse na Escócia. Na manhã em que o *Ban Righ* surgiu na altura do farol de Girdle Ness e ficou esperando a maré para entrar no porto de Aberdeen, ele saiu da cabine em todo o esplendor extravagante de seu novo traje. O primeiro comentário que ouviu foi de um dos filhos, que a princípio não reconheceu o pai.

— Olha que sujeito! Por Scott! É o papai!

O menino fugiu correndo e tentou esconder o riso embaixo de uma almofada do salão. Markam era um bom marinheiro e não enjoara com o balanço do navio, de modo que seu rosto naturalmente rubicundo ficou mais rosado pelo rubor que se espalhava pelo seu semblante ao se ver no centro das atenções de todos a bordo. Desejou não ter sido tão ousado, pois imaginou o frio que sentiria num ponto descoberto da cabeça elegantemente trajada com uma boina de Glengarry usada de lado. No entanto, enfrentou com ousadia o grupo de

desconhecidos. Não pareceu incomodado nem quando alguns comentários chegaram a seus ouvidos.

— Ele deve ter fundido os miolos — disse um típico londrino da zona leste com um paletó xadrez exagerado.

— Ele parou no tempo — opinou um ianque alto e magro, pálido de tão mareado, que residiria por algum tempo o mais perto que conseguisse dos portões de Balmoral.

— Que boa ideia! Vamos encher a cara. Já está na hora — proferiu um jovem de Oxford voltando para casa em Inverness.

Então, o senhor Markam ouviu a voz da filha mais velha.

— Onde ele está? Onde ele está?

Ela veio correndo pelo convés com o chapéu virando para trás. Seu rosto dava sinais de agitação, pois a mãe acabara de contar sobre o traje do pai. Quando, porém, ela o viu, instantaneamente teve um acesso tão violento de riso que terminou num ataque histérico. Algo do mesmo gênero ocorreu com todos os outros filhos. Depois que cada criança teve sua vez, o senhor Markam voltou à cabine e mandou a criada da esposa avisar todos os membros da família que ele os estava chamando imediatamente. Todos apareceram, reprimindo a vontade de rir o melhor que podiam. Ele falou muito delicadamente:

— Meus queridos, eu não lhes dou uma boa mesada?

— Sim, meu pai — todos responderam gravemente. — Ninguém é tão generoso quanto o senhor.

— Não permito que vocês se vistam como bem entenderem?

— Sim, meu pai — responderam, dessa vez em tom acovardado.

— Então, meus queridos, vocês não acham que seria mais simpático e gentil se não tentassem me fazer sentir desconfortável, mesmo que eu esteja vestido de forma ridícula aos seus olhos, ainda que de forma bastante comum no país onde passaremos alguns dias?

Não houve resposta exceto pelo fato de ficarem cabisbaixos. Ele era um bom pai e todos sabiam disso. Muito satisfeito, prosseguiu:

— Pois aí está. Agora, saiam daqui e divirtam-se. Não quero mais falar nisso.

Voltou ao convés e ninguém disse mais nada quando ele estava por perto.

O espanto e o alvoroço que o traje dele ocasionou no convés do *Ban Righ* não foram, contudo, nada se comparados ao seu efeito em Aberdeen. Meninos e desocupados em geral, mulheres e bebês que esperavam no porto seguiram-nos em massa quando os Markam caminharam até a estação de trem. Até os carregadores, com suas gravatas antiquadas e seus carrinhos recém-pintados, que esperavam os passageiros aos pés da escada, foram atrás deles maravilhados e embevecidos. Por sorte, o trem de Peterhead estava prestes a partir, de modo que o martírio não foi desnecessariamente prolongado. Na carruagem, o glorioso traje das Highlands não foi visto, porquanto havia pouca gente na estação em Yellon. Tudo foi bem até ali. Quando, no entanto, a carruagem chegou perto de Mains of Crooken e os pescadores correram para o portão para ver quem estava chegando, a excitação ultrapassou todos os limites. As crianças, no mesmo impulso, acenaram com seus chapéus e correram gritando atrás da carruagem. Os homens largaram tarrafas e varas e foram logo atrás. As mulheres agarraram seus bebês e seguiram também.

Os cavalos estavam cansados depois da longa viagem até Yellon, e a colina era íngreme, de modo que houve bastante tempo para se formar uma multidão e até para ela se dissipar. A sra. Markam e as filhas mais velhas teriam preferido reclamar ou fazer algo para aliviar sua tristeza diante do ridículo que viram no semblante de todos. Mas havia uma expressão de determinação obstinada no rosto do suposto Highlander que as impressionou um pouco e elas continuaram caladas. Talvez a pena de águia, mesmo que sobre a cabeça calva, o broche de quartzo enfumaçado no ombro gorducho, a espada montante, a adaga e as pistolas, ainda que cingidas a uma pança dilatada e destacando-se da meia na panturrilha robusta, cumprissem sua razão de ser como símbolos de importância marcial e aterradora.

Quando a família chegou ao portão de Red House, lá estava a multidão dos moradores de Crooken, de chapéu na mão e em respeitoso silêncio. O restante da população trabalhava resignadamente no alto da colina. O silêncio só foi rompido por um único som, de um homem com voz grave:

— Mas, rapaz, só faltou a gaita.

Os criados haviam chegado alguns dias antes e estava tudo pronto. No bem-estar que se seguiu a um bom almoço após uma jornada exaustiva, todas as inconveniências da viagem e todo o desgosto que se seguiu à adoção do traje lamentável foram esquecidos.

Naquela tarde, Markam, ainda em traje completo, foi fazer uma caminhada em Mains of Crooken. Foi sozinho, pois, por estranho que pareça, a esposa e as duas filhas tiveram enxaqueca e foram, segundo lhe informaram, deitar para descansar da fadiga da viagem. O filho mais velho, que se considerava um jovem adulto, fora sozinho explorar as redondezas, e um dos meninos não foi encontrado. O outro, quando soube que o pai o mandara chamar para passear com ele, deu um jeito — acidentalmente, é claro — de cair no tanque de água e precisou se secar e trocar de roupa. Mas, como as roupas trazidas ainda nem haviam sido tiradas da mala, o pai não poderia esperar.

O senhor Markam não ficou nada satisfeito com o passeio. Não encontrou nenhum vizinho. Não que não houvesse gente por lá, já que as casas e os chalés pareciam ocupados. É que as pessoas estavam fora de casa ou junto à soleira, a uma certa distância atrás dele, ou na estrada, bem distantes, à sua frente.

Ao passar, via apenas os topos das cabeças e os brancos dos olhos nas janelas ou pelas frestas das portas. A única conversa que teve foi tudo menos agradável, com um velho um tanto quanto estranho que quase nunca abria a boca, exceto na hora de dizer “Amém” na missa. Sua única ocupação aparentemente era ficar esperando no guichê do correio das oito da manhã até a chegada do malote da uma, quando levava as correspondências para um castelo baronial vizinho. O resto do dia, passava sentado num banco na parte mais fria e úmida do

porto, onde as barrigadas dos peixes, o refugio das iscas e o lixo das casas era jogado, e onde os patos costumavam se refestelar.

Quando Saft Tammie viu sua chegada, ergueu os olhos, que geralmente ficavam fixos na estrada em frente ao banco, e, aparentemente ofuscado por um raio de sol, esfregou-os e fez sombra com a mão. Então, levantou-se, ergueu a mão de modo acusador e falou:

— “Vaidade de vaidades, tudo é vaidade”, disse o pregador. “Tudo é vaidade. Homem, esteja avisado!” “Olhai os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam, no entanto Salomão, em toda a sua glória, não se comparava a um deles.” Homem! Homem! Tua vaidade é como a areia movediça que engole tudo aquilo que cai em sua maldição. Cuidado com a vaidade! Cuidado com as areias movediças, que abrem a boca para ti e que te engolirão! Olha para ti mesmo! Descobre a tua própria vaidade! Vê a ti mesmo face a face, e nesse momento descobrirás a força fatal da tua vaidade. Aprende, descobre e te arrepende, antes que a areia movediça te engula!

Então, sem mais nenhuma palavra, voltou para o seu banco e ali se sentou com o mesmo semblante imóvel e inexpressivo de antes.

Markam não pôde evitar de ficar um pouco irritado com tais invectivas. Por terem sido ditas por um homem aparentemente louco, teria considerado apenas uma exibição excêntrica do humor e da insolência dos escoceses. Porém, a gravidade da mensagem — parecia não se tratar de outra coisa — tornou impossível tal interpretação. Ele estava, no entanto, decidido a não ceder ao ridículo e, conquanto ainda não tivesse visto nada na Escócia que ao menos lembrasse um *kilt*, resolveu continuar com seu traje das Highlands. Quando voltou para casa, menos de meia hora depois, descobriu que todos os membros da família, apesar das enxaquecas, haviam saído para caminhar. Aproveitou essa ausência e se trancou no quarto, tirou o traje escocês e, vestindo um pijama de flanela, acendeu um charuto e cochilou.

Despertou com o barulho da família entrando em casa. Imediatamente vestiu seu traje e apareceu na sala para o chá.

Não saiu mais de casa naquela tarde, mas, depois do jantar, tornou a vestir seu traje — ele o havia tirado para jantar— e saiu sozinho para passear na praia. A essa altura, já concluíra que, aos poucos, se acostumaria ao traje das Highlands até torná-lo sua roupa de sempre. O luar estava claro e ele seguiu sem problemas pela trilha por entre as dunas, logo chegando à praia. A maré estava baixa e a areia, firme como pedra, de modo que caminhou para o sul até quase a ponta da baía. Ali se interessou por duas rochas isoladas um pouco além do limite das dunas e se pôs a caminhar até elas. Ao chegar perto da mais próxima, escalou-a, e, sentado ali em cima, a mais de cinco metros da areia, apreciou a adorável e pacífica paisagem. A lua começava a se erguer por trás do rochedo de Pennyfold e sua luz tocava apenas o topo da rocha mais remota das esporas a quinhentos metros dali. O restante das pedras estava coberto de sombras. Quando a lua ultrapassou o topo do rochedo, as pedras das esporas e depois a praia foram, aos poucos, inundadas de luz.

Durante um bom tempo, o senhor Markam ficou sentado observando o nascer da lua e o crescimento da zona de luz que se seguiu à sua ascensão. Depois, virou-se para leste e, apoiando o queixo na mão, voltou-se para o mar, deleitando-se com a paz, a beleza e a liberdade do cenário. O burburinho de Londres — a escuridão, o alvoroço e a exaustão da vida londrina — parecia ter ficado para trás, e ele viveu naquele momento uma vida mais livre e elevada. Olhou para a água reluzente que deslizava sobre a areia plana, chegando imperceptivelmente cada vez mais perto — a maré estava subindo. Nesse momento, ouviu um grito distante vindo da praia.

“Devem ser os pescadores gritando entre si”, pensou, olhando para os lados. Ao se virar, tomou um susto horrível. Naquele instante, uma nuvem passou na frente da lua e ele viu, apesar da escuridão à sua volta, sua própria imagem refletida. Por um momento, no topo da outra rocha, viu a cabeça calva e a boina de Glengarry com a imensa pena de águia. Ao dar um passo para trás, seu pé escorregou e ele começou a deslizar em direção à areia entre as duas pedras. Não se preocupou com a queda, porque a areia ficava apenas alguns metros abaixo e

seus pensamentos estavam ocupados com a imagem ou o simulacro de si mesmo, que já havia desaparecido.

Como forma mais fácil de chegar a *terra firma*, preparou-se para saltar o restante da distância. Tudo isso durou somente um segundo, mas o cérebro trabalha depressa. Quando tomava coragem para o pulo, viu a areia lá embaixo, que pouco antes parecera tão plana e lisa, balançar e estremecer de maneira estranha. Sentiu um medo súbito dominá-lo. Os joelhos ficaram bambos e, em vez de saltar, ele desgraçadamente foi deslizando pela pedra, arranhando as pernas nuas ao cair. Seus pés tocaram a areia e a atravessaram como se fosse água. Ele já estava afundado até os joelhos quando se deu conta de que se tratava de areia movediça.

Avidamente, ele se agarrou à pedra para evitar afundar mais. Por sorte, havia uma protuberância em que conseguiu se segurar instintivamente. Ali, pendurou-se em sombrio desespero. Tentou gritar, mas lhe faltou fôlego, até que, depois de grande esforço, sua voz saiu. Mais uma vez, gritou, e sentiu que o som da própria voz lhe dava nova coragem, de modo que conseguiu se segurar na pedra por mais tempo do que julgava possível, ainda que por puro desespero. Estava começando a sentir que suas mãos fraquejavam quando, alegria das alegrias, seu grito foi respondido por uma voz áspera logo acima.

— Meu Deus, cheguei a tempo.

Um pescador com grandes botas altas veio às pressas e subiu na pedra. No mesmo instante, o sujeito percebeu a gravidade do perigo e tentou animá-lo, dizendo:

— Força, homem! Estou indo.

Desceu pela pedra até encontrar um ponto de apoio. Com uma das mãos segurando mais acima na pedra, ele se inclinou e, agarrando o pulso de Markam, exclamou:

— Dê a mão! Segure firme!

O sujeito emprestou sua grande força e, com um puxão firme e vigoroso, ergueu-o para fora do atoleiro faminto e o colocou a salvo sobre a pedra. Sem lhe dar tempo sequer de respirar, puxou-o e empurrou-o, sem soltá-lo nem por um instante, da pedra até a areia firme, finalmente o levando, ainda trêmulo pela

magnitude do perigo, até mais acima na praia. Só depois o sujeito começou a falar:

— Bom homem! Não é que cheguei a tempo? Se eu não tivesse achado graça do seu traje e não tivesse logo começado a correr, o senhor ia chegar às entranhas da terra antes do meio-dia. O Wully Beagrie achou que o senhor fosse um fantasma, e o Tom MacPhail jurou que era só um duende em cima de um cogumelo. “Nada!”, falei. “É aquele besta do inglês, o maluco que parece que saiu de um museu de cera.” Eu havia achado estranho e engraçado, mas o senhor não tinha como saber da areia movediça. Gritei para avisar e depois corri para salvar o senhor, se fosse o caso. Graças a Deus, seja o senhor louco ou só meio bobo, cheguei a tempo.

Reverentemente, ele tirou a boina enquanto falava.

O senhor Markam ficou profundamente comovido e agradecido por ter escapado de uma morte horrível, mas a acusação de sua vaidade mais uma vez lhe feriu, diante da humildade do sujeito. Ele estava prestes a retrucar com irritação quando um grande temor reverente o dominou, ao lembrar as palavras de alerta do amalucado carteiro: “Vê a ti mesmo face a face, e te arrepende antes que a areia movediça te engula.”

Assim também ele se lembrou da imagem de si mesmo que vira e do súbito perigo da areia movediça que se seguira. Ficou um minuto em silêncio e, então, disse:

— Meu bom companheiro, eu lhe devo minha vida.

A resposta do rústico pescador veio com reverência:

— Não, não. O senhor deve a vida a Deus. Quanto a mim, fico feliz de ter sido o humilde instrumento de Sua misericórdia.

— Mas permita que eu lhe agradeça — redarguiu o senhor Markam, segurando as duas mãos enormes de seu salvador nas suas e as apertando firme. — Meu coração está muito carregado no momento e meus nervos, muito abalados, para que eu consiga dizer muita coisa. Acredite, porém, que eu lhe sou muito, muito grato.

Ficou evidente que o pobre velho estava profundamente comovido, pois havia lágrimas escorrendo em seu rosto.

O pescador disse com brusca contudo genuína cortesia:

— Bem, senhor, pode me agradecer, se quiser, se fizer bem ao seu pobre coração. Estou pensando que, se fosse comigo, eu também ficaria agradecido. Mas, senhor, por mim nem precisa agradecer. Estou contente assim, estou é muito contente.

O fato de Arthur Fernlee Markam ter ficado agradecido e aliviado se mostraria mais tarde. Depois de uma semana, entrou em Port Crooken a mais bela sumaca de pesca já vista no porto de Peterhead. Vinha completamente equipada, com velas e cabos de todos os tipos, e as melhores redes. O capitão e seus homens foram embora de trem, depois de deixarem com a esposa do pescador de salmão os papéis que passavam a propriedade da sumaca para ele.

Quando o senhor Markam e o pescador de salmão caminhavam pela praia, o primeiro pediu que seu companheiro não mencionasse o fato de que ele passara por aquele perigo iminente, já que aquilo só afligiria sua querida esposa e os filhos. Disse que os avisaria sobre a areia movediça e, com esse intuito, fez perguntas sobre o assunto até sentir que suas informações estavam completas. Antes de se despedir, perguntou ao companheiro se ele vira um segundo vulto, vestido da mesma forma, sobre a outra pedra, quando se aproximava para socorrê-lo.

— Não, não — respondeu. — Não existe outro bobo nesta região. Nem nunca existiu desde a época do Jamie Fleeman. Ele que era o bobo do Laird o' Udney. Ora, meu senhor! As pessoas se lembrariam se já tivessem visto um traje tão pagão quanto o seu. E acho que não é traje para se sentar na pedra fria, como o senhor fez. O senhor não tem medo do reumatismo ou do lumbago, sentando com a pele nua na pedra fria? Achei que o senhor fosse louco quando o vi pela manhã no porto, parecia ser louco ou idiota, ao que tudo indicava.

O senhor Markam não se deu ao trabalho de discutir. Como estavam perto de casa, convidou o pescador de salmão para um copo de uísque, que ele aceitou, e se despediram assim naquela noite. Ele teve a precaução de avisar toda a família sobre o atoleiro, contando apenas que ele mesmo passara certo apuro por lá.

Durante a noite inteira, não dormiu. Ouviu as horas baterem uma após a outra e, por mais que tentasse, não conseguiu pegar no sono. Repassou incessantemente o horrível episódio da areia movediça, desde o momento em que Saft Tammie rompera seu silêncio para pregar sobre o pecado da vaidade e alertá-lo. A pergunta estava sempre voltando em seu pensamento: “Será que sou tão vaidoso a ponto de ir às raias da loucura?” E a resposta sempre vinha nas palavras do profeta ensandecido: “Vaidade de vaidades! Tudo é vaidade. Vê a ti mesmo face a face, e te arrepende, antes que a areia movediça te engula.” De alguma forma, uma sensação de fatalidade começou a se formar em seu espírito, a de que ele ainda morreria naquele mesmo atoleiro, pois ali já se encontrara face a face consigo mesmo.

De madrugada, adormeceu, mas era evidente que continuava o mesmo assunto em seus sonhos. Foi acordado pela esposa, que disse:

— Durma sossegado. Aquele bendito traje escocês não lhe sai da cabeça. Pare de falar enquanto dorme, se possível.

Teve consciência de uma sensação de contentamento, como se um peso terrível fosse retirado de seus ombros, mas não entendeu o motivo. Perguntou à esposa o que dissera dormindo, a que respondeu:

— Você repetiu, Deus sabe quantas vezes, o suficiente para eu me lembrar: “Ainda não foi face a face! Eu vi a pena de águia atrás da cabeça calva! Ainda há esperança! Ainda não foi face a face!” Vá dormir! Por favor!

E então ele foi dormir, dando-se conta de que a profecia do velho louco ainda não se cumprira: não se encontrara face a face consigo mesmo. Pelo menos ainda não.

Acordou cedo com a criada que veio avisar que havia um pescador na porta que queria vê-lo. Vestiu-se o mais depressa que conseguiu — ainda não estava tão acostumado ao traje das Highlands — e desceu correndo, sem querer deixar o pescador esperando. Ficou surpreso e nada satisfeito ao descobrir que o visitante não era outro senão Saft Tammie, que imediatamente desatou a falar:

— Estava indo ao correio, mas pensei que podia passar uma hora com o senhor e vim só para ver se continua com a mesma vaidade da outra noite. Vejo que o senhor ainda não aprendeu a lição. Resolvi passar para ver se o senhor não fora de novo à areia movediça.

Após tais palavras, foi embora, deixando o senhor Markam consideravelmente contrariado, e as criadas que estavam por perto em vão tentaram disfarçar seus sorrisos. Ele havia decidido usar roupas comuns naquele dia, mas a visita de Saft Tammie fez com que voltasse atrás na decisão. Ele mostraria a todo mundo que não era covarde e continuaria o que havia começado. Quando desceu para o desjejum com a panóplia marcial completa, os filhos baixaram as cabeças e suas nucas ficaram muito coradas. Como, no entanto, nenhum deles deu risada — exceto Titus, o caçula, que teve um ataque histérico com soluços e foi logo mandado embora da mesa —, ele não pôde censurá-los, mas começou a quebrar seu ovo com ar austero e determinado. Foi um azar que a esposa, quando lhe passava a xícara de chá, tenha enganchado a renda de seu vestido num dos botões da manga dele e, como resultado, derrubado o chá quente em seus joelhos nus. Naturalmente, ele usou uma palavra ofensiva, ao que a esposa, algo irritada, desabafou:

— Bem, Arthur, se você quer fazer papel de idiota com essa fantasia ridícula, o que mais pode esperar? Você não está acostumado e nunca vai se acostumar.

Em resposta, ele começou um discurso indignado com “Minha senhora”, mas não foi além disso, pois a sra. Markam pretendia dizer tudo o que tinha a dizer. Não foram palavras agradáveis e, verdade seja dita, não foram pronunciadas de modo agradável. Uma esposa raramente é agradável quando decide dizer algumas verdades ao marido. O resultado foi que Arthur Fernlee Markam decidiu, ali mesmo, naquele momento, que, durante toda a sua estada na Escócia, não usaria outro traje além daquele que ela criticara. A esposa teve a palavra final, dada aos prantos:

— Muito bem, Arthur. Claro que você vai fazer como bem entender. Pode me fazer passar o vexame que quiser, mas vai

arruinar as opções das meninas para o resto da vida. Nenhum rapaz quer ter um sogro idiota. Mas devo avisá-lo que sua vaidade um dia pode vir a sofrer um forte abalo, isso se antes você não acabar no manicômio ou no cemitério.

Ficou claro após alguns dias que o senhor Markam fazia a maior parte de seus exercícios ao ar livre sozinho. As meninas de quando em quando iam caminhar com ele, principalmente de manhã bem cedo ou bem tarde da noite, ou quando chovia e não havia mais ninguém por perto. Elas diziam que queriam sair a qualquer hora, mas algo sempre acabava ocorrendo para as impedir. Os meninos nunca apareciam nessas ocasiões. Quanto à sra. Markam, ela se recusava a sair com ele sob qualquer pretexto enquanto continuasse a fazer papel de bobo. Aos domingos, ele se vestia com suas roupas comuns, pois considerava apropriadamente que a igreja não era lugar para desavenças; porém, na segunda-feira de manhã, retomava seu garbo escocês.

A essa altura, teria sido melhor chegar a um acordo e nem pensar mais no traje. Mas sua teimosia britânica era forte e ele não quis ceder. Saft Tammie ia visitá-lo todas as manhãs e, não conseguindo encontrá-lo e não havendo nenhum recado, costumava voltar à tarde, depois de entregar a mala postal, e esperava que ele saísse. Nessas ocasiões, ele nunca deixava de alertá-lo sobre sua vaidade com as mesmas palavras que usara da primeira vez. Alguns dias depois, o senhor Markam passou a vê-lo quase como uma praga.

Quando a semana terminou, a solidão parcial forçada, o desgosto constante e a melancolia infinita que a situação gerava começaram a deixar o senhor Markam doente. Ele era orgulhoso demais para se abrir com qualquer pessoa da família, uma vez que o haviam tratado tão mal. Não dormia bem à noite e, quando o fazia, tinha pesadelos constantes. Para provar a si mesmo que sua coragem não esmorecia, habituou-se a visitar o atoleiro ao menos uma vez por dia e raramente deixava de passar por lá toda noite antes de dormir. Talvez tenha sido esse hábito o que fundiu o atoleiro e sua terrível experiência para sempre em seus sonhos. Estes foram se tornando cada vez mais vívidos, até que,

ao acordar, algumas vezes mal sabia dizer se estivera em carne e osso visitando o fatídico local. Chegou a pensar que talvez fosse sonâmbulo.

Uma noite, o sonho foi tão vívido que, quando acordou, não pôde acreditar que tivesse sido apenas um pesadelo. Fechou os olhos diversas vezes, mas, a cada vez, a visão, se é que era uma visão, ou a realidade, se é que era realidade, erguia-se diante de seus olhos. A lua estava cheia e amarela sobre o atoleiro quando se aproximou. Viu a extensão de luz trêmula, perturbada e repleta de sombras negras, conforme a areia líquida estremecia, se enrugava e se espiralava, como de costume, entre as pausas de marmórea calma. Ao chegar bem perto, outro vulto se aproximou pelo lado oposto com passos idênticos. Ele viu que era seu próprio vulto, seu próprio ser, e em terror silencioso, compelido por uma força desconhecida, avançou, encantado como o pássaro pela serpente, mesmerizado ou hipnotizado, para encontrar seu outro eu. Quando sentiu a areia mole se fechar sobre seu corpo, acordou na agonia da morte, tremendo de medo e, por estranho que pareça, com a profecia do louco ecoando em seus ouvidos: “Vaidade de vaidades! Tudo é vaidade. Vê a ti mesmo face a face, e te arrepende, antes que a areia movediça te engula!”

Ficou tão convencido de que aquilo não era sonho que se levantou, mesmo muito cedo, e, vestindo-se sem incomodar a esposa, saiu e foi até a praia. Sentiu o coração afundar no peito ao se deparar com uma série de pegadas na areia, que imediatamente reconheceu como suas. Havia o mesmo salto largo, o mesmo bico quadrado. Não teve dúvida de que realmente estivera ali. Meio horrorizado, meio em estado de estupor onírico, seguiu as pegadas e notou que sumiam no limite do atoleiro. Ficou terrivelmente abalado, porque não havia pegadas de volta na areia, e sentiu que havia ali algum mistério pavoroso que não conseguia penetrar. Teve medo de que, se penetrasse, fosse seu fim.

Nesse estado de coisas, tomou duas atitudes erradas. Primeiro, não contou a ninguém sobre o problema. Como a família nem suspeitava daquilo, qualquer palavra ou expressão

inocente que usassem virava combustível no fogo devorador de sua imaginação. Além disso, começou a ler livros que diziam tratar dos mistérios dos sonhos e de fenômenos mentais em geral, e o resultado foi que todo tipo de ideia louca daqueles filósofos, lunáticos ou quase lunáticos, passou a germinar inquietação no solo fértil de seu cérebro desarranjado.

Assim, negativa e positivamente, todas as coisas começaram a cooperar para um fim comum. Um desses transtornos, não menos relevante, era Saft Tammie, que se tornara quase um ornamento de seu portão em determinadas horas do dia. Após algum tempo, interessando-se pela vida pregressa desse homem, fez perguntas sobre seu passado que apuraram o seguinte:

Saft Tammie, segundo todos acreditavam, era o filho de um *laird*, dono de terras de um condado na região do estuário do rio Forth. Frequentara o seminário da igreja, mas, por algum motivo que ninguém nunca soube, abandonou de repente os estudos e, chegando a Peterhead no tempo de sua prosperidade baleeira, arrumou serviço num navio. Nessa vida, entre idas e vindas, permaneceu por alguns anos, tornando-se aos poucos cada vez mais silencioso em seus hábitos, até que finalmente seus companheiros protestaram contra o imediato taciturno e ele foi trabalhar nas esmacas pesqueiras da frota do norte. Trabalhou muitos anos na pesca, sempre com a fama de ser meio louco, até que foi ficando de vez em Crooken, onde o *laird*, sem dúvida sabendo um pouco da história da família, arranhou-lhe um emprego que era praticamente uma pensão vitalícia. O ministro que deu essa informação terminou assim seu relato:

— É uma coisa muito estranha, mas ele parece ter mesmo algum tipo de dom peculiar. Se se trata da “segunda visão” em que nós, escoceses, somos tão propensos a acreditar ou de outro tipo de conhecimento oculto, não sei dizer, mas nunca ocorre um desastre ou algo do gênero por aqui sem que os homens que convivem com ele lembrem alguma frase dele que parecia prever a tal desgraça. Ele fica inquieto ou excitado quando a morte está próxima.

Isso de modo algum atenuou a preocupação do senhor Markam; pelo contrário, aparentemente imprimiu a profecia mais profundamente em seu espírito. De todos os livros que leu sobre esse seu novo tema de estudos, nenhum lhe interessou mais do que um alemão, *Die Döpplenganger*, do doutor Heinrich von Aschenberg, natural de Bonn. Ali, descobriu casos de homens que levavam uma existência dupla, com naturezas bastante distintas uma da outra, sendo o corpo sempre uma realidade com um espírito e um simulacro com o outro. Nem é preciso dizer que o senhor Markam considerou essa teoria perfeitamente aplicável ao seu caso. A visão que ele tivera de suas próprias costas na noite em que escapara do atoleiro, suas próprias pegadas desaparecendo na areia movediça sem que aparecessem as da volta, a profecia de Saft Tammie de que ele encontraria a si mesmo e morreria no atoleiro — tudo contribuiu para sua convicção de que ele encarnava em si mesmo um caso de *dopplegänger*.

Ciente da existência de vidas duplas, tomou medidas para prová-la em proveito próprio. Com esse intuito, uma noite, antes de dormir, escreveu seu nome com giz nas solas dos sapatos. Naquela noite, sonhou com a areia movediça e que a visitara — sonhou tão vividamente que, enquanto caminhava na madrugada, não podia acreditar que não estivesse mesmo lá. Ao despertar, sem incomodar a esposa, procurou os sapatos.

As assinaturas a giz estavam intactas. Ele se vestiu e saiu discretamente. Mas dessa vez a maré estava alta, de modo que ele cruzou pelas dunas e chegou à praia depois do atoleiro. Ali, horror dos horrores, ele viu suas próprias pegadas sumindo no abismo.

Chegou em casa desesperadamente triste. Parecia incrível que ele, um comerciante idoso, que passara uma vida inteira sem grandes acontecimentos dedicada aos negócios em plena Londres, vibrante e prática, pudesse se encontrar agora mergulhado no mistério e no horror e que fosse descobrir que vivia duas existências. Não podia falar de sua aflição nem com a própria esposa, pois sabia muito bem que ela, imediatamente, exigiria todos os detalhes dessa outra vida, a qual ela não

conhecia, e que logo passaria não apenas a imaginar, mas a acusá-lo, de todo tipo de infidelidades. Assim, sua melancolia foi ficando mais profunda. Certa noite de maré baixa e lua cheia, ele estava sentado esperando o jantar quando a criada anunciou que Saft Tammie estava criando caso lá fora porque não lhe deixavam entrar. Ele ficou muito indignado, mas não quis que a criada pensasse que escondia alguma coisa, portanto pediu que ela o trouxesse. Tammie veio, caminhando mais rispidamente do que nunca, com a cabeça erguida e uma expressão de vigorosa determinação em seus olhos, que geralmente fitavam o chão. Assim que entrou, ele disse:

— Vim ver o senhor mais uma vez. Aí está o senhor, sentado, parado feito uma cacatua no poleiro. Bem, homem, eu o perdoo. Lembre-se disto: eu o perdoo.

E, sem dizer outra palavra, virou-se e foi embora, deixando o dono da casa indignado e sem palavras.

Depois do jantar, ele decidiu fazer outra visita às areias movediças — não admitia nem para si mesmo que tinha medo de ir até lá. Por volta das nove horas, todo paramentado, caminhou até a praia e, passando as dunas, sentou-se na pedra mais próxima. A lua cheia estava atrás dele e sua luz iluminava a baía de modo que a orla de espuma, a silhueta escura do continente e as estacas das redes de salmão ficavam destacadas. Naquele clarão brilhante e amarelado, as luzes das janelas de Port Crooken e do castelo do *laird* ao longe tremulavam como estrelas pelo céu.

Por um longo tempo, ficou sentado inspirando a beleza do cenário e sua alma pareceu sentir uma paz que não conhecia havia muitos dias. Toda mesquinhez e irritação, bem como todos os temores infundados das últimas semanas, foram apagadas, e uma nova serenidade sagrada tomou seu lugar. Nesse estado de espírito, suave e solene, repassou calmamente suas últimas atitudes e sentiu vergonha de si mesmo por sua vaidade e pela teimosia que se seguira.

Naquele instante, decidiu que aquela seria a última vez que usaria o traje que o isolara de seus entes queridos e que lhe causara tantas horas e dias de desgosto, constrangimento e dor.

Mas, quase ao mesmo tempo que chegou a essa conclusão, outra voz pareceu falar de dentro dele e, debochadamente, perguntar se teria oportunidade de usá-lo de novo — e dizer que era tarde demais —, já que escolhera aquele caminho e agora devia lidar com a situação.

— Não é tarde demais — respondeu sua metade boa.

Convicto, levantou-se a fim de ir para casa e se livrar de vez do odioso traje. Parou para contemplar pela última vez a beleza da paisagem. A luz estava pálida e delicada, atenuando a silhueta de pedras, árvores e telhados, aprofundando as sombras em negror aveludado e iluminando, como uma chama fraca, a subida da maré, que deslizava como uma franja pela areia plana da praia. Desse modo, ele se abaixou na pedra e saltou para a praia.

Ao fazê-lo, entretanto, um assustador espasmo de horror lhe fez estremecer, e por um instante o sangue lhe subiu à cabeça e escureceu toda a luz da lua cheia. Mais uma vez, viu a imagem fatal de si mesmo se afastando do atoleiro da pedra oposta em direção à praia. O choque foi maior pelo contraste com o período de paz que ele acabara de passar. Com os sentidos quase paralisados, levantou-se e observou a visão fatal e a areia movediça enrugada, rastejante, que parecia se retorcer e ansiar por algo que a penetrasse. Dessa vez não houve engano, porquanto, embora a luz por trás deixasse o rosto na sombra, ele pôde ver as mesmas faces escanhoadas e o pequeno bigode de algumas semanas, igual ao seu. A luz incidiu no tartã chamativo e na pena de águia. Até o trecho de calvície de um dos lados da boina de Glengarry reluziu, assim como o broche de quartzo enfumaçado no ombro e os botões de prata. Observando-os, sentiu seus pés afundarem lentamente, ainda perto do limite do atoleiro, e deu um passo para trás. Ao fazê-lo, o outro vulto deu um passo à frente, de modo que o espaço entre eles fosse preservado.

Assim os dois ficaram de pé de frente um para o outro, numa espécie de fascínio bizarro. Com o sangue se avolumando no cérebro, Markam julgou ouvir as palavras da profecia: “Vê a ti mesmo face a face e te arrepende antes que a areia movediça te

engula.” Ele ficara face a face consigo mesmo e se arrependera. Agora afundava na areia movediça. O alerta e a profecia estavam se realizando.

Lá no alto as gaivotas gritaram, circulando sobre a franja da maré cheia, e o som inteiramente mortal fez com que voltasse a si mesmo. Nesse instante, recuou alguns passos rapidamente. Até então, só seus pés haviam afundado na areia macia. Ao fazê-lo, o outro vulto deu passos para a frente e, avançando nas garras mortais do atoleiro, começou a afundar. Pareceu a Markam estar assistindo a si mesmo afundar na morte, e a angústia de sua alma se extravasou num grito terrível. Houve ao mesmo tempo um grito terrível vindo do outro vulto, e quando Markam estendeu as mãos para cima o outro fez o mesmo.

Com olhos horrorizados, viu-o afundar mais na areia movediça e, impelido por uma força que desconhecia, avançou em direção ao atoleiro para encontrar seu destino. Mas, quando seu pé da frente começava a afundar, ouviu outra vez os gritos das gaivotas, que pareceram despertar seus sentidos adormecidos. Com tremendo esforço, tirou o pé da areia, que parecia agarrá-lo, deixando o sapato para trás. Com puro terror, virou-se e correu para longe dali, só parando quando lhe faltaram fôlego e força, e se deixou cair quase desmaiado na trilha de grama entre as dunas.

* * *

Arthur Markam resolvera não contar nada à família sobre sua terrível aventura, ao menos enquanto não se sentisse completamente no controle de si mesmo. Agora que o duplo fatal, seu outro eu, fora engolido pela areia movediça, sentiu outra vez algo parecido com sua antiga paz de espírito.

Naquela noite, dormiu profundamente e não teve nenhum sonho. Pela manhã, estava outra vez o mesmo de sempre. De fato, parecia que seu eu mais recente e pior havia desaparecido para sempre. Por estranho que pareça, Saft Tammie se ausentou de seu posto naquela manhã e nunca mais apareceu por lá, mas continuou sentado em seu velho banco olhando para o vazio, como sempre, com olhos opacos. De acordo com sua decisão,

nunca mais voltou a usar o traje das Highlands. Certa noite, todavia, fez com ele um fardo, com *claymore*, *dirk*, *philibeg* e tudo o mais e, secretamente, atirou-o no atoleiro. Com uma sensação de intenso prazer, viu o fardo afundar na areia movediça, que se fechou, lisa como mármore, na superfície. Depois, voltou para casa e avisou animadamente à família reunida para a oração da noite:

— Muito bem, meus queridos, vocês vão gostar de saber que abandonei a ideia de usar o traje escocês. Agora vejo que fui um velho louco e vaidoso, bem como o ridículo que passei. Vocês nunca mais verão aquele traje.

— Onde o senhor o guardou, meu pai? — perguntou uma das garotas, querendo dizer alguma coisa para que o anúncio do sacrifício do pai não passasse em absoluto silêncio. A resposta foi tão delicada que a menina se levantou da cadeira, aproximou-se do pai e o beijou. Ele disse o seguinte:

— Na areia movediça, minha querida. E espero que o pior de mim fique enterrado lá também para sempre.

* * *

O restante do verão se passou em Crooken, para o deleite de toda a família. Quando voltaram à cidade, o senhor Markam havia quase esquecido o incidente do atoleiro e tudo relacionado àquilo quando recebeu uma carta de MacCallum More que lhe deu muito o que pensar, ainda que não tenha comentado nada com a família, e a qual ele deixou, por alguns motivos, sem resposta. A carta dizia o seguinte:

MacCallum More e Roderick MacDhu
Mercado de Tartãs Escoceses em Lã Pura
Cophall Court, E.C.
30 de setembro de 1892.

Prezado senhor, espero que perdoe a liberdade que tomo em lhe escrever, mas desejo fazer uma pergunta e fui informado de que o senhor passou o verão em Aberdeenshire, Escócia. Meu sócio, o senhor Roderick MacDhu — tal como aparece por razões comerciais na nossa placa e em nossos anúncios, já que

seu nome verdadeiro é Emmanuel Moses Marks, de Londres —, foi no início do mês passado à Escócia para um passeio. Como, no entanto, só recebi uma única carta dele, pouco depois da partida, estou com receio de que alguma desgraça possa ter ocorrido.

Como não consegui obter notícias dele depois de fazer tudo o que estava ao meu alcance, resolvi recorrer ao senhor. A carta dele foi escrita num estado de espírito profundamente melancólico e menciona o receio de ser mal-interpretado por desejar parecer um escocês em terras escocesas, pois, durante uma noite de lua, pouco depois de chegar, ele teria visto seu próprio espírito. Evidentemente, aludia ao fato de que, antes de partir, ele fizera para si mesmo um traje escocês semelhante ao que tivemos a honra de fornecer ao senhor, com o qual, como talvez o senhor se lembre, ele ficara muito impressionado. Talvez, no entanto, ele não tenha chegado jamais a usar o traje, pois se sentia, como ele mesmo me disse, inseguro ao vesti-lo, e chegou a ponto de me contar que, a princípio, só arriscaria usá-lo tarde da noite ou bem cedo pela manhã, mesmo assim apenas em lugares ermos, até que se acostumasse com o traje.

Infelizmente, ele não me informou o percurso da viagem, de modo que me encontro na total ignorância de seu paradeiro. Resolvi perguntar se o senhor viu ou ouviu falar de alguém com um traje escocês semelhante ao seu, em algum lugar na região onde recentemente me disseram que o senhor adquiriu a propriedade que ocupou no verão. Dispensio resposta a esta carta, a não ser que o senhor possa me dar alguma informação sobre meu amigo e sócio, portanto não se dê ao trabalho de escrever se não for o caso. Sinto-me inclinado a pensar que talvez ele estivesse na mesma região que o senhor, pois, embora a carta dele não esteja datada, o envelope tem o carimbo do correio de Yellon, que creio ser em Aberdeenshire, e não muito longe de Mains of Crooken.

Tenho a honra, prezado senhor, de seguir sendo,
Respeitosamente, seu

JOSHUA SHEENY COHEN BENJAMIN
(MacCallum More.)

Sobre o autor

Abraham “Bram” Stoker nasceu em 1847, na Irlanda. Era amigo de Henry Irving, com quem trabalhou na administração do Lyceum Theatre de Londres. Escreveu diversos livros além da obra-prima *Drácula* (1897) e se dedicou também a adaptações para o teatro. Bram Stoker faleceu em Londres, em 20 de abril de 1912.

DIREÇÃO EDITORIAL
Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL
Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL
Adriana Torres
Pedro Staite

REVISÃO
Luisa Suassuna

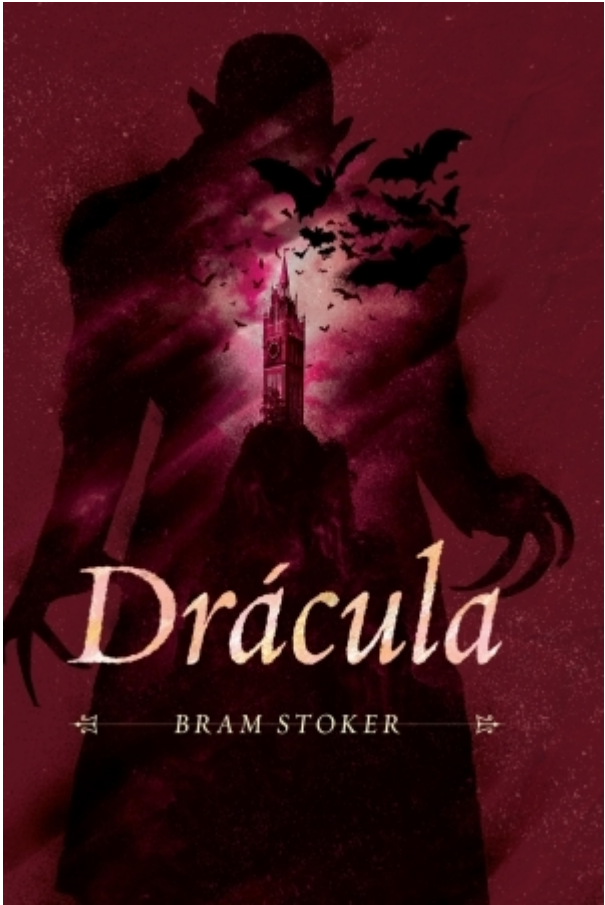
REVISÃO DE TRADUÇÃO
Frederico Hartje

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO
Larissa Fernandez Carvalho

DIAGRAMAÇÃO
Filigrana

CAPA
Rafael Nobre

PRODUÇÃO DO EBOOK
Ranna Studio



Drácula

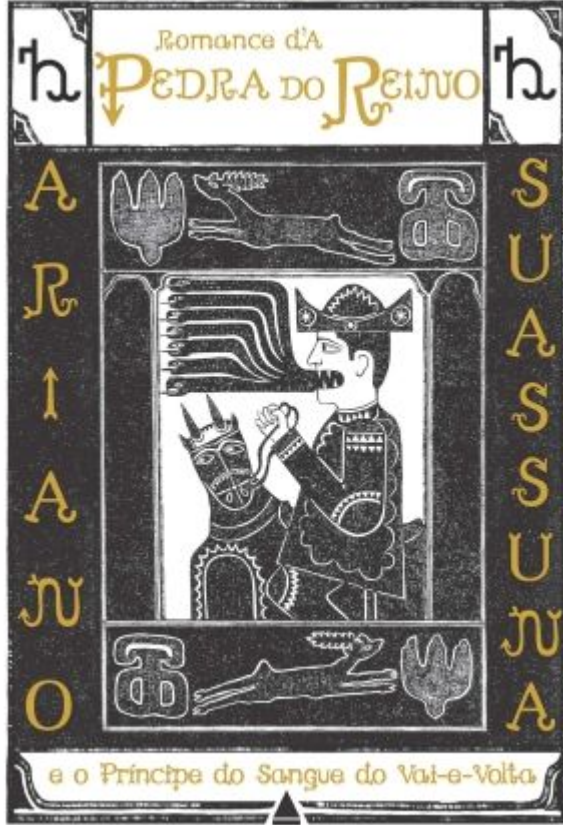
Stoker, Bram
9788520921944
446 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Nunca um papel influenciou e dominou tanto a performance do ator como o de Drácula. Ele, em algumas vezes, infundia-me com prosperidade e, em outras, sugava-me tudo."

Bela Lugosi, ator que consagrou o papel de Drácula no cinema Bram Stoker foi magistral ao criar uma narrativa que, por meio de cartas, diários e telegramas, conta como um grupo se vê enredado na trama de um sinistro conde. Eles decidem então perseguir e destruir essa terrível criatura que encarcera e seduz suas vítimas, para depois lhes sugar o sangue. Drácula: arquétipo do mal, não há quem não conheça esse nome. Escrita há mais de cem anos, a história do vampiro mais célebre e mais aterrorizante do mundo ainda hoje ganha novas adaptações para cinema, quadrinhos, teatro e dança. Aqui em versão integral, o romance original do escritor irlandês inspira-se tanto na história de Vlad Tepes, sanguinário príncipe da Romênia que viveu no século XV, quanto em lendas sobre esse personagem e sobre vampiros.

[Compre agora e leia](#)



EDIÇÃO
NOVA
FRONTIS

Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta

Suassuna, Ariano
9788520941416
770 páginas

[Compre agora e leia](#)

O romance de Ariano Suassuna, publicado originalmente em 1971, narra a história de Dom Pedro Dinis Ferreira, o Quaderna, apresentando seu memorial de defesa perante o corregedor, uma vez que foi preso por subversão em Taperoá, interior da Paraíba. O narrador-personagem conta a saga de sua família e se declara descendente de legítimos reis brasileiros, castanhos e "cabras" da Pedra do Reino do Sertão, sem relação com os "imperadores estrangeirados e falsificados da Casa de Bragança". Fala ainda do seu envolvimento com as lutas e desavenças políticas, literárias e filosóficas no seu reino.

[Compre agora e leia](#)



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Farsa da boa preguiça

Suassuna, Ariano
9788520945421
272 páginas

[Compre agora e leia](#)

A "Farsa da Boa Preguiça" compõe a trindade das peças mais representativas da dramaturgia de Ariano Suassuna, junto com o "Auto da Compadecida" e "A Pena e a Lei", e, como elas, bebe na fonte do universo mítico e poético do Romanceiro Popular Nordestino. Montada pela primeira vez em 1961, a peça foi inteiramente escrita em versos, e traz, como um dos seus protagonistas, o poeta popular Joaquim Simão, escritor de cordel, cantador e adepto do ócio criativo — a boa preguiça de Deus, contrária à preguiça do Diabo. Peça preferida do próprio autor, a "Farsa" conserva o tom irônico e bem-humorado das comédias de Ariano e é considerada por parte da crítica como "a súpula de todo o seu teatro".

[Compre agora e leia](#)

EDIÇÃO
ESPECIAL E
LIMITADA

COLEÇÃO
CLÁSSICOS
DE
OURO

EDITORA
NOVA
FRONTURA

EDGAR
ALLAN POE
CONTOS
DE TERROR,
DE MISTÉRIO E
DE MORTE



Contos de terror, de mistério e de morte

Allan Poe, Edgar
9788520941720
240 páginas

[Compre agora e leia](#)

Com esta coletânea, o leitor entrará em contato com alguns das melhores histórias da obra de Edgar Allan Poe, considerado o criador do conto policial. Nelas, associam-se medos reais a casos extraordinários, e o resultado é espetacular e surpreendente. Neste Contos de terror, de mistério e de morte estão reunidas algumas de suas melhores narrativas e, dialogando com elas, ao final do volume, o aclamado poema "O corvo", que se tornou emblemático da produção literária do autor norte-americano. Como resultado temos uma coletânea em que se associam medos reais a casos extraordinários, o espetacular e o surpreendente em concentradas doses do mais puro terror.

[Compre agora e leia](#)

PREFÁCIO DE GUSTAVO CERBASI

A ARTE DA GUERRA

OS TREZE CAPÍTULOS COMPLETOS



SUN TZU

Ediouro

A arte da guerra

Tzu, Sun
9788520926307
112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Milenar tratado militar de Sun Tzu, *A Arte da Guerra* é tão compreensível e atual que se tornou um texto clássico. Acredita-se, inclusive, que o livro tenha sido usado ao longo dos tempos por estrategistas militares como Napoleão, Adolf Hitler e Mao Tse Tung. Hoje, o livro migrou das estantes dos estrategistas para a dos economistas, administradores, políticos, vendedores, empresários e todos aqueles cuja meta é a vitória – em todos os níveis. Nesta edição, além dos 13 capítulos completos, o leitor vai se aprofundar no tema com a riquíssima introdução dos professores Antonio J. B. de Menezes Júnior e Chen Tsung Jye, ambos do curso de chinês do Departamento de Letras Orientais da USP. Outro diferencial é o prefácio de Gustavo Cerbasi, autor de best-sellers na área de negócios como *Casais Inteligentes Enriquecem Juntos* e *Investimentos Inteligentes*.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Prefácio](#)

[O hóspede de Drácula](#)

[A casa do juiz](#)

[A Índia](#)

[O segredo do ouro crescente](#)

[A profecia da cigana](#)

[A vinda de Abel Behenna](#)

[O enterro dos ratos](#)

[Sonho com mãos vermelhas](#)

[Crooken Sands](#)

[Sobre o autor](#)

[Ficha técnica](#)